

ESCOLA SUPERIOR DE TEOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM TEOLOGIA

WALTER NEI PEREIRA

TEMAS BÍBLICOS NA ESCOLA DOMINICAL DA IGREJA ASSEMBLÉIA DE DEUS
(2000 – 2009): AVALIAÇÃO TEOLÓGICA E PERSPECTIVAS

São Leopoldo

2011

WALTER NEI PEREIRA

TEMAS BÍBLICOS NA ESCOLA DOMINICAL DA IGREJA ASSEMBLÉIA DE DEUS
(2000 – 2009): AVALIAÇÃO TEOLÓGICA E PERSPECTIVAS

Trabalho Final de
Mestrado Profissional
Para obtenção do grau de
Mestre em Teologia
Escola Superior de Teologia
Programa de Pós-Graduação
Linha de Pesquisa: Leitura e Ensino
da Bíblia

Orientador: Prof. Dr. Roberto E. Zwetsch

São Leopoldo

2011

RESUMO

Esta dissertação apresenta uma avaliação teológica e perspectivas para a hermenêutica pentecostal, a partir dos temas bíblicos estudados na Escola Dominical da *Igreja Assembléia de Deus*, entre os anos de 2000 e 2009. O primeiro capítulo discorre sobre o Movimento Pentecostal e a Assembléia de Deus no Brasil. O pentecostalismo surge nos Estados Unidos em 1901, sob influência, principalmente, da pregação metodista da “segunda bênção”, associada ao batismo no Espírito Santo, buscando restaurar a experiência vivida pela igreja cristã, nos tempos apostólicos. A Assembléia de Deus brasileira tem sua origem em Belém (PA), em 1911, a partir do trabalho de dois missionários suecos, Daniel Berg e Gunnar Vingren, influenciados pelo movimento pentecostal norte-americano. Após décadas de constante crescimento, representa hoje cerca de 30% dos evangélicos brasileiros, estando presente em todas as regiões do país. Num segundo momento, são apresentadas reflexões de vários autores, acerca da teologia e do princípio pentecostal. O segundo capítulo trata da leitura pentecostal da Bíblia, relacionando os assuntos estudados na Escola Dominical e avaliando teologicamente os temas mais relevantes: Inspiração da Bíblia Sagrada, Volta de Jesus, Disciplinas da Vida Cristã, Jesus, Batismo com o Espírito Santo, Teologia da Prosperidade, Curas e Milagres. O terceiro capítulo observa que a leitura bíblica praticada pela Assembléia de Deus é direcionada por uma hermenêutica pentecostal *conservadora e experimental*. Conclui, em termos de perspectiva contemporânea, propondo a adoção de duas outras ênfases: a *diaconal* e a *profética*, traduzidas como a disponibilidade em servir à Igreja e à comunidade, denunciar as mazelas sociais e buscar a justiça e a paz, preparando o povo de Deus para o serviço cristão, a fim de construir o corpo de Cristo na realidade brasileira.

Palavras-chave: Movimento Pentecostal, Assembléia de Deus, Escola Dominical, Hermenêutica Pentecostal.

ABSTRACT

This dissertation presents a theological evaluation and perspectives for the Pentecostal hermeneutics, from the biblical themes studied in Sunday School *Assembly of God Church*, between the years of 2000 and 2009. The first chapter discusses the Pentecostal Movement and the Assembly of God in Brazil. Pentecostalism emerged in the United States in 1901, influenced mainly by the "second blessing" Methodist preaching associated with the baptism in the Holy Spirit, seeking to restore the lived experience of the Christian church in apostolic times. The Brazilian Assembly of God has its origin in Belem (PA), in 1911, from the work of two Swedish missionaries, Daniel Berg and Gunnar Vingren, influenced by the American Pentecostal movement. After decades of steady growth, it currently represents about 30% of the Brazilian evangelicals, being present in all the regions of the country. In a second moment, reflections of some authors are presented about theology and Pentecostal principle. The second chapter deals with the Pentecostal reading of the Bible, relating the subjects that were taught in the Sunday School and theologically evaluating the most relevant topics: Inspiration of the Holy Bible, Return of Jesus, Disciplines of Christian Life, Jesus, Baptism with the Holy Spirit, Theology of Prosperity, Healing and Miracles. The third chapter says that Bible reading practiced by the Assembly of God is guided by a *conservative* and *experimental* Pentecostal hermeneutics. It concludes, in terms of contemporary perspective, proposing the adoption of two other emphases: the *diaconal* and *prophetic*, both translated as the willingness to serve the Church and the community, to denounce the social ills and to seek for justice and peace, preparing the people of God for the Christian service, in order to build the body of Christ in the Brazilian reality.

Keywords: Pentecostal Movement, Assembly of God, Sunday School, Pentecostal Hermeneutics.

AGRADECIMENTOS

A Jesus,
razão maior de nossa existência.

À Daniela,
meu amor, amiga e companheira.

Às filhas queridas, Sofia e Vitória,
que sempre compreenderam minhas ausências.

Ao Prof. Dr. Roberto E. Zwetsch,
pelas orientações e sugestões sempre oportunas.

Aos colegas e professores do Mestrado Profissional,
pela experiência enriquecedora.

À Assembléia de Deus,
igreja na qual pude experimentar o amor e a graça de Deus.

O vento assopra onde quer, e ouves a sua voz,
mas não sabes de onde vem, nem para onde vai.
Assim é todo aquele que é nascido do Espírito.
– Jesus Cristo, *Bíblia Sagrada* (Jo 3.8).

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	8
1 O MOVIMENTO PENTECOSTAL E A ASSEMBLÉIA DE DEUS NO BRASIL	11
1.1 Antecedentes do Movimento Pentecostal	11
1.2 Retrospectiva histórica das Assembléias de Deus no Brasil	13
1.3 Reflexões sobre a Teologia Pentecostal: o princípio pentecostal	21
2 LEITURA PENTECOSTAL DA BÍBLIA	28
2.1 Temas mais freqüentes: doutrinas bíblicas	28
2.2 Avaliação teológica: chaves de leitura bíblica	46
3 HERMENÊUTICA PENTECOSTAL E PERSPECTIVAS CONTEMPORÂNEAS	55
3.1 Características marcantes da hermenêutica pentecostal	56
3.2 Perspectivas contemporâneas da hermenêutica pentecostal	59
CONSIDERAÇÕES FINAIS	71
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	75
APÊNDICES	83

INTRODUÇÃO

A Igreja Assembléia de Deus é a maior representante do pentecostalismo no Brasil.¹ A partir de um início humilde, na cidade de Belém (PA), em 1911, ela tem divulgado, de norte a sul do país, a mensagem de renovação espiritual, associada à crença na atualidade da experiência vivida pela igreja primitiva no “dia de Pentecostes” (Atos 2.1).

O presente trabalho se propõe a fazer uma análise hermenêutica da teologia pentecostal da Assembléia de Deus, nos últimos 10 anos, a partir dos temas bíblicos mais estudados na Escola Dominical. Nesta igreja, a escolha dos temas é centralizada e divulgada, a cada trimestre, através de um pequeno livro, denominado *Lições Bíblicas*,² editado pela Casa Publicadora das Assembléias de Deus (CPAD), situada na cidade do Rio de Janeiro, cuja diretoria é nomeada pela Convenção Geral, órgão máximo, com abrangência nacional. Optou-se pela delimitação do período de análise entre os anos de 2000 e 2009 por nos parecer tempo suficiente para uma razoável visão em perspectiva, da situação e da realidade atual do ensino teológico pentecostal assembleiano.

A importância deste estudo está em lançar um olhar sobre as razões que fundamentam a escolha de um determinado tema, talvez refletindo novos rumos ou mudanças pelas quais a denominação está passando. Ademais, tendo atuado como professor da Escola Dominical da congregação local nos últimos 15 anos, o que se pretende aqui é contribuir para a formação de um corpo de conhecimento sobre os fundamentos doutrinários do movimento pentecostal no Brasil. Observa-se que a Assembléia de Deus apresenta, ao longo de sua história, escassa produção intelectual, apesar de sua relevância no meio evangélico.

Assim, o objetivo geral da pesquisa consistiu em auscultar a leitura pentecostal da Bíblia na Igreja Assembléia de Deus, a partir dos tópicos estudados na Escola Dominical, na última década, relacionando-os com o contexto histórico-social da denominação. Assumimos a

¹ Estima-se que a Igreja Assembléia de Deus, no Brasil, tenha cerca de 11 milhões de membros. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, p.20, 15 ago. 2011. Trata-se de uma projeção elaborada a partir dos dados do Censo IBGE (2000), [cf. nota n. 48], considerando-se que ainda não foram disponibilizados os números do último recenseamento (2010).

² LIÇÕES BÍBLICAS. Rio de Janeiro: CPAD, trimestral, jan.2000/dez.2009.

hipótese de que este influi na escolha dos assuntos, refletindo uma leitura particular da Bíblia,³ sob a ótica de um segmento importante do movimento pentecostal no Brasil.

Como objetivos específicos buscou-se: a) identificar os assuntos proeminentes no currículo da Escola Bíblica Dominical; b) inquirir sobre os motivos que fazem com que temas, freqüentes no passado, hoje estejam ausentes e vice-versa; c) pesquisar o enfoque hermenêutico utilizado na abordagem dos temas mais destacados no período estudado.

Assim sendo, as seguintes perguntas balizaram os procedimentos da pesquisa: a) Quais os assuntos mais estudados na Escola Dominical da *Igreja Assembléia de Deus*, nos últimos 10 anos? b) Por que alguns temas são mais freqüentes que outros? c) Como os assuntos estudados refletem a leitura pentecostal da Bíblia feita pela *Igreja Assembléia de Deus* e seus membros? d) Por que temas importantes no passado hoje estão ausentes nesse currículo ou se tornaram irrelevantes?

Num primeiro momento, foi realizado um levantamento dos principais assuntos estudados na Escola Dominical, a partir do material impresso ali utilizado, as revistas *Lições Bíblicas*. Todas as revistas foram escritas por autores brasileiros, ainda que em número relativamente pequeno, mas sempre vinculados à denominação. Ou seja, é possível inferir, com razoável segurança, que as idéias ali defendidas representam ou refletem as concepções da liderança e dos teólogos da Assembléia de Deus. A respeito da teologia pentecostal, foram consultadas, entre outras, obras editadas pela Casa Publicadora das Assembléias de Deus (CPAD), tais como: o *Dicionário do Movimento Pentecostal*,⁴ de Isael de Araújo; *Teologia Sistemática: uma perspectiva pentecostal*,⁵ editada por Stanley M. Horton e *Teologia Sistemática Pentecostal*,⁶ editada por Antonio Gilberto. Para a retrospectiva história da Assembléia de Deus foram consultadas as biografias dos pioneiros Daniel Berg⁷ e Gunnar Vingren.⁸

O trabalho foi dividido em três capítulos, além da introdução e das considerações finais.

³ Conforme Zabatieiro, a leitura popular da Bíblia propõe um novo sujeito de interpretação, novos espaços de pesquisa, novas metodologias e nova perspectiva para a exegese. ZABATIERO, Júlio P. T. Novos rumos na pesquisa bíblica. *Estudos Teológicos*. São Leopoldo: Sinodal, v. 46, n. 1, 2006, p. 25.

⁴ ARAUJO, Isael de. *Dicionário do Movimento Pentecostal*. Rio de Janeiro: CPAD, 2007.

⁵ HORTON, Stanley M. (Ed.). *Teologia Sistemática: uma perspectiva pentecostal*. Rio de Janeiro: CPAD, 2008.

⁶ GILBERTO, Antonio. (Ed.) *Teologia Sistemática Pentecostal*. Rio de Janeiro: CPAD, 2008.

⁷ BERG, Daniel. *Enviado por Deus: memórias de Daniel Berg*. Rio de Janeiro: CPAD, 1982.

⁸ VINGREN, Ivar. *Gunnar Vingren: O Diário do pioneiro*. Rio de Janeiro: CPAD, 1973.

No primeiro, é apresentado um panorama do movimento pentecostal; o surgimento da Igreja *Assembléia de Deus* no Brasil e algumas reflexões sobre a teologia e o princípio pentecostal. Este capítulo é importante porque apresenta historicamente as raízes da igreja no Brasil e as condições mediante as quais foi se gestando uma teologia pentecostal no contexto brasileiro, inclusive vencendo certa resistência contra o estudo e aprofundamento teológicos. É esta visão histórica que fornece as bases para a leitura pentecostal da Bíblia – como ela é praticada na *Assembléia de Deus no Brasil* –, assunto do segundo capítulo. Neste, são expostos de forma resumida os temas estudados na Escola Dominical, ao longo da década. A seguir, buscou-se avaliar teologicamente os assuntos mais freqüentes, os quais constituíram chaves de leitura bíblica. No terceiro e último capítulo, foram elencadas as características marcantes da hermenêutica pentecostal. Ao mesmo tempo, foram visualizadas possíveis perspectivas contemporâneas para essa hermenêutica.

Não se pretende exaurir a questão ou apresentar soluções definitivas para os problemas levantados. Modestamente, o que se propõe é uma análise da leitura pentecostal da Bíblia, em sintonia com a *práxis* do evangelho de Cristo, neste início de século. Com isto se quer contribuir para a igreja e sua caminhada histórica na terra brasileira, buscando sempre maior fidelidade ao evangelho na força do Espírito que move o seu povo.

1 O MOVIMENTO PENTECOSTAL E A ASSEMBLÉIA DE DEUS NO BRASIL

1.1 Antecedentes do Movimento Pentecostal

Durante séculos a Igreja cristã, tanto em sua vertente católica quanto protestante, adotou a *teoria cessacionista*, defendida por Agostinho, segundo a qual “os dons [*charismata*] espetaculares do Espírito Santo haviam cessado ainda na igreja primitiva e que, com a definição do cânon das Escrituras, eles não eram mais necessários”.⁹

Contudo, ao longo da história cristã sempre ocorreram avivamentos, renovações e reformas. O metodismo, de John Wesley, é um exemplo. Pois grande parte da teologia básica do movimento pentecostal está diretamente ligada ao metodismo¹⁰, de quem aprenderam que há duas *bênçãos* disponíveis aos crentes. A primeira, a justificação pela fé, era também chamada *novo nascimento*. A segunda bênção era visualizada sob dois aspectos, ora como santificação plena – experiência *instantânea* que concedia vitória sobre o pecado –, ora como perfeito amor – em relação a Deus e aos homens. John Fletcher, colega de Wesley, foi o primeiro a denominá-la *batismo no Espírito Santo*, bênção que “concedia poder espiritual e purificação interior a quem a recebia”.¹¹

Assim, quando o pentecostalismo surge nos Estados Unidos, em 1901, já existiam havia pelo menos um século movimentos (como o movimento de santidade *holiness* metodista) que enfatizavam a *segunda bênção*, também chamada de *batismo no Espírito Santo*.

O movimento pentecostal espalhou-se pelos Estados Unidos, principalmente a partir da pregação de Charles F. Parham, ministro metodista, que propunha-se a restaurar a essência do cristianismo vivido pela igreja dos tempos apostólicos. Para tanto, baseava seu ensino na passagem bíblica de Atos 2, declarando que o falar em línguas era a evidência bíblica para o batismo no Espírito Santo. Começou a utilizar nomes tradicionais aplicados ao moderno

⁹ SYNAN, Vinson. *O Século do Espírito Santo*. São Paulo: Vida, 2009, p. 37.

¹⁰ O Pietismo, movimento de renovação espiritual da Igreja, no século XVII, também influenciou o pentecostalismo, em suas origens, ao elaborar uma nova espiritualidade voltada para a prática e caracterizada pela interiorização e individualização da fé. TESSMANN, Mário F. Pietismo. In: *Dicionário Brasileiro de Teologia*. São Paulo: ASTE, 2008, p. 787.

¹¹ SYNAN, 2009, p. 16

pentecostalismo, como “movimento pentecostal” e “movimento da fé apostólica”.¹²

Grandes centros urbanos norteamericanos foram alcançados pelo movimento pentecostal, a partir de 1906, tendo como centro irradiador a cidade de Los Angeles e a pregação de William. J. Seymour, discípulo de Parham, cuja congregação reunia-se num edifício simples, situado na Rua Azusa, 312. De fato, “quase todas as denominações pentecostais dos Estados Unidos têm suas raízes, de uma maneira ou de outra, na Missão da Fé Apostólica da Rua Azusa”.¹³ Os cultos ali realizados notabilizaram-se pela harmonia inter-racial, numa admirável exceção ao racismo e à segregação da época. Qualquer um podia tomar a palavra, mesmo durante o culto, numa atmosfera de total liberdade de adoração e liturgia, em reuniões que se prolongavam ininterruptas pelas vinte e quatro horas do dia. “O fenômeno que reunia brancos e negros para adoração, sob a liderança de um pastor negro, parecia inacreditável para quem estava de fora”.¹⁴

Infelizmente, essa harmonia racial não perdurou. Basta citar que a *Igreja Assembléia de Deus*, nos Estados Unidos, foi organizada em 1914, como uma denominação de ministros pentecostais brancos, oriundos da *Igreja de Deus em Cristo*. Tal fato ocorreu porque eles estavam descontentes com seu pastor, Charles H. Mason, que não aceitava a separação de cristãos baseada em diferenças raciais.¹⁵

Naqueles tempos, a característica mais marcante do pentecostalismo foi a premência na tarefa de evangelizar o mundo antes do retorno iminente de Jesus Cristo. Os pentecostais afirmavam que o Espírito Santo prepararia uma nova classe de missionários, através do dom de línguas, os quais não precisariam aprender nenhum idioma estrangeiro, evitando assim anos de

¹² SYNAN, 2009, p. 67.

¹³ ARAUJO, 2007, p. 607.

¹⁴ SYNAN, 2009, p. 19.

¹⁵ É necessário acrescentar que a formação das Assembléias de Deus também foi influenciada pela teologia da “obra consumada”, defendida por William F. Durham, que recebeu o batismo com o Espírito Santo na Missão da Rua Azusa, em 1907. Esse ensino contrariava a doutrina *holiness* da santificação plena (instantânea) como segunda obra da graça, posterior à conversão (novo nascimento). Para Durham, quando Cristo disse “Está consumado”, tudo ali se cumpriu: salvação, santificação, cura e batismo com o Espírito Santo. A salvação é um processo *gradual*, não instantâneo: a obra santificadora de Cristo é completada durante a vida do crente. Em 1916, uma grande controvérsia interna nas Assembléias de Deus originou o movimento do pentecostalismo unicista, segundo o qual Jesus é a única pessoa da divindade, e os termos Pai, Filho e Espírito Santo nada mais são que títulos inventados pela Igreja Católica, a partir do *Credo Niceno*, no ano de 325. Os líderes do movimento ensinavam que o único batismo (em água) válido era o por imersão e “em nome de Jesus” e que o dom de línguas era necessário para a salvação. Cf. SYNAN, 2009, p. 20, 91 e 145.

estudo formal. Ainda que essa compreensão não tenha prevalecido, houve uma notável expansão do pentecostalismo desde os primeiros centros de avivamento. A região do mundo em que se espalhou com maior rapidez foi a América Latina. Iniciando pelo Chile e pelo Brasil, os pentecostais experimentaram um crescimento espantoso, depois da Segunda Guerra Mundial.

As novas igrejas que surgiam vieram a adotar códigos rigorosos de santidade, refletindo suas raízes no movimento de santidade wesleyano.¹⁶ Assim, proibiam aos seus membros o fumo, as bebidas alcoólicas e a freqüência ao teatro e a outros lugares considerados “mundanos”. Também havia restrições a esportes, adornos exteriores e roupas indecentes.¹⁷

O testemunho-padrão dos primeiros pentecostais era: “Eu fui salvo, santificado e cheio com o Espírito Santo”. Posteriormente, a essas três obras da graça, foram acrescentadas a cura divina, como parte da obra expiatória, e a doutrina pré-milenarista da segunda vinda de Cristo, para arrebatá-la Igreja no fim dos tempos. Este era o “evangelho quántuplo”, cujos ensinamentos formaram a base doutrinária da maioria das igrejas do mundo pentecostal.

A seguir, procura-se apresentar, de forma resumida e despretensiosa, a trajetória da *Igreja Assembléia de Deus* em terras brasileiras, desde sua fundação, há cem anos atrás, até nossos dias.

1.2 Retrospectiva histórica das Assembléias de Deus no Brasil

A *Igreja Assembléia de Deus* originou-se a partir do trabalho de dois missionários suecos, Gunnar Vingren e Daniel Berg, os quais chegaram ao Brasil no dia 19 de novembro de 1910. Eles desembarcaram em Belém do Pará, depois de quatorze dias de viagem, num navio que partira de Nova York, Estados Unidos da América.¹⁸

¹⁶ Outra característica que se pode destacar foram os sucessivos cismas e divisões, a partir de diferenças de ordem cultural, racial e doutrinária. “*La idea presentada por Juan Jacobo Tancara respecto del ‘fraccionamiento’ pentecostal parece otra vez tornarse realidad. (...) es inevitable que la comunidad pentecostal, para sobrevivir, tenga que fraccionarse, romper lazos de fé y culto con sus comunidades de origen? Qué espíritu al final rige en la práctica de la organización pentecostal?*” ZWETSCH, Roberto. Sobre la experiencia del Espíritu y las debilidades humanas. In: CHIQUETE, Daniel; ORELLANA, Luis (Eds.). *Voces del Pentecostalismo Latinoamericano*, v.2. Concepción: RELEP, Red Latinoamericana de Estudios Pentecostales, 2003, p. 100.

¹⁷ SYNAM, 2009, p. 137.

¹⁸ ARAUJO, 2007, p. 34.

Naquele tempo, início do século XX, a Suécia enfrentava grave crise econômica.¹⁹ Havia grande movimento de imigração para a América, em busca de novas oportunidades. Assim, Gunnar Vingren desembarca nos EUA em 1903. No ano seguinte, muda-se para Chicago, tendo estudado no Seminário Teológico da Igreja Batista Sueca. No verão de 1909, já como pastor de uma Igreja Batista, participa de reuniões do movimento pentecostal, que havia chegado a Chicago através da pregação de William F. Durham.

Numa dessas reuniões Gunnar Vingren conhece Daniel Berg, que estava nos Estados Unidos desde 1902. Ambos são batizados com o Espírito Santo, passando pela experiência de falar em outras línguas. Tornam-se amigos e tempos depois começam a participar de cultos, em igrejas e casas. Num sábado à noite, Adolfo Uldin, dono da casa onde Gunnar Vingren se hospedava, contou-lhes um sonho, segundo o qual deveriam partir para pregar o evangelho num local chamado Pará. Como ninguém havia ouvido falar em tal localidade, descobriram, na biblioteca local, que se tratava de um estado do norte do Brasil.²⁰

Assim, num ato de desprendimento e fé, abandonaram as perspectivas de um país rico e promissor como os Estados Unidos e empreenderam viagem para Belém do Pará, sem quaisquer recursos além do necessário para pagar a passagem no navio, ou seja, pouco mais de 90 dólares.²¹ Ao chegarem ao Brasil, Gunnar Vingren e Daniel Berg passaram a residir nas dependências da *Primeira Igreja Batista do Pará*, onde começaram a participar dos cultos, compartilhando sua experiência pentecostal, ao mesmo tempo em que trabalhavam e estudavam o idioma português.

A pregação dos missionários suecos não tardou a suscitar resistências e divisões entre os membros da Igreja Batista, de onde acabaram sendo expulsos. Assim, no dia 18 de junho de 1911, com a presença de dezessete pessoas, em sua maioria ex-integrantes da referida igreja, passaram a reunir-se na casa de Celina Martins Albuquerque, que havia recebido o batismo no Espírito Santo, alguns dias antes. Adotaram a denominação de *Missão da Fé Apostólica*, repetindo, portanto, a primeira designação dada ao movimento pentecostal nos Estados Unidos. O nome *Assembléia de Deus* somente passou a ser utilizado, oficialmente, a partir de 11 de janeiro de 1918.²²

¹⁹ BERG, 1982, p. 13.

²⁰ VINGREN, 1973, p. 19 e 22.

²¹ BERG, 1982, p. 31.

²² ARAUJO, 2007, p. 41.

A atividade e o zelo dos membros da igreja recém-formada repercutiram amplamente junto à população da cidade de Belém. A curiosidade inicial logo cedeu lugar a intrigas, perseguições, calúnias e publicação de artigos depreciativos na imprensa, com denúncias de prática de exorcismo, e até mesmo tentativas de agressão física. Daniel Berg e Gunnar Vingren enfrentaram inúmeras dificuldades, inerentes a deslocamentos numa região de clima equatorial, pois eles – de imediato –, começaram a percorrer também o interior do estado do Pará. Quem mais viajava era Daniel Berg, atuando como colportor²³, levando Bíblias e folhetos, que oferecia de porta em porta, ao mesmo tempo em que testificava de sua fé evangélica. Gunnar Vingren, com saúde mais frágil, viajava menos, atuando como pastor da nova igreja em Belém.

Desde o princípio, houve rápido crescimento da *Igreja Assembléia de Deus*, tanto na capital quanto no interior do estado do Pará. Nos anos seguintes, chegaram outros missionários, oriundos dos Estados Unidos e Suécia, os quais muito auxiliaram na pregação da mensagem pentecostal.²⁴ De fato, em pouco mais de dez anos, a Assembléia de Deus avançou pelos estados do nordeste brasileiro, chegando, simultaneamente, ao Rio de Janeiro e ao Rio Grande do Sul, em 1924.²⁵ Isto fez com que Gunnar Vingren deixasse a igreja em Belém, transferindo-se para a então capital brasileira, naquele mesmo ano, onde permaneceu até 1932. Com problemas de saúde, voltou para a Suécia, vindo a falecer pouco meses depois, com 53 anos de idade.²⁶ Em 1927, Daniel Berg muda-se para o estado de São Paulo, onde continuou fazendo seu trabalho de evangelismo até 1962, após um período em que residiu na Europa. Faleceu na Suécia, aos 79 anos, em 1963.²⁷

Com o crescimento da igreja, surgiu a idéia de que se realizassem encontros periódicos reunindo “missionários, pastores, evangelistas e demais obreiros, com o propósito de manter a identidade e a unidade doutrinária das Assenbléias de Deus, e resolver questões internas e externas.”²⁸ A primeira dessas reuniões, de caráter nacional, foi realizada em Natal (RN), em

²³ “Vendedor ou distribuidor ambulante de livros, especialmente bíblias e livros e tratados religiosos”. Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa. São Paulo: Encyclopaedia Britannica do Brasil, 1990, p. 448.

²⁴ Cf. Paul Freston, estes inícios constituem a *primeira onda pentecostal*, 1910-1950. FRESTON, Paul et al. *Nem Anjos Nem Demônios: Interpretações Sociológicas do Pentecostalismo*. Petrópolis: Vozes, 1994, p. 70.

²⁵ CONDE, Emilio. *História da Assembléia de Deus no Brasil*. Rio de Janeiro: CPAD, 2008, p. 201 e 285.

²⁶ VINGREN, 1973, p. 202 e 207.

²⁷ ARAUJO, 2007, p. 124.

²⁸ ARAUJO, 2007, p. 207

1930.²⁹ Nessa oportunidade, entre outras resoluções, decidiu-se que a administração da igreja, das regiões norte e nordeste, seria transferida a pastores brasileiros, em substituição aos missionários suecos, que passariam a direcionar seus esforços para as regiões sudeste e sul do Brasil. Reafirmou-se o princípio da igreja local livre e independente de “qualquer organização humana”.³⁰ Também foi criado o jornal *Mensageiro da Paz*³¹, em substituição a dois outros jornais já existentes, como órgão oficial de divulgação das Assembléias de Deus. Este periódico existe até os dias de hoje e cumpre importante papel na comunicação e integração entre as diversas congregações locais.

Outro assunto, que gerou grandes e acaloradas discussões, na Convenção de 1930, foi o trabalho da mulher na igreja.³² Gunnar Vingren defendia a ordenação de mulheres, diante das necessidades da obra de evangelização. Samuel Nyström, missionário sueco que substituíra Gunnar Vingren em Belém, era de opinião contrária. Ambos tinham opiniões diferentes sobre o assunto, já havia muito tempo. Ao final dos debates, ficou decidido que as mulheres poderiam participar da obra de evangelização, “mas não se considera justo que uma irmã tenha a função de pastor de uma igreja ou de ensinadora, salvo em casos excepcionais (Mt.12:3-8)”.³³ Décadas depois, o ministério feminino nas Assembléias de Deus seria mais uma vez discutido e, novamente, a ordenação de mulheres foi rejeitada.³⁴ A decisão vigora até os dias de hoje.

A Convenção Geral de 1943, no Rio de Janeiro, oficializou a realização de Escolas Bíblicas: reuniões de pastores, durante um mês, para estudos bíblicos.³⁵ Em Belém do Pará, elas já eram realizadas desde 1922, sob inspiração do modelo adotado pelos pentecostais suecos.³⁶

²⁹ Posteriormente, em 1946, passaram a ser designadas como Convenção Geral das Assembléias de Deus no Brasil (CGADB).

³⁰ VINGREN, 1973, p. 157 e 158

³¹ Impresso pela Casa Publicadora das Assembléias de Deus, criada em 1940, a qual também é responsável pela edição de literatura evangélica em geral, tais como Bíblias, revistas, livros e as *Lições Bíblicas* utilizadas na Escola Dominical, em todo o país.

³² A liderança de negros e de mulheres é marcante nos primórdios do pentecostalismo, nos Estados Unidos.

³³ ARAUJO, 2007, p. 211.

³⁴ Convenções Gerais de 1983 e 2001.

³⁵ Trata-se também de uma herança do metodismo, o qual tornou os leigos colaboradores ativos no trabalho missionário, não como clérigos ordenados mas como pregadores leigos. “Foi uma promoção do laicato até então desconhecida. Wesley preparou literatura apropriada e organizou ‘conferências’ destinadas à formação desses pregadores”. GALINDO, Flôrencio. *O fenômeno das seitas fundamentalistas*. Petrópolis: Vozes, 1995, p. 46.

³⁶ CONDE, 2008, p. 45.

Havia grande resistência à criação de institutos bíblicos ou seminários de ensino teológico, pois majoritariamente pensava-se que trariam “formalismo às Assembléias de Deus e seriam *fábricas de pastores*”.³⁷ Apenas na Convenção Geral de 1975 é reconhecida a importância do *Instituto Bíblico das Assembléias de Deus*, que havia sido instalado em Pindamonhangaba (SP), quinze anos antes, de forma pioneira e sem apoio da igreja.³⁸

No que se refere à Escola Dominical,³⁹ é importante ressaltar sua centralidade quanto à trajetória da *Igreja Assembléia de Deus* e de seus fundadores.⁴⁰ Na verdade, todas as denominações protestantes,⁴¹ que chegaram ao Brasil, organizaram uma Escola Dominical em sua prática de evangelismo e ensino.⁴² Assim, já em agosto de 1911, Daniel Berg e Gunnar Vingren ministram as primeiras aulas da Escola Dominical, na casa de José Batista de Carvalho, em Belém. Em 1919, é publicado, como material de apoio para as aulas, o suplemento *Estudos Dominicaes*,⁴³ precursor da revista *Lições Bíblicas*.⁴⁴

³⁷ ARAUJO, 2007, p. 387.

³⁸ A Convenção Geral de 2001 autorizou a criação da *Faculdade Evangélica de Tecnologia, Ciências e Biotecnologia da Convenção Geral das Assembléias de Deus no Brasil* (FAECAD), com sede na cidade do Rio de Janeiro. Atualmente, oferece dois cursos de graduação (Teologia e Pedagogia) e dois cursos de especialização (Administração Eclesiástica e História de Israel).

³⁹ A Escola Dominical, como a conhecemos hoje, começou em Gloucester, sul da Inglaterra, em 1780, a partir da iniciativa do jornalista Robert Raikes. Com a ajuda de amigos, ele contratou professores e conseguiu acomodações, para atender crianças e adolescentes pobres que perambulavam pelas ruas aos domingos, tornando-se vítimas da crescente violência, associada ao crescimento desordenado da cidade. O objetivo inicial era o de alfabetizar, ensinar noções de aritmética, moral, cidadania, leitura e recitação das Escrituras. O empreendimento foi muito bem sucedido, difundindo-se rapidamente pela Inglaterra – dez anos depois, também já estava presente em várias cidades dos Estados Unidos –, apesar da resistência inicial de pessoas que acusavam Raikes de ser “profanador do domingo”. GILBERTO, Antonio. *Manual da Escola Dominical*. 15ª ed. Rio de Janeiro: CPAD, 1996, p. 114.

⁴⁰ Em suas memórias, Gunnar Vingren relata sua experiência como professor da Escola Dominical, na Suécia, no final do século XIX. VINGREN, 1973, p. 7.

⁴¹ Em 19 de agosto de 1855, na cidade de Petrópolis-RJ, os missionários Robert R. Kalley e Sarah P. Kalley, da Igreja Congregacional, “iniciaram uma classe dominical para instrução bíblica com cinco crianças.” PROENÇA, Shirley M. S. Escola Dominical. In: *Dicionário Brasileiro de Teologia*. São Paulo: ASTE, 2008, p. 364.

⁴² É digno de nota que Martinho Lutero empenhou todo seu prestígio no sentido de que as famílias não se descuidassem do ensino de seus filhos, encaminhando-os à escola. Mesmo não tendo por objetivo desenvolver uma teoria da educação em perspectiva cristã ele escreveu: “(...) também as autoridades têm o dever de obrigar os súditos a mandarem seus filhos à escola.” LUTERO, Martinho. *Educação e Reforma*. São Leopoldo: Editora Sinodal; Porto Alegre: Concórdia Editora, 2000, p. 5 e 117. Além disso, foi Lutero quem pela primeira vez elaborou catecismos para servirem de orientação às crianças em casa, sobre os primeiros conteúdos da fé cristã. Trata-se dos *Catecismo menor* e *Catecismo maior*, ainda hoje muito valorizados na tradição das igrejas evangélicas de confissão luterana. LUTERO, Martinho. Catecismo Maior e Menor. In: *Obras Seleccionadas*, v.7. São Leopoldo: Sinodal; Porto Alegre: Concórdia, 2000, p. 313-470.

⁴³ ARAÚJO, 2007, p. 79.

Na década de 1950, a Assembléia de Deus chega a sete mil membros em Belém, 350 mil em todo o Brasil.⁴⁵ O rápido crescimento também desencadeou algumas divisões e cismas. Paulo Leivas Macalão foi um dos pioneiros da igreja na cidade do Rio de Janeiro, expandindo a fé pentecostal pelos seus subúrbios, especialmente em Madureira. Também foi um dos responsáveis pela elaboração da *Harpa Cristã*, hinário oficial da denominação. Devido a desavenças doutrinárias e/ou administrativas, Macalão fundou a *Igreja Assembléia de Deus – Ministério de Madureira*, passando a atuar de forma independente. Nesta mesma época, o pastor Manoel de Mello funda a *Igreja Pentecostal “O Brasil para Cristo”*, que teve uma grande expansão, sobretudo em São Paulo. Por sua vez, o pastor David Martins de Miranda inicia as atividades da *Igreja Pentecostal Deus é Amor*.⁴⁶ Ambos haviam conhecido o movimento pentecostal⁴⁷ através da Assembléia de Deus.

Após décadas de constante crescimento, a *Igreja Assembléia de Deus* representa cerca de 30% dos evangélicos brasileiros: são oito milhões de membros, segundo dados do Censo IBGE (2000).⁴⁸ Com uma situação de estabilidade, a instituição atingiu seu primeiro centenário, na condição de “maior igreja pentecostal do mundo”,⁴⁹ sentindo os reflexos de seu gigantismo e a concorrência das igrejas neopentecostais, cujos líderes, em sua maioria, saíram de suas próprias fileiras. Suas congregações apresentam-se extremamente diversificadas, de uma cidade ou região para outra, ou dentro de uma mesma cidade ou bairro. Assim, algumas darão pouca ou nenhuma ênfase a usos e costumes, ligados à alimentação, vestuário ou frequência a reuniões sociais; outras irão apresentá-los de forma rígida e padronizada, como uma questão de salvação. Algumas apresentarão traços acentuados de neopentecostalismo, outras permanecem na orientação doutrinária clássica do movimento pentecostal.

⁴⁴ Atualmente, são estudados quatro assuntos ao longo de cada ano, um assunto por trimestre. As classes são divididas por faixa etária, desde o Jardim de Infância até Jovens e Adultos.

⁴⁵ ARAÚJO, 2007, p. 90 e 91.

⁴⁶ Integrantes da *segunda onda pentecostal*, 1950-1960, conforme Paul Freston, enfatizando, principalmente, os milagres, a cura divina e o falar em línguas. A *terceira onda pentecostal* se forma a partir da década de 1970, com o surgimento das igrejas neo-pentecostais. FRESTON, 1994, p. 71.

⁴⁷ O movimento pentecostal também influenciou igrejas do protestantismo clássico. Assim, surgiram, por exemplo, a Igreja Batista Nacional, a Igreja Metodista Wesleyana, a Igreja Presbiteriana Renovada, etc.

⁴⁸ CENSO IBGE (2000). Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/população/censo2000/população/religiao_censo2000.pdf>. Acesso em: 30 nov. 2010.

⁴⁹ *Mensageiro da Paz*, Rio de Janeiro, n. 1506, nov. 2010, p. 5.

De fato, a própria trajetória da Assembléia de Deus reflete diversidade e variedade de estilos e de ênfases doutrinárias. Gedeon F. de Alencar, ao analisar esse percurso, divide a história assembleiana em três diferentes fases: *carismática*, *tradicional* e *racional*. Para ele, a fase *carismática* vai da fundação, em 1911 até 1946, com o registro e oficialização da Casa Publicadora e da Convenção Geral. Nesse período, a Assembléia de Deus era uma igreja familiar; com lideranças jovens e solteiras; participação efetiva das mulheres nos cultos e no evangelismo; centrada no falar em línguas curas e milagres; sem marca institucional; com membresia militante, de classe baixa e semiletrada; professando a teologia do sofrimento, todos os inimigos são externos. Segue-se o período *tradicional*, apresentando crescimento exponencial, principalmente no meio urbano; diferenciação entre membros, já que mulheres e membros “comuns” não mais participam das convenções; apresenta teologia escatológica; alcança a classe média e, com as disputas entre os diferentes Ministérios, agora os inimigos também são internos. A fase *racional*, inicia-se em 1989, durante a realização da 1ª Assembléia Geral Extraordinária, quando o pastor José Wellington assume a presidência da Convenção Geral pela primeira vez – ainda é o presidente, após oito sucessivas reeleições –, e efetiva-se o “desligamento”⁵⁰ do Ministério de Madureira. Nesse período, que se prolonga até os dias atuais, a Assembléia de Deus, tentou manter, ou talvez retomar, a trajetória de crescimento, lançando em 1990 o projeto “Década da Colheita”, com o propósito de chegar ao ano 2000 com cerca de 50 milhões de membros (o que não se concretizou).

Para Bernardo Campos, os movimentos religiosos, onde se destacam as qualidades de expressão de seus líderes, costumam viver um processo com as seguintes etapas: organização informal, organização formal, eficiência máxima, institucionalização (em que as necessidades pessoais dos membros são suprimidas em favor das necessidades da nova organização eclesial) e desintegração.⁵¹ É possível que a Assembléia de Deus se encontre nas proximidades deste último estágio, considerando-se o que escreveu Oneide Bobsin: “Ainda não sabemos por quanto tempo o

⁵⁰ “É bom ressaltar: nunca houve uma dissidência nas Assembléias de Deus (AD) por alguma questão teológica; todas as crises e divisões foram luta pelo poder. Não poder pentecostal, mas poder de cacique. Por exemplo, a questão teológica da *primeira* e *segunda* bênção que dividiu grupos pentecostais nos EUA, nunca chegou ao Brasil.” Cf. ALENCAR, Gedeon F. de. *Matriz Pentecostal Brasileira: Assembléia de Deus. Simpósio*, São Paulo: ASTE, n. 48, 2008, p. 15 e 20.

⁵¹ Cf. CAMPOS, Bernardo. *Da reforma protestante à pentecostalidade da igreja*. São Leopoldo: Sinodal; Quito: CLAI, 2002, p. 49.

pentecostalismo crescerá. Seus líderes nos dão cifras astronômicas. Percebe-se um ‘cansaço’ de algumas igrejas pentecostais. Em círculos teológicos pentecostais há quem fale em ‘despentecostalização’ do pentecostalismo”.⁵² A institucionalização impõe-se, arrefecendo o entusiasmo das primeiras gerações.

É inegável que a Assembléia de Deus tem passado por um processo de ascensão e diversificação social, oscilando entre o desejo de aderir explicitamente a valores outrora tidos como mundanos, ou manter sua tradição de ascetismo bíblico. Paul Freston afirma que a maior parte da atual geração de jovens assembleianos, que fazem estudos superiores, acaba por transferir-se para igrejas “renovadas” e para as comunidades evangélicas, “na busca de algo que mantenha a tradição carismática de uma religião entusiasta, mas sem os tabus legalistas. A cúpula da igreja admite que o crescimento tem sido menor, mas a reação não promete mudanças substanciais a curto prazo”.⁵³

Paul Freston acrescenta que, com frequência, o pioneiro de um movimento pentecostal acaba sendo expulso após uns 25 anos. Quaisquer que sejam as explicações oficiais para tais expulsões (desvios doutrinários, tendências autocráticas, falhas morais), a razão básica é que o grupo desenvolveu formas institucionais e atraiu um novo tipo de pastor-administrador. Este entra em conflito com a geração de pioneiros carismáticos.⁵⁴

A Assembléia de Deus teve grande sucesso ao conseguir transmitir, às pessoas simples do povo, a mensagem também simples do movimento pentecostal: Jesus Cristo salva, cura, batiza com o Espírito Santo e voltará. Ao longo do tempo, a liderança – crescentemente burocrática e personalista –, abandonou ou deixou de enfatizar o “querigma” pentecostal. Com uma visão

⁵² BOBSIN, Oneide. *Correntes religiosas e globalização*. São Leopoldo: CEBI, 2002; Curitiba: PPL, 2002; São Leopoldo: IEPG-EST, 2002, p. 26.

⁵³ FRESTON, 1994, p. 96.

⁵⁴ FRESTON, 1994, p. 122. A propósito, a afirmativa de Walter Hollenweger, ainda na década de 1970, é profética: “A atenuação do rigorismo, que se observa em quase todas as grandes denominações pentecostais, será culpável de que dentro dos próximos vinte anos se forme uma nova denominação pentecostal. As comunidades mais antigas, de forma inteligente, reduzem os tabus e o entusiasmo. Mas então se forma uma nova comunidade, composta pelo grupo dos decepcionados. Este considera que agora, de forma definitiva, é necessário voltar ao Evangelho Antigo; e dentro de mais uma geração, eles também serão submetidos ao processo da institucionalização eclesial, sociologicamente inevitável.” HOLLENWEGGER, Walter. *El Pentecostalismo*. Buenos Aires: Editorial La Aurora, 1976, p. 403.

patrimonialista⁵⁵ e alienada, distanciou-se dos membros, perdendo a essência anárquica e democrática dos primeiros tempos, quando se movia na “plenitude do Espírito Santo”. Ao perder terreno para as igrejas neopentecostais, tenta ajustar-se aos novos tempos, muitas vezes copiando ou adaptando procedimentos litúrgicos da teologia da prosperidade, tais como: “corrente de oração”, “campanha das sete semanas”, “tarde do milagre”. Algo impensável, anos atrás, no arraial da Assembléia de Deus.

Na verdade, trata-se de uma igreja em busca de sua identidade, um tanto desorientada em face das crescentes demandas de um mundo pós-moderno – cujos valores estão em constante mutação –, com tendência a fechar-se em si mesma em defesa de sua tradição, vindo a esfacelar-se em múltiplos ministérios, a partir de lideranças carismáticas locais ou regionais. Então, o desafio da Assembléia de Deus, nestes últimos tempos, não é realizar uma apologética pentecostal ou se destacar pela *glossolalia*, mas é exatamente conseguir algum “diferencial” dentro do mundo pluralista do pentecostalismo. Como poderá fazê-lo? No próximo tópico buscaremos subsídios teóricos, que permitam visualizar os contornos de possíveis respostas a esse questionamento.

1.3 Reflexões sobre a Teologia Pentecostal: o princípio pentecostal

Transcorridos cem anos desde o surgimento do movimento pentecostal, impõe-se analisar algumas características que o associam ou diferenciam do protestantismo clássico. A seguir, expomos, a título de revisão bibliográfica, a opinião de alguns autores acerca do pentecostalismo.

Segundo Juan Sepúlveda, em sua interpretação da era protestante Paul Tillich cunhou o conceito de *princípio protestante*, para capturar o sentido mais profundo da Reforma, representando a rejeição de qualquer absolutização das mediações institucionais e políticas da fé cristã. “Ainda que desenvolvido historicamente a partir do protesto contra o catolicismo romano,

⁵⁵ Gedeon F. de Alencar afirma que “o sistema eclesiástico assembleiano é *modelo do líder* que se encontra no poder. Alguns pastores são mais congregacionais, outros mais presbiterianos e outros mais episcopais, mas, unanimemente, todos são vitalícios.” ALENCAR, Gedeon F. de. *Todo poder aos pastores, todo trabalho ao povo, e todo louvor a Deus. Assembléia de Deus: origem, implantação e militância*. Dissertação de mestrado. São Bernardo do Campo: UMESP, 2000, p.135. A novidade fica por conta da realização de eleições para a escolha de pastor-presidente, em igrejas importantes, como Curitiba, por exemplo, em que “9 mil, dos 33 mil membros ativos da Assembléia de Deus votaram” para a eleição de seu novo líder. *Mensageiro da Paz*, Rio de Janeiro, n. 1512, mai. 2011, p. 7.

o princípio protestante se opõe também a qualquer eventual absolutização das mediações institucionais e políticas do protestantismo”(tradução nossa).⁵⁶ De forma análoga, Sepúlveda também argumenta que se pode falar em um *princípio pentecostal*, rejeitando qualquer mediação cultural do pentecostalismo. As reuniões da *Missão da Rua Azusa*, causaram escândalo na opinião pública e nas igrejas estabelecidas, as quais tentaram estabelecer alguma espécie de controle, sendo repelidas, em nome da liberdade do Espírito, ou seja, do *princípio pentecostal*.

Para Florêncio Galindo, “o pentecostalismo representa um tipo de cristianismo desinteressado da doutrina e centrado no emocional, na vivência do sobrenatural.”⁵⁷ Por isso são importantes os milagres, o falar em outras línguas, as curas. A força da fé infunde ânimo para o enfrentamento dos problemas diários, elemento de suma importância em comunidades constituídas por pessoas pobres e iletradas, minorias marginalizadas social e culturalmente. O pentecostalismo consegue ajudar as pessoas que mais sofreram as conseqüências da industrialização, fomentado o sentido de grupo e a solidariedade, ao mesmo tempo em que incentiva uma ética de sobriedade e trabalho duro.

Alberto Antoniazzi afirma que o “pentecostalismo surgiu no século XX com a motivação explícita de recuperar a *atualidade* da experiência cristã. Diante da modernidade que questiona a tradição, o pentecostalismo quer oferecer uma *experiência* indiscutível e acessível”.⁵⁸ Então, ao interpretar o lema pentecostal: Jesus Cristo é o mesmo, ontem, hoje e eternamente (Hb 13.8) o acento cai sobre o *hoje*. Trata-se de um reducionismo que transforma a Igreja num acontecimento, numa experiência atomizada e individualista. Todavia, uma eclesiologia correta deveria valorizar não apenas o *hoje* (como fazem os pentecostais), mas também o *ontem* (setores do catolicismo tradicionalista) e o *futuro*, não dissociando a experiência atual de sua perspectiva histórica e escatológica.

Segundo Cecília C. Nanjarí, o aspecto terapêutico do culto pentecostal manifesta-se na participação de cada crente nas diversas áreas promovidas pela igreja, pois se espera que cada

⁵⁶ “*Aunque desarrollado históricamente a partir de la protesta contra el catolicismo romano, el principio protestante se opone también contra cualquier eventual absolutización de las mediaciones institucionales y políticas del protestantismo*”. SEPÚLVEDA, Juan. El ‘Principio Pentecostal’. Reflexiones a Partir de los Orígenes del Pentecostalismo en Chile. In: CHIQUETE, Daniel; ORELLANA, Luis (Eds.). *Voces del Pentecostalismo Latinoamericano*, v.1. Concepción: RELEP, Red Latinoamericana de Estudios Pentecostales, 2003, p. 13

⁵⁷ GALINDO, 1995, p. 191.

⁵⁸ ANTONIAZZI, Alberto et al. *Nem anjos nem demônios: Interpretações sociológicas do pentecostalismo*. Petrópolis: Vozes, 1994, p. 22.

membro seja ativo. Todavia, é possível observar que é escassa a participação das mulheres, no âmbito das igrejas pentecostais, ainda que constituam a grande maioria dos membros da comunidade. Isto ocorre devido a atitudes e linguagem sexistas, que reservam à mulher atividades tradicionalmente femininas, tanto no desenvolvimento da liturgia como em outras instâncias. Dessa forma, no culto pentecostal a mulher pode cantar, orar, relatar seu testemunho, mas não está qualificada nem autorizada a pregar.⁵⁹

De acordo com Daniel Chiquete, o pentecostalismo é uma expressão religiosa muito sensível ao contexto social e cultural. Então, a celebração do culto é tanto um acontecimento religioso como um evento social. Como o movimento pentecostal originou-se em uma escola, desde seu início ficou dissociado dos templos ou dos lugares “santos” tradicionais. Assim, não é de surpreender que “os primeiros espaços de culto foram casas particulares, salões de escola e igrejas alugadas. Posteriormente, é que começaram a preocupar-se com construções, cujo valor advinha de sua utilidade a serviço da comunidade, sem qualquer valor religioso ou espiritual intrínseco”.⁶⁰

O mesmo autor destaca, ainda, que no movimento pentecostal tem surgido um certo triunfalismo religioso associado ao avanço do movimento neopentecostal. Nos cantos litúrgicos, por exemplo, se exalta a imagem de um Jesus vitorioso, guerreiro celestial, tanto que sua dimensão de servo, seus sofrimentos e sua fidelidade a um projeto de vida abundante para todos quase tem desaparecido. A pneumatologia pentecostal (elaborada a partir da aceitação da trilogia: recebimento do Espírito Santo – fé – milagres) está diante da tarefa de recuperar a memória do “Jesus crucificado”, enfatizando o caráter acessório dos milagres. “Estes não devem constituir um fim em si mesmos, na medida em que devem assinalar a vontade de Deus para a vida dos crentes e a presença do Cristo ressuscitado em meio à comunidade”.⁶¹

Outro aspecto do pentecostalismo, ressaltado por Chiquete, é a sua oralidade, onde a

⁵⁹ Cf. NANJARÍ, Cecilia C. Liturgia Pentecostal: Características y Desafios del Culto Pentecostal Chileno. In: CHIQUETE, Daniel; ORELLANA, Luis. (Eds.) *Voces del Pentecostalismo Latinoamericano*, v.1. Concepción: RELEP, Red Latinoamericana de Estudios Pentecostales, 2003, p. 195.

⁶⁰ CHIQUETE, Daniel. El Espacio Litúrgico en el Pentecostalismo Mexicano: Acercamiento Teológico a la Arquitectura Pentecostal. In: CHIQUETE, Daniel; ORELLANA, Luis. (Eds.) *Voces del Pentecostalismo Latinoamericano*, v.1. Concepción: RELEP, Red Latinoamericana de Estudios Pentecostales, 2003, p. 202.

⁶¹ CHIQUETE, Daniel. Por los caminos de Espíritu: Esbozo de pneumatología pentecostal desde la Carta a los Gálatas. In: CHIQUETE, Daniel; ORELLANA, Luis (Eds.) *Voces del Pentecostalismo Latinoamericano*, v.2. Concepción: RELEP, Red Latinoamericana de Estudios Pentecostales, 2009, p. 124.

palavra falada mantém um frescor e um poder que a palavra escrita dificilmente consegue alcançar. Nestes termos, ouvir, crer e experimentar é o que proporciona à experiência pentecostal seu poder de comunicação e convencimento. A mensagem pentecostal é impactante – não por ser dogmática ou ortodoxa –, mas pelo seu poder comunicativo, baseado em experiências espirituais concretas e transformações de vidas. Então, o pentecostalismo não deve vincular-se a nenhuma normatização, em sua relação com o Espírito Santo, a qual precisa basear-se nas experiências ouvidas e transmitidas no meio de suas comunidades. Deve seguir sendo uma pneumatologia espiritual: de *falar* e *ouvir*, cuja sistematização não signifique substituição, mas aprofundamento.⁶²

Conforme Antonio G. Mendonça, se o protestantismo tradicional resistiu à ameaça do sincretismo e manteve até certo ponto a pureza da mensagem missionária original, é no pentecostalismo que vamos encontrar formas bastante claras de sincretismo. A teologia simples e facilmente assimilável do movimento pentecostal permite-lhe colocar-se a meio caminho, entre o protestantismo tradicional – subjetivo e racional –, e o catolicismo popular – objetivo e milagreiro. Mas esse meio caminho está mais para este do que para aquele. Isto possibilita inserir o pentecostalismo e o catolicismo popular num plano mais ou menos simétrico, porque – embora o pentecostalismo tenha vindo de outros lugares, principalmente dos Estados Unidos –, a linguagem pentecostal apresenta traços bem próximos aos da cultura religiosa brasileira.⁶³

Para Gedeon F. de Alencar, as igrejas protestantes e, de forma diferente porém no mesmo rumo, a Igreja Católica, estão “pentecostalizando-se”. Ou seja, estão tomando emprestado para sua liturgia formas típicas do pentecostalismo, tais como: espontaneidade na adoração, pregação mais subjetiva e menos hermenêutica, espaço para a “atuação” dos dons espirituais. “O definitivo é que o mundo pentecostal é hoje hegemônico no estilo de culto, na adoração gospel, na literatura.[...] O pentecostalismo deixou de ser ‘minoría que perturbava’ para ser maioria determinante” (tradução nossa).⁶⁴

⁶² CHIQUETE, 2009, p. 125.

⁶³ Cf. MENDONÇA, Antonio G. *Protestantes, Pentecostais e Ecumênicos*. São Bernardo do Campo: UMESP, 1997, p. 141.

⁶⁴ “*Lo definitivo es que el mundo pentecostal es hegemónico hoy en el estilo de culto, en la adoración gospel, en la literatura. [...] El pentecostalismo dejó de ser ‘minoría que perturbava’ para ser mayoría determinante.*” ALENCAR, Gedeón Freire de. La Instrumentalización del Poder Divino: Analogía entre la Ética Neopentecostal y la Candomblecista. In: CHIQUETE, Daniel; ORELLANA, Luiz (Eds.) *Voces del Pentecostalismo Latinoamericano*, v.1. Concepción: RELEP, Red Latinoamericana de Estudios Pentecostales, 2003, p. 166.

O atual momento reflete uma mudança no eixo hermenêutico da escatologia pentecostal. Esta sempre se caracterizou por seu pré-milenarismo, algo muito criticado durante décadas tanto pelo protestantismo clássico quanto por estudiosos seculares (por uma pretensa alienação e falta de envolvimento social dos pentecostais). A ênfase escatológica não está mais no futuro, que virá a concretizar-se numa terra vindoura. Não se espera mais o Reino dos céus. Busca-se, na verdade, a “abundância de bens, saúde plena, e poder espiritual, aqui mesmo na terra, enquanto estamos nela”.⁶⁵ Anteriormente, o projeto era preservar a ética (protestantismo puritano), alcançar a modernidade (protestantismo de missão), salvar as pessoas do mundo (pentecostalismo); agora o que se quer é conquistar o mundo, não para Cristo, mas para nós mesmos (neopentecostalismo).

Alencar acrescenta que o neopentecostalismo e sua teologia da prosperidade⁶⁶, uma religião de resultados, não é essencialmente e exclusivamente teologia protestante pentecostal. Não é *protestante* porque perdeu as principais características protestantes de vida simples, modesta, como “insurreição transcendente e transformadora do mundo” (princípio protestante). Não é *pentecostal* porque exclui todas as premissas do pentecostalismo clássico, tais como a *glossolalia* (falar em línguas), a ênfase na escatologia e na evangelização.⁶⁷

Segundo Bernardo Campos, em toda igreja professante cristã há uma *pentecostalidade* latente ou manifesta, como “experiência universal, que expressa o acontecimento de Pentecostes, na qualidade de princípio ordenador da vida”.⁶⁸ Em sua qualidade de princípio, rejeita qualquer concretização histórica do tipo pentecostal que pretenda ser sua expressão única ou que pretenda convertê-la em seu absoluto, negando a outros a possibilidade de fundamentar-se também nela. Isto porque, o acontecimento de Pentecostes é característico do cristianismo historicamente constituído. Então, uma historiografia da pentecostalidade deveria considerar períodos intermitentes que marcam, às vezes, sua latência e, outras vezes, sua manifestação, através do “avivamento” da Igreja.⁶⁹

Segundo André Corten, o pentecostalismo é um fenômeno religioso transnacionalizado,

⁶⁵ ALENCAR, 2003, p. 168.

⁶⁶ As principais representantes, no Brasil, são a *Igreja Universal do Reino de Deus* e a *Igreja Internacional da Graça*.

⁶⁷ ALENCAR, 2003, p. 169.

⁶⁸ CAMPOS, 2002, p. 85.

⁶⁹ Cf. CAMPOS, 2002, p. 87.

principalmente no Brasil. Isto porque o metodismo não foi simplesmente exportado sob a forma de pentecostalismo. Além de ter sido “contaminado constitutivamente” por elementos africanos, teve quase sempre um desenvolvimento autóctone. “Estes dois aspectos de contaminação constitutiva e de ‘desenvolvimento nativo’ são as marcas não de uma exportação, mas de uma transnacionalização”.⁷⁰ A principal transnacionalização do século XX.

Emile Durkheim, afirma que o fenômeno religioso é estruturado em dois patamares⁷¹. Um patamar primário – o religioso quente – é o das emoções profundas, geradoras das representações coletivas (paixão e êxtase). Reconhecemos aí traços observados nos cultos pentecostais: animação, agitação, frenesi. Um segundo patamar – o religioso “administrado” ou “frio” –, é constituído das crenças, cultos e ritos. Eles têm como função tornar viável e durável uma experiência elementar, efêmera, e circunscrita. Diante dessas formalizações rituais e dogmáticas surgem periodicamente protestos, heresias, movimentos de renovação, entre os quais se inscreve o pentecostalismo. “Frente à insipidez emocional surgem assim periodicamente *insurreições emocionais* que são protestos religiosos e sociais, dirigidos contra os funcionários da religião”.⁷²

Segundo Waldo César e Richard Shaull, um dos segredos do pentecostalismo é que seu discurso faz uma simbiose gramatical que correlaciona ou até mesmo confunde palavra e realidade, dando “voz àqueles cuja fala estava submissa e conformada com o glossário de sua marginalidade e desesperança”.⁷³ Nas religiões populares se fala *a* Deus e não, como nas prédicas tradicionais, *de* Deus. Pode-se acrescentar que o discurso pentecostal fala *de* Deus e *a* Deus na simultaneidade de suas múltiplas expressões – o que transcende os parâmetros habituais da linguagem religiosa; que ainda se manifesta, através dos dons que o Espírito Santo distribui gratuitamente.

Não se dispõe de dados conclusivos, mas é consenso que a grande maioria dos convertidos ao pentecostalismo provém do catolicismo romano e de outras igrejas e religiões, entre as quais os cultos afro-brasileiros e o espiritismo. Conforme pesquisa⁷⁴ realizada pelo ISER

⁷⁰ CORTEN, André. *Os Pobres e o Espírito Santo: Pentecostalismo no Brasil*. Petrópolis: Vozes, 1996, p. 54.

⁷¹ DURKHEIM, 1912 *apud* CORTEN, 1996, p. 165.

⁷² CORTEN, 1996, p. 165.

⁷³ CESAR, Waldo; SHAULL, Richard. *Pentecostalismo e futuro das igrejas cristãs*. Petrópolis: Vozes; São Leopoldo: Sinodal, 1999, p. 81.

⁷⁴ Cf. CESAR; SHAULL, 1999, p. 118.

(Instituto de Estudos da Religião), existe também, em escala significativa, certo rodízio dos convertidos entre as diferentes correntes pentecostais, com menor retorno às igrejas históricas – o que certamente revela algum tipo de insatisfação ou busca de uma nova experiência de fé. A *Igreja Assembléia de Deus* tem um lugar central nessas trocas, com um volume maior de entradas e saídas, mantendo equilíbrio entre os membros que perde e aqueles que ganha de outras igrejas. Para os pentecostais a participação nos cultos (diários ou quase diários) é parte fundamental de sua vivência cristã, elemento que se perdeu nas igrejas do protestantismo clássico e no catolicismo.

O pentecostalismo tem demonstrado que a fé cristã, quando fiel à sua natureza e origens, tem o poder de transformar a vida, dando a ela orientação e energia, e transmitindo essa experiência de uma geração para outra. Esta, talvez, seja a mais importante contribuição que o pentecostalismo tem a oferecer às outras comunidades e tradições religiosas. “Decadência é a incapacidade de uma geração passar a outra a visão e as convicções pelas quais viveu”.⁷⁵

No capítulo seguinte, procurar-se-á analisar a leitura pentecostal da Bíblia, na *Igreja Assembléia de Deus*. Os assuntos mais estudados na Escola Dominical, ao longo dos últimos 10 anos (2000-2009), fornecerão os subsídios para sejam vislumbradas as características e as perspectivas de sua hermenêutica pentecostal.

⁷⁵ CESAR; SHAULL, 1999, p. 259.

2 LEITURA PENTECOSTAL DA BÍBLIA

A revista *Lições Bíblicas – Jovens e Adultos*, editada trimestralmente pela Casa Publicadora das Assembléias de Deus no Brasil, constitui-se em fonte bibliográfica primária para a presente pesquisa. Ela é disponibilizada em duas versões: Aluno e Mestre, esta última, com 96 páginas. Utilizamos prioritariamente a Revista do Mestre, por ser mais abrangente, ao acrescentar sugestões bibliográficas e orientações didático-pedagógicas. As lições – em número de treze, uma para cada domingo do trimestre considerado –, seguem um formato padrão, com sugestões de leituras bíblicas diárias ao longo da semana e a transcrição de um texto bíblico (por volta de 10 versículos) que embasará o comentário, estruturado em 4 ou 5 páginas, com introdução, desenvolvimento e conclusão. O professor da Escola Dominical tem plena liberdade de ação e planejamento, a partir de sua experiência pessoal, para abordar o assunto previsto. Pode-se dizer que a revista *Lições Bíblicas* fornece uma trilha, não um trilho.

Visando identificar a leitura pentecostal da Bíblia, feita pela Igreja Assembléia de Deus, faremos, a seguir, uma exposição resumida dos assuntos estudados⁷⁶ na última década. Serão analisadas as revistas correspondentes aos anos de 2000 a 2009. Esse período de tempo nos pareceu suficiente e razoável, para uma visão em perspectiva da realidade atual do ensino teológico pentecostal assembleiano.

2.1 Temas mais frequentes: doutrinas bíblicas

As doutrinas bíblicas estudadas na Escola Dominical cobrem um amplo espectro teológico. Na seqüência, foram relacionados os temas estudados em cada ano, a partir dos argumentos dos respectivos autores. Eventualmente, houve a inclusão de breves observações e comentários, com o intuito de destacar algum tópico que comporte posterior avaliação teológica.

2000 – No primeiro trimestre desse ano, Antonio Gilberto tratou do tema *Avivamento*, principalmente a partir do texto bíblico: “Aviva, ó Senhor, a tua obra no meio dos anos” (Hc 3.2). Segundo ele, “se, humilhados, clamarmos a Deus dia e noite, haveremos de reviver o grande avivamento que deu origem à Assembléia de Deus e a outras igrejas da mesma fé e ordem no

⁷⁶ Para uma relação de todos os assuntos, cf. Apêndice A.

início do século XX”.⁷⁷ No desenvolvimento do assunto, definiu-se avivamento como a operação sobrenatural e irresistível do Espírito Santo na Igreja, para trazê-la de volta ao cristianismo bíblico. Foram apresentados fatos, elementos, bênçãos e necessidade de avivamento contínuo: no lar, no ministério, na política, na obra missionária, na igreja local.⁷⁸

Os ensinamentos de Jesus para o homem atual foram lembrados no segundo trimestre de 2000. Nele, o teólogo Elinaldo Renovato analisa tópicos relacionados à salvação pela fé em Jesus, tais como: a necessidade de arrependimento, renúncia à “velha vida” e a si mesmo,⁷⁹ perseverança diante das aflições; vencendo a solicitude pela vida, buscando o reino de Deus em primeiro lugar; o exemplo e ensino de Jesus sobre a oração, o amor, a humildade, a cura de enfermidades e a Igreja. Ele conclui citando o testemunho do cristão como “sal da terra e luz do mundo”; a presença das mulheres e das crianças no ministério de Jesus e os sinais da vinda de Jesus, na esfera religiosa, na natureza, na política e na sociedade.

Para abordar o tema *Evangelismo e missões*⁸⁰, Esequias Soares ensina que *evangelho*, no mundo grego, tinha o sentido de recompensa por trazer boas novas; no Antigo Testamento (Septuaginta) indica as próprias boas novas; no Novo Testamento, “são as boas novas que falam do Reino de Deus, da salvação e do perdão dos pecados na pessoa de Nosso Senhor Jesus Cristo. É o evangelho da graça de Deus (At 20.24)”.⁸¹ O caráter universal do cristianismo é analisado a partir da história do profeta Jonas, aqui apresentado como um tipo de Cristo. Na lição *Jesus, o missionário por excelência*, o autor reforça a crença na dupla natureza de Jesus, verdadeiro homem e verdadeiro Deus.⁸² Conclui mencionando a necessidade de contribuições (dízimos e ofertas) para o sustento dos missionários, diante do desafio de anunciar o evangelho num mundo

⁷⁷ GILBERTO, Antonio. *Lições Bíblicas*. Estudo sobre Avivamento. Rio de Janeiro: CPAD, jan./mar.2000, p. 6

⁷⁸ Cf. GILBERTO, 2000, p. 93.

⁷⁹ Cf. RENOVATO, Elinaldo. *Lições Bíblicas*. Os ensinamentos de Jesus para o homem atual. Rio de Janeiro: CPAD, abr./jun.2000, p. 8

⁸⁰ Originalmente, o termo missão não tinha caráter religioso. Cf. ZWETSCH, Roberto E. Missão – testemunho do evangelho no horizonte do reino de Deus. In: SCHNEIDER-HARPPRECHT, Christoph (Org.) *Teologia Prática no contexto da América Latina*, 2ª ed. São Leopoldo: Sinodal; ASTE, 2005, p. 197.

⁸¹ SOARES, Esequias. *Lições Bíblicas*. Evangelismo e missões. Rio de Janeiro: CPAD, jul./set.2000, p. 5.

⁸² Cf. SOARES, 2000, p.35.

globalizado.

No último trimestre de 2000, Claudionor C. Andrade começou afirmando que a Bíblia condena, de forma clara e enérgica, a idolatria definindo-a como “tudo aquilo que, em nosso coração, tira a primazia de Deus”.⁸³ A seguir, menciona o que considera como modernas manifestações de idolatria: orgulho (egolatria); o amor ao dinheiro; a pornografia e a infidelidade conjugal; o aborto; a educação permissiva das crianças, influenciada pela televisão; a astrologia; o culto a anjos. Termina com um chamado para que haja um retorno às raízes históricas do pentecostalismo bíblico, confrontando modismos e falsas doutrinas, tais como a teologia da prosperidade e a confissão positiva.⁸⁴

2001 – Visando expor algumas das doutrinas bíblicas da *Igreja Assembléia de Deus*, Elienai Cabral começa afirmando a crença na Bíblia como revelação escrita de Deus, onde todas as suas palavras são inspirada (inspiração verbal e plenária), com autoridade divina (infallibilidade) e humana (cerca de 40 escritores).⁸⁵ A seguir, relaciona atributos de Deus – os quais evidenciam a existência de um plano e um propósito para os destinos da humanidade, criação especial de Deus –; a personalidade do Espírito Santo; a atualidade do batismo no Espírito Santo e dos dons espirituais; a realidade dos anjos e do pecado. Conclui apresentando o plano da Salvação e a iminência da volta de Cristo para buscar sua Igreja, “composta de todos os cristãos autênticos em toda a história do cristianismo”.⁸⁶

A importância do testemunho cristão no mundo foi o tema abordado no segundo trimestre de 2001, a partir dos princípios expostos por Jesus no Sermão do Monte, em particular nas bem-aventuranças (Mt 5.1-12). Para tanto, Geremias do Couto refere-se aos padrões éticos do reino de Deus, no relacionamento com o próximo, no uso dos bens materiais, no comportamento sexual e na dependência de Deus, reconhecendo sua paternidade para conosco.⁸⁷

⁸³ ANDRADE, Claudionor C. *Lições Bíblicas*. Quando a idolatria ameaça a Igreja de Cristo. Rio de Janeiro: CPAD, out./dez.2000, p. 5.

⁸⁴ A teologia da prosperidade e a confissão positiva são temas que surpreendem, pela frequência com que são mencionados ao longo da década, nas *Lições Bíblicas* e no jornal *Mensageiro da Paz*.

⁸⁵ Cf. CABRAL, Elienai. *Lições Bíblicas*. Doutrinas Bíblicas. Rio de Janeiro: CPAD, jan./mar.2001, p. 7. Trata-se de um tema importante para a teologia pentecostal e que ainda será analisado com mais detalhes adiante.

⁸⁶ CABRAL, 2001, p. 64.

⁸⁷ Cf. COUTO, Geremias do. *Lições Bíblicas*. Sermão do Monte. Rio de Janeiro: CPAD, abr./jun.2001, p. 80.

A epístola aos Hebreus forneceu o texto base para a exposição de Elinaldo Renovato acerca da pessoa de Cristo. Ele começa apresentando Cristo como o resplendor da glória de Deus, sumo-sacerdote eterno e perfeito, superior aos anjos e ao sacerdócio levítico. A seguir, trata do perigo da apostasia, definida como abandono da “fé cristã de modo premeditado e consciente”.⁸⁸ Conclui discorrendo sobre a fé e a necessidade de perseverança e santidade na caminhada cristã, evidenciadas através de virtudes como o amor fraternal, a hospitalidade, pureza sexual e obediência.

O novo nascimento (regeneração) e a santificação foram temas abordados no final do ano de 2001, por Eliezer Lira, baseando-se nas duas epístolas de Pedro. Na seqüência, foram analisados tópicos referentes ao relacionamento do cristão com o próximo, com as autoridades, com os padrões, com o cônjuge, sempre sob a ótica da “esperança da vinda de Cristo, como incentivo para uma vida reta e um serviço responsável diante de Deus [...]”.⁸⁹ Normas de procedimento para líderes e pastores, o perigo dos falsos mestres, as aflições do cristão e a expectativa quanto à volta de Cristo também foram temas estudados.

2002 – Claudionor C. Andrade inicia seu estudo, sobre a necessidade de defesa da doutrina cristã, a partir de exemplos retirados da história de Israel, da Igreja cristã e do contexto em que foi escrita a epístola de Judas. Menciona o aparecimento, identificação e motivação dos falsos mestres⁹⁰ e suas heresias⁹¹ concluindo que é possível manter uma vida de integridade numa época de falsas doutrinas, andando com Deus – a exemplo do profeta Enoque –, aguardando a volta do Senhor.⁹²

O livro do profeta Oséias foi estudado no segundo trimestre de 2002, destacando-se o contexto de instabilidade política e religiosa de Israel, simbolizado pelos contratempos

⁸⁸ RENOVATO, Elinaldo. *Lições Bíblicas*. Hebreus. Rio de Janeiro: CPAD, jul./set.2001, p. 29.

⁸⁹ LIRA, Eliezer. *Lições Bíblicas*. A esperança do cristão em tempos de angústia. Rio de Janeiro: CPAD, out./dez.2001, p. 48.

⁹⁰ A partir do exemplo do profeta Balaão, o autor argumenta que é possível “[...] usar a teologia para corromper. Nunca se criou tantas teologias e modismos para se corromper o povo de Deus. É a teologia da prosperidade. É a confissão positiva. É a profissionalização do ministério. É a adoção dos costumes mundanos.” ANDRADE, Claudionor C. *Lições Bíblicas*. Batalhando pela genuína fé cristã. Rio de Janeiro: CPAD, jan./mar.2002, p. 57.

⁹¹ Heresia é um conceito teológico relevante. Para Schleiermacher “heresia é fundamentalmente uma espécie de fé cristã inadequada ou ilegítima”, conservando uma aparência de cristianismo, porém contrariando sua essência. SCHLEIERMACHER, Friedrich D.E. *apud* McGRATH, Alister E. *Teologia Sistemática, Histórica e Filosófica*. São Paulo: Shedd Publicações, 2005, p. 193.

⁹² ANDRADE, 2002, p. 79.

enfrentados pelo profeta em seu casamento.⁹³ Esequias Soares alerta para o fato de que a falta de conhecimento de Deus e o avanço generalizado da violência estão destruindo nosso país, à semelhança de Israel nos tempos de Oséias. Rejeita o sincretismo religioso, o ecumenismo e o Conselho Mundial de Igrejas (CMI), pois “ o apelo dramático da Reforma Protestante de *Sola Scriptura, Sola Gratia, Solus Christus e Sola Fides* para o retorno às Escrituras Sagradas como única regra de fé e prática, agora é desfeito em cinzas com o CMI. Isso se chama união das igrejas ou retorno ao catolicismo romano?[...]”⁹⁴ Conclui estudando a esperança messiânica na profecia de Oséias, com a escatologia e a futura restauração de Israel.

Elinaldo Renovato começa definindo *ética cristã* como o “conjunto de regras de conduta, para o cristão, tendo por fundamento a Palavra de Deus. Para nós, crentes em Jesus, o certo e o errado devem ter como base a Bíblia Sagrada, a nossa *regra de fé e prática*”.⁹⁵ Foram estudados a ética cristã e os Dez mandamentos; o posicionamento cristão perante a guerra, considerando legítima a participação em guerras, por exemplo, contra o narcotráfico e o crime organizado. Entende o autor que a alma e o espírito são colocados por Deus no embrião, com a concepção, assim “com exceção do caso em que a vida não totalmente desenvolvida do bebê constitui-se uma ameaça de morte para a vida plenamente desenvolvida da mãe, não há motivo justificável à luz da Bíblia para a realização do abortamento”.⁹⁶ Quanto à sexualidade, condena qualquer prática sexual fora do casamento. Admite o divórcio, que entende como um assunto extremamente complexo, estando o cristão livre para se casar novamente quando a iniciativa do divórcio partir do cônjuge descrente. Sobre a pena de morte, conclui que há respaldo bíblico, não como regra, mas como exceção, aplicada pelas autoridades constituídas. Aborda ainda assuntos polêmicos como a eutanásia, a doação de órgãos, vícios, jogos de azar, drogas e participação na política partidária.⁹⁷

Para encerrar a série de estudos da Escola Dominical em 2002 Elienai Cabral apresentou a história bíblica de Abraão, “o pai da fé”, ressaltando sua chamada e obediência; as escolhas que fez; as fragilidades de um homem de fé; a misericórdia de Deus e as lições daí

⁹³ SOARES, Esequias. *Lições Bíblicas*. Oséias. Rio de Janeiro: CPAD, abr./jun.2002, p. 16.

⁹⁴ SOARES, 2002, p. 67.

⁹⁵ RENOVATO, Elinaldo. *Lições Bíblicas*. Ética Cristã. Rio de Janeiro: CPAD, jul./set.2002, p. 7.

⁹⁶ RENOVATO, 2002, p. 30.

⁹⁷ Cf. RENOVATO, 2002, p. 50-95.

advindas para o cristão de hoje. A história da depravação de Sodoma e Gomorra, com o conseqüente juízo divino, serve de pano de fundo para que o autor condene o homossexualismo, nos seguintes termos: “A sociedade, distanciada de Deus, admite o homossexualismo como opção sexual e como direito humano. Vários textos, no Novo Testamento, condenam essas práticas [...]”.⁹⁸ O autor conclui – após analisar o sentido e as dimensões da prova a que Abraão foi submetido (o pedido de sacrifício de seu filho Isaque) –, que “Deus permite certas crises em nossa vida para que descubramos sua grandeza e também a vulnerabilidade da nossa estrutura”.⁹⁹

2003 – *O sofrimento dos justos e o seu propósito* foi o título escolhido por Claudionor C. Andrade para sua análise do livro de Jó. O sofrimento do patriarca é apresentado como um paradigma das calamidades sociais, sobrenaturais, meteorológicas, físicas e psicológicas que podem acometer o cristão, o qual deve resistir firme na fé, mantendo sua integridade diante de Deus. Relembra a responsabilidade dos pais, a exemplo de Jó, na educação e acompanhamento espiritual da vida de seus filhos. A partir dos discursos dos amigos de Jó¹⁰⁰, o autor rejeita a idéia de um relacionamento mercantil com Deus, por meio do qual, se lhe formos fiéis e lhe prestarmos adoração, seremos certamente abençoados numa simples troca comercial. Também afirma que, na mesma linha de pensamento de Bildade, “a teologia da prosperidade é diabolicamente perversa e mentirosa, porque induz os filhos de Deus a buscar a riqueza, por concluírem ser esta tão importante quanto a salvação”.¹⁰¹ Conclui analisando o sacerdócio e a restauração espiritual, material e social do patriarca Jó.

No segundo trimestre do ano, Esquias Soares apresenta um panorama do Antigo Testamento, distinguindo os livros canônicos dos livros apócrifos. Defende sua credibilidade e inspiração, rejeitando a “Hipótese Documentária, que afirma ser o Pentateuco uma coletânea de

⁹⁸ CABRAL, Elienai. *Lições Bíblicas*. Abraão. Rio de Janeiro: CPAD, out./dez.2002, p. 52.

⁹⁹ CABRAL, 2002, p. 63.

¹⁰⁰ Segundo o autor, a conduta dos amigos de Jó antecipa o debate teológico dos dois últimos séculos, em torno da transcendência ou imanência de Deus. Conclui que Deus é tanto transcendente quanto imanente, sem incorrer na vulgarização da imanência de Deus, num relacionamento meramente mercantil, ou superestimar a transcendência divina, a ponto de aceitar o deísmo, segundo o qual Deus realmente existe, mas não interfere na história humana, nem se interessa por relacionar-se com suas criaturas. Ao contrário, defende o teísmo, segundo o qual Deus não apenas existe, mas deseja relacionar-se com o ser humano, e intervêm em sua história. Cf. ANDRADE, Claudionor C. *Lições Bíblicas*. O sofrimento dos justos e o seu propósito. Rio de Janeiro: CPAD, jan./mar.2003, p. 49.

¹⁰¹ ANDRADE, 2003, p. 45.

documentos produzidos por diversos autores, em épocas diferentes”.¹⁰² Empreende uma análise sucinta, ao longo de várias semanas, de cada um dos livros do Antigo Testamento.

Vários assuntos de caráter eminentemente prático na vida cristã são propostos por Elinaldo Renovato, sob o título: *Aprendendo diariamente com Cristo*. Assim, o autor aborda a vida devocional diária do cristão, citando a oração, a leitura diária da Bíblia o jejum e a frequência aos cultos como essenciais para o desenvolvimento espiritual e moral da família. Menciona o perdão como dever cristão, propiciando cura espiritual e libertação do ofendido do peso da mágoa; o relacionamento com os filhos, com afeto, gestos de amor e boa comunicação; o cuidado com o corpo, alimentação saudável e exercícios físicos. Sobre os meios de comunicação, afirma que devem ser utilizados com bom senso, especialmente a televisão.¹⁰³ Conclui, tratando da volta do Senhor, ao qual devemos esperar com vigilância, oração e santidade, na unção do Espírito Santo.¹⁰⁴

Para encerrar o ano de 2003, foi estudada a doutrina da *mordomia cristã*. Elienai Cabral refere que “o ser humano foi criado por Deus para ser o mordomo, isto é, o administrador de todas as coisas criadas”.¹⁰⁵ Segundo o autor, a mordomia requer do cristão a disposição, confiança e obediência na execução da vontade de Deus para sua vida: cuidando da terra, pois Deus estabeleceu leis naturais de preservação do meio ambiente; reconhecendo que nosso corpo é templo de Deus, não devendo ser corrompido por práticas pecaminosas, tais como impureza sexual, drogas, alcoolismo e tabagismo. Também somos mordomos do tempo e do dinheiro, dádivas de Deus, que não devem ser desperdiçados com coisas fúteis; quando entregamos o dízimo provamos a nossa dependência de Deus, reconhecendo sua fidelidade. Conclui com a mordomia da adoração, pois o homem foi criado para adorar ao Criador de modo livre e espontâneo e o cristão deve ser conhecido primeiramente como adorador, exercendo um sacerdócio santo (1 Pe 2.5,9).

¹⁰² SOARES, Esequias. *Lições Bíblicas*. Visão panorâmica do Antigo Testamento. Rio de Janeiro: CPAD, abr./jun.2003, p. 37.

¹⁰³ Durante muito tempo, houve proibição expressa de que os membros da *Igreja Assembléia de Deus* adquirissem televisores. Em 1975, a Convenção Geral em Santo André (SP) manifestou-se oficialmente sobre o tema, endossando a determinação “tendo em vista a má qualidade da maioria dos seus programas, abstenção essa que se justifica, inclusive, por conduzir [o uso de televisão] a eventuais problemas de saúde.” Cf. ARAUJO, 2007, p. 883.

¹⁰⁴ RENOVATO, Elinaldo. *Lições Bíblicas*. Aprendendo diariamente com Cristo. Rio de Janeiro: CPAD, jul./set.2003, p. 94.

¹⁰⁵ CABRAL, Elienai. *Lições Bíblicas*. Mordomia Cristã. Rio de Janeiro: CPAD, out./dez.2003, p. 5.

2004 – Eurico Bergstén escreveu o texto base para o primeiro trimestre de 2004, versando sobre *A pessoa e a obra do Espírito Santo*. O autor começa referindo-se à divindade do Espírito Santo, terceira pessoa da Trindade, o qual opera na regeneração e santificação do pecador. O batismo com o Espírito Santo é o ponto inicial de uma vida de profunda comunhão com Jesus, cumprimento da profecia de Joel 2.28, e plataforma para a manifestação dos dons e outras maravilhas do Espírito Santo.¹⁰⁶ Conclui tratando da atuação do Espírito Santo na obra missionária e na preparação da Igreja para a volta de Jesus.

Para estudar a *Família Cristã*, Eliezer Lira começa identificando a família como obra prima de Deus – a primeira das instituições divinas na terra –, estando diretamente vinculada com a igreja. Deus valoriza tanto a família que a tomou como exemplo para ilustrar seu relacionamento com a igreja: Deus, pai de uma família com muitos irmãos. Na seqüência, o autor aborda temas como namoro, noivado, casamento e divórcio, com o padrão bíblico sobre o papel do marido, da mulher e os males gerados pela confusão quanto a esses papéis. Menciona, ainda, a importância do culto doméstico, com o ensino da palavra de Deus em família e a disciplina na educação das crianças, pois “a autoridade paterna é um instrumento divino a nós confiado para garantir a qualidade da formação de nossos filhos [...]”.¹⁰⁷

Elinaldo Renovato, baseando-se na epístola aos Colossenses cita aspectos doutrinários importantes e ainda atuais, no combate a heresias antigas com roupagens modernas, tais como a Teosofia, a Logosofia, o Gnosticismo,¹⁰⁸ culto a anjos, negação da encarnação de Cristo, ascetismo, esoterismo. Para enfrentar tais heresias, a solução é o conhecimento de Deus, andando dignamente, agradando-lhe em tudo, frutificando em toda boa obra. A seguir, o autor trata do mistério do evangelho de Cristo, através do exemplo do apóstolo Paulo, cujos sofrimentos pela causa do Senhor (evangelho) nos permitem rejeitar “igrejas, sem qualquer fundamento bíblico, que proclamam uma tal ‘teologia da prosperidade’, ensinando que o crente quando sofre está em

¹⁰⁶ BERGSTÉN, Eurico. *Lições Bíblicas*. A pessoa e a obra do Espírito Santo. Rio de Janeiro: CPAD, jan./mar.2004, p. 33.

¹⁰⁷ LIRA, Eliezer. *Lições Bíblicas*. Família Cristã. Rio de Janeiro: CPAD, abr./jun.2004, p. 36.

¹⁰⁸ Segundo o autor, “ Teosofia - filosofia mística que ensina ser possível ao homem obter a salvação através do auto-conhecimento. [...] Logosofia - filosofia mística que tem por objeto ensinar o homem a chegar à auto-transformação mediante processo de evolução consciente. [...] Gnosticismo - filosofia herética, de cunho religioso, que se propõe a explicar as coisas por meio da *gnosis* (conhecimento).” RENOVATO, Elinaldo. *Lições Bíblicas*. Colossenses. Rio de Janeiro: CPAD, jul./set.2004, p. 6.

pecado ou com falta de fé”.¹⁰⁹ Conclui pela necessidade de o cristão andar em nova vida com Cristo, através da oração e leitura da Bíblia, revestido de virtudes cristãs, tais como humildade, benignidade, mansidão.

No final de 2004, Claudionor de Andrade expôs a Doutrina das últimas coisas (escatologia). Ele começa tratando da profecia bíblica relacionada à apostasia, abandono consciente e público da fé e o esfriamento do amor cristão, citando como exemplo o liberalismo teológico.¹¹⁰ Apresenta a *teologia da prosperidade* como exemplo de heresia, por apregoar a riqueza e o sucesso como essência da vida cristã. Na qualidade de sinais indicativos da volta de Cristo, ele relaciona o renascimento de Israel, a proliferação de falsos profetas e falsos doutores, guerras, perseguição aos cristãos, aumento dos escândalos na Igreja, fomes, pestes e terremotos, propagação universal do evangelho. Conclui afirmando que “a doutrina da santificação vem sendo esquecida em muitos de nossos púlpitos. Na procura insana por aquilo que se convencionou chamar de politicamente correto, substitui-se a teologia da santificação por um ensino triunfalista de auto-ajuda”.¹¹¹

2005 – O Fruto do Espírito foi o tema desenvolvido por Antonio Gilberto, desde o início do ano. O autor afirma que o “fruto do Espírito é a marca daqueles que possuem comunhão com o Senhor”¹¹² desenvolvendo um caráter semelhante ao de Cristo. Com o desenvolvimento das lições foram estudados: o amor a Deus, ao próximo e a si mesmo; a alegria no sofrimento; a paz com Deus e com os homens; a paciência; a bondade; a fidelidade; a temperança e a mansidão. Conclui afirmando que “o caráter santo e perfeito de Cristo ensina tanto quanto suas palavras. Ele é o nosso modelo do que dizer, fazer e acima de tudo, ser”.¹¹³

No segundo trimestre de 2005, foram estudadas as *Parábolas de Jesus*, como advertência para os dias de hoje, com objetivo didático e teológico. O autor escreve que jamais devemos esquecer que “as parábolas servem para ilustrar doutrinas e não para estabelecê-las”.¹¹⁴

¹⁰⁹ RENOVATO, Elinaldo. *Lições Bíblicas*. Colossenses. Rio de Janeiro: CPAD, jul./set.2004, p. 29.

¹¹⁰ Que o autor define como “movimento que não crê nos eventos sobrenaturais da Bíblia. Nele não há lugar para os milagres e a divindade de Cristo Jesus.” ANDRADE, Claudionor C. *Lições Bíblicas*. A doutrina das últimas coisas. Rio de Janeiro: CPAD, out./dez.2004, p. 12.

¹¹¹ ANDRADE, 2004, p. 94.

¹¹² GILBERTO, Antônio. *Lições Bíblicas*. O Fruto do Espírito. Rio de Janeiro: CPAD, jan./mar.2005, p. 7.

¹¹³ GILBERTO, 2005, p. 77.

¹¹⁴ CABRAL, Elienai. *Lições Bíblicas*. Parábolas de Jesus. Rio de Janeiro: CPAD, abr./jun.2005, p. 7.

Facilitam a compreensão da mensagem do reino de Deus, incluindo temas como a diferença entre o justo e o injusto; Cristo, o tesouro incomparável; fidelidade e diligência na obra de Deus – lição obtida com a parábola dos talentos, com a recompensa para os fiéis –; o gracioso perdão de Deus, e a obediência, aspecto fundamental de nossa fé. Finaliza lembrando que devemos estar sempre preparados e atentos para o grande momento da vinda de Jesus para buscar sua Igreja.

A partir das duas epístolas de Paulo aos Tessalonicenses, que nos falam acerca da certeza da volta de Cristo, Elinaldo Renovato escreve que “de nada adianta um modelo de evangelização fundamentado em técnicas e métodos, muitas vezes duvidosos e extra-bíblicos, se a mensagem não for transmitida no poder do Espírito Santo”.¹¹⁵ A razão de ser da vida cristã é ser salvo para esperar um dia o encontro com Cristo, seja pela ressurreição, seja pelo arrebatamento da igreja na sua vinda.¹¹⁶ Enquanto espera, o cristão precisa desenvolver amor, santidade e ética nos relacionamentos, trabalhando sem ansiedade, cuidando da própria vida, andando honestamente.

O ano de 2005 foi encerrado pela exposição bíblica de Geremias do Couto, com o título *E agora como viveremos?* O autor descreve as principais características dos tempos pós-modernos; os desafios das visões conflitantes de mundo; o multiculturalismo e o relativismo. A incredulidade e a rebeldia humana como as raízes do pós-modernismo, onde os valores morais bíblicos¹¹⁷ estão perdendo espaço para uma nova moralidade hedonista e egocêntrica. Condena o aborto e a eutanásia, a permissividade sexual, o materialismo e o ateísmo. Encerra denunciando a

¹¹⁵ RENOVATO, Elinaldo. *Lições Bíblicas*. Vida santa até a volta de Cristo. Rio de Janeiro: CPAD, jul./set.2005, p. 7.

¹¹⁶ Segundo o autor “o clima de euforia, ufanismo, triunfalismo e outros modismos tais como a ‘teologia da prosperidade’, ‘confissão positiva’, ‘maldição hereditária’ levam as igrejas a menosprezarem a importância da volta de nosso Senhor Jesus Cristo. [...] Em muitas igrejas que tem na fachada uma placa com o nome de ‘pentecostal’ não se vê mais o fogo do Espírito. O batismo com o Espírito Santo é tão raro que os novos convertidos espantam-se quando alguém ‘consegue’ receber essa bênção”. RENOVATO, 2005, p. 80.

¹¹⁷ O autor reafirma a crença na inspiração e na inerrância da Bíblia, o que definiria uma *teologia ortodoxa*, rejeitando, por sua vez, os pressupostos dos que ele chama de mentores da *teologia liberal*, que tratam a “Bíblia como um livro mitológico. Eles consideram as narrativas bíblicas, inclusive a da criação de todas as coisas, como mitos, fábulas, apenas contendo alguma verdade moral e não fatos literais, verídicos, insuspeitos e históricos. É como se fossem fruto da imaginação de alguém. [...] Esses tais teólogos não aceitam a realidade do nascimento virginal de Cristo, mas aceitam em parte o que chamam de Jesus histórico [enfoque humanístico da teologia liberal que admite apenas as palavras e a identidade terrena de Jesus como relevantes, não crendo no propósito redentor e expiador da obra de Cristo concernente ao homem perdido, que está vivendo no pecado, sem Deus, sem salvação]. [...] Na verdade, trata-se de uma falsa teologia, uma vez que os principais pilares das verdades bíblicas da fé cristã são retirados”. COUTO, Geremias do. *Lições Bíblicas*. E agora, como viveremos? Rio de Janeiro: CPAD, out./dez.2005, p. 45.

secularização da igreja, que estaria acomodando-se aos padrões do mundo, perdendo sua identidade, seguindo as idéias de “bons religiosos, que não se furtam de usar linguagem astuciosa – ecumênica para ser mais preciso –, buscando defender a multiplicidade religiosa, a qual nada mais é do que a repetição da velha idéia de que todos os caminhos levam a Deus. Nesse emaranhado, a identidade cristocêntrica é prejudicada”.¹¹⁸

2006 – Eliezer Lira analisa os pilares da vida cristã, a partir da epístola de Paulo aos Romanos. Segundo o autor, essa epístola é a maior exposição da doutrina da salvação em toda a Bíblia, pois responde à milenar pergunta: Como pode o homem ser justo diante de Deus? (Jó 9.2). O autor define justificação como uma “declaração de Deus, segundo a qual todos os processos da lei divina são plenamente satisfeitos por meio da justiça de Cristo, em benefício do pecador que o recebe como salvador”.¹¹⁹ Discorre sobre a realidade do pecado; a doutrina da graça de Deus; a regeneração, a santificação, o amor – essência da nova vida em Cristo –, e a esperança de sua volta. Acerca do relacionamento entre o cristão e o Estado, o autor afirma que “devemos sujeitar-nos às autoridades enquanto estas não se puserem entre nós e a nossa lealdade a Deus e a seus mandamentos”.¹²⁰ Conclui mencionando a realidade da eleição e o futuro glorioso de Israel.

Sob o título *Heresias e Modismos*, Esequias Soares faz uma exposição dos fundamentos doutrinários do islamismo, do mormonismo e do espiritismo. A respeito deste último, afirma que “a popularidade da reencarnação é o resultado da tendência humana de procurar escapar do inferno sem a ajuda de Deus”.¹²¹ Aponta os erros e incongruências dos Testemunhas de Jeová, das seitas orientais, da regressão psicológica e da chamada teologia da prosperidade. Conclui mencionando a necessidade de discernimento espiritual.

No terceiro trimestre foram estudadas *As Doutrinas Bíblicas Pentecostais*, comemorando o centenário do movimento pentecostal, iniciado em 1906, em Los Angeles, EUA. Nestes termos, Antonio Gilberto faz uma síntese da história dos avivamentos experimentados pela igreja ao longo dos tempos, mencionando os puritanos, os quakers, os pietistas, os morávios e os metodistas, concluindo com o movimento pentecostal da Rua Azusa. Este movimento deu

¹¹⁸ COUTO, 2005, p. 79.

¹¹⁹ LIRA, Eliezer. *Lições Bíblicas*. Salvação e Justificação. Rio de Janeiro: CPAD, jan./mar.2006, p. 28.

¹²⁰ LIRA, 2006, p. 72. Há autores que criticam o que seria o permanente adesismo da Assembléia de Deus a qualquer governante. Parece que não é bem assim... Cf. ALENCAR, 2008, p. 17.

¹²¹ SOARES, Esequias. *Lições Bíblicas*. Heresias e modismos. Rio de Janeiro: CPAD, abr./jun.2006, p. 30.

origem ao pentecostalismo moderno, caracterizado pelo batismo com o Espírito Santo. Segundo o autor, “o batismo no Espírito Santo é a experiência subsequente à salvação, que capacita o crente: ao ministério evangelístico; a falar em outras línguas; a testemunhar com poder e ousadia; a servir a igreja em suas necessidades sociais; a atender a chamada ministerial específica; [...]”¹²² Estuda os dons do Espírito Santo, a santificação e a renovação espiritual. Alerta para o perigo de resistir, entristecer e extinguir o Espírito Santo, através de uma liturgia formalista. Conclui mencionando sinais que apontam a iminência da volta de Jesus, para buscar sua igreja e estabelecer seu reino milenial na terra.

Claudionor C. Andrade apresenta *As Verdades Centrais da Fé Cristã* no último trimestre de 2006. Ele ressalta a importância de se estudar as doutrinas fundamentais da fé cristã, pois sem a instrução da palavra de Deus o avivamento é impossível. Analisa a existência, revelação, natureza e atributos de Deus. Para o autor, a Cristologia – o estudo ordenado e sistemático de Cristo na Bíblia –, é uma das principais doutrinas da Bíblia e da teologia cristã. Apresenta profundos mistérios da fé cristã, tais como a encarnação do Verbo de Deus e suas duas naturezas, divina e humana, a morte vicária e a ressurreição de Cristo. Discorre sobre a doutrina da Santíssima Trindade;¹²³ sobre os anjos e sua missão; sobre a criação e natureza do ser humano; sobre a origem, universalidade e conseqüências do pecado; a salvação, pela graça de Deus, mediante a fé. O autor conclui tecendo comentários sobre a inspiração¹²⁴, inerrância e infalibilidade da Bíblia, e a importância de sua leitura devocional e exegética, o que produzirá efetivo avivamento, definido como retorno aos princípios que caracterizavam a igreja primitiva.

2007 – Neste ano, inicia-se um novo currículo para as lições da Escola Dominical, com o estudo do tema *A Igreja e a sua Missão*. Elienai Cabral começa referindo que “a mensagem do evangelho deve ir a todas as extremidades da Terra, porque a salvação que Cristo consumou no Calvário visa a toda a humanidade. A igreja não pode negligenciar sua missão principal: alcançar

¹²² GILBERTO, Antonio. *Lições Bíblicas*. As Doutrinas Bíblicas Pentecostais. Rio de Janeiro: CPAD, jul./set.2006, p. 28.

¹²³ Nas palavras do autor, “doutrina segundo a qual a Divindade, embora una em sua essência, subsiste eternamente nas pessoas do Pai, do Filho e do Espírito Santo. As três pessoas são iguais na substância e nos atributos absolutos e morais. Apesar de o termo não se encontrar nas Sagradas Escrituras, as evidências que atestam a doutrina são, tanto no Antigo quanto no Novo Testamento, incontestáveis.” ANDRADE, Claudionor C. *Lições Bíblicas*. As verdades centrais da fé cristã. Rio de Janeiro: CPAD, out./dez.2006, p. 35.

¹²⁴ A inspiração divina da Bíblia pressupõe “ação sobrenatural do Espírito Santo sobre os escritores sagrados, que os levou a produzir, de maneira inerrante, infalível, única e sobrenatural, a Palavra de Deus, a Bíblia Sagrada.” ANDRADE, 2006, p. 78.

todos os povos com a mensagem do evangelho”.¹²⁵ Refere-se à missão ética e social da igreja, através do exemplo de Jesus, como sal da terra e luz do mundo, aconselhando, visitando e prestando assistência aos pobres e necessitados, como expressão de uma religião pura e imaculada (Tg 1.27). O autor conclui mencionando a missão conservadora e dinâmica da Igreja, como guardião da ortodoxia doutrinária e do genuíno avivamento espiritual.

Na revista *Tempos Trabalhosos*, Elinaldo Renovato apresenta a apostasia, o abandono premeditado da fé cristã, como uma característica marcante dos últimos tempos, a partir da advertência do apóstolo Paulo (1 Tm 4.1). Segundo ele, vivemos um momento de “desvalorização da Bíblia. Inspirados em teologias liberais, há crentes que não mais vêem a Bíblia como a inspirada, inerrante e infalível Palavra de Deus – nossa única regra de fé e prática. Alguns chegam a ensinar que a Bíblia não é a Palavra de Deus, mas apenas a contém”.¹²⁶ Menciona também os desafios da educação materialista, pois, segundo o autor, “é nas escolas seculares que se ensina a teoria da evolução, negando o criacionismo bíblico. Ao mesmo tempo, fazem apologias ao homossexualismo e a outros comportamentos condenados pela Bíblia Sagrada. Daí a importância do ensino religioso no lar”. O autor cita que as ‘portas do inferno’ vêm tentando prevalecer contra a Igreja do Senhor por meio de perseguições teológicas;¹²⁷ político-ideológicas; inovações e modismos religiosos, tais como a teologia da prosperidade e a confissão positiva. Conclui referindo-se ao mandamento de amar a Deus e ao próximo, ressaltando que a vitória final é da Igreja, a qual aguarda a volta de Cristo.

No terceiro trimestre de 2007, Eliezer Lira começa analisando a natureza e características do caráter do cristão e a obra do Espírito Santo, a partir de exemplos de personagens bíblicos, como Abraão, Sara, José, Moisés, Davi, Elias, Ester, Pedro e Paulo. O autor destaca virtudes cristãs tais como integridade, coragem, autenticidade, zelo, justiça, temperamento controlado, submissão, humildade, mansidão, sinceridade e altruísmo, refletidas

¹²⁵ CABRAL, Elienai. *Lições Bíblicas*. A Igreja e a sua Missão. Rio de Janeiro: CPAD, jan./mar.2007, p. 14.

¹²⁶ RENOVATO, Elinaldo. *Lições Bíblicas*. Tempos trabalhosos. Rio de Janeiro: CPAD, abr./jun.2007, p. 5.

¹²⁷ Como exemplo de perseguição teológica, o autor menciona, sem citar referências bibliográficas, idéias atribuídas a “teólogos liberais, não-ortodoxos”, tais como Friedrich Scheleiermacher (“não há religiões falsas e verdadeiras. Todas elas, com maior ou menor grau de eficiência, têm por objetivo ligar o homem finito com o Deus infinito, sendo o Cristianismo a melhor delas”); Paul Tillich (“Deus não existe ... Deus não é um ser, mas um poder de ser. É o fundamento de todo o ser, porém, não é objetivo nem sobrenatural...”); Rudolf Bultmann (“A Bíblia está cheia de mitos. [...] Pode-se crer em Jesus como Salvador, sem ter de crer em sua concepção virginal, ressurreição, ou segunda vinda.[...] É impossível alguém crer na luz elétrica e nos avanços da medicina e acreditar nos milagres do Novo Testamento.”). Cf. RENOVATO, 2007, p. 34.

no caráter de Cristo, “modelo de conduta ideal para a identidade do crente”.¹²⁸

Na última lição do ano, Geremias do Couto afirma que as promessas de Deus são atos de sua suprema autoridade, para cumprir seus soberanos propósitos, não se constituindo em receitas mágicas. Assim, “as promessas de Deus visam abençoar seu povo, não com a expectativa errada da teologia da prosperidade, que põe as riquezas como um fim e faz com que a vida cristã gire ao redor disso como se fosse a conquista suprema da vida”.¹²⁹ A seguir, analisa a promessa de salvação – a mais preciosa de todas as promessas das Escrituras, por representar o recomeço do relacionamento com Deus, desfeito pelo pecado e o recebimento de todas as bênçãos inerentes a ela nesta vida e no porvir –; a promessa do batismo no Espírito Santo; a promessa bíblica da cura divina – uma das marcas identificadoras da pregação pentecostal ao redor do mundo –; a promessa de verdadeira paz interior, com Deus e com o próximo. O autor conclui referindo-se à promessa da volta de Cristo para buscar sua Igreja – a bem-aventurada esperança (Tt 2.13) –, acrescentando que, para alcançar as promessas de Deus, é necessário fé e obediência.

2008 – No primeiro trimestre do ano, Esequias Soares inicia enfatizando aspectos importantes da Cristologia: Jesus como Deus Eterno, Criador, Filho Unigênito e Primogênito de Deus. Assim, ele rejeita o “falso ensino dos modalistas e unicistas que, embora defendam a divindade de Jesus, negam a santa doutrina bíblica da Trindade. Segundo os hereges, Pai, Filho e Espírito Santo são uma só pessoa. Eles não crêem na doutrina da existência de um só Deus que subsiste em três distintas e Santíssimas Pessoas”.¹³⁰ Na lição nº 3: *Jesus, verdadeiro homem, verdadeiro Deus*, o autor trata da natureza humana e da natureza divina de Jesus.¹³¹ Refere-se, ainda, a Jesus, como o Messias – reunindo em si mesmo as funções de rei, profeta e sacerdote –; e como o Mestre dos mestres, cujos ensinamentos tinham autoridade e pertinência. Conclui estudando o propósito, atualidade e realidade dos milagres de Jesus, e sua vitória final, como Rei dos reis e Senhor dos senhores.

¹²⁸ LIRA, Eliezer. *Lições Bíblicas*. A busca do caráter cristão. Rio de Janeiro: CPAD, jul./set.2007, p. 95.

¹²⁹ COUTO, Geremias do. *Lições Bíblicas*. As promessas de Deus para a sua vida. Rio de Janeiro: CPAD, out./dez.2007, p. 8.

¹³⁰ SOARES, Esequias. *Lições Bíblicas*. Jesus Cristo – verdadeiro homem, verdadeiro Deus. Rio de Janeiro: CPAD, jan./mar.2008, p. 5.

¹³¹ É apresentado um resumo das principais heresias sobre as naturezas de Jesus: gnosticismo, apolinarismo, monofisismo e kenoticismo. O autor termina afirmando que “assim como é herético negar a divindade de Cristo, da mesma forma o é negar a sua humanidade. Devemos reconhecer e defender a ortodoxia bíblica a respeito das duas naturezas de Jesus, pois, Ele é verdadeiro homem e verdadeiro Deus”. SOARES, 2008, p. 16.

A lição que estudou as disciplinas da vida cristã começa definindo-as como “exercícios espirituais, prescritos na Bíblia Sagrada, cujo objetivo é proporcionar ao crente uma intimidade singular com o Pai celeste, constringendo os que nos cercam a glorificar-lhe o nome (Hb 12.8)”.¹³² A seguir, são analisadas a comunhão com Deus – através da oração, adoração, louvor e leitura e meditação na Palavra de Deus¹³³ –; a disciplina do serviço – a partir do exemplo de Jesus, que fez-se servo de todos –; e a mordomia cristã, onde os dízimos e ofertas, voluntariamente entregues a Deus, constituem um dos maiores atos de devoção, não como uma penosa obrigação, mas como um ato de amor e de ações de graças, que devotamos àquele que tudo nos concede.¹³⁴ O autor encerra sua exposição tratando da confiança em Deus, da oração e jejum pela Pátria, e do testemunho cristão, como representação visível de Cristo, visando glorificar o nome de Deus, protestar contra as más obras, agir como luz e sal da terra e ajudar na propagação do evangelho.

Visando estudar algumas “doenças” que caracterizam a sociedade do nosso século, o pastor Wagner S. Gaby relembra a profecia de Jesus acerca dos sinais do fim dos tempos: “o amor de muitos se esfriará” (Mt.24.12). Segundo ele, a ansiedade está no topo da lista dos grandes males que afligem a sociedade de nossos dias Define ansiedade como um “estado emocional de inquietude, medo e perturbação do sistema nervoso central”.¹³⁵ A seguir, o autor sugere maneiras de enfrentar a depressão; o consumismo e o apelo nos meios de comunicação; a ambição, como procura irracional e desordenada de riquezas, poder e glória; a sedução das drogas; o culto ao corpo e os pecados contra ele, tais como a glotonaria, a fornicação, o adultério e prostituição. Ele menciona, ainda, o neopaganismo, isto é o retorno às práticas religiosas pagãs

¹³² ANDRADE, Claudionor C. *Lições Bíblicas*. As disciplinas da vida cristã. Rio de Janeiro: CPAD, abr./jun.2008, p. 5.

¹³³ O autor abre um parêntese, na exposição sobre a leitura devocional da Bíblia, para mencionar cinco grandes reivindicações da Bíblia: sua inspiração pelo Espírito Santo; inerrância (“isenta de erros, sem a mínima inexatidão, quer histórica, quer geográfica, seja teológica, seja doutrinária”); infalibilidade (“tudo o que o Senhor prometeu cumpre-se absolutamente”); soberania (“autoridade suprema em matéria de fé e prática”) e completude (“O Apocalipse encerrou, definitiva e irrecorrivelmente, o cânon da Bíblia Sagrada; nenhuma subtração ou adição está autorizada à Palavra de Deus.”). ANDRADE, 2008a, p. 30.

¹³⁴ Cf. ANDRADE, 2008a, p. 52.

¹³⁵ GABY, Wagner S. *Lições Bíblicas*. As doenças do nosso século. Rio de Janeiro: CPAD, jul./set.2008, p. 13.

da antiguidade e do misticismo oriental,¹³⁶ concluindo que, ao contrário das pretensas esperanças desta geração, “Cristo é o único e eficiente remédio contra os males que adoecem as nações. Nossa geração não precisa de mais cultura, mais tecnologia, mais filosofia e mais ciência. Necessita, sim, de Cristo Jesus, nosso Senhor”.¹³⁷

Para encerrar o ano, Elinaldo Renovato escreve sob o tema *O Deus do Livro e o Livro de Deus*. De saída, ele afirma que a existência de Deus¹³⁸ não precisa ser provada, pois a mente humana, limitada e falível, jamais conseguirá fazê-lo à parte da fé. “A existência de Deus é um postulado. Deus é real não precisa ser demonstrado com base na lógica humana”.¹³⁹ O autor destaca que o Deus da Bíblia, desde o princípio, se comunica com suas criaturas; respeita o livre arbítrio do ser humano; intervém na história, a qual está subordinada à sua vontade soberana; revela seu plano de salvação e redenção do pecado. Assim, não há como desconhecer a realidade do pecado do ser humano e sua rebelião contra Deus, manifestada, por exemplo, no relativismo moral, no crime de opinião¹⁴⁰ e no fundamentalismo ateu.¹⁴¹ Sobre a Bíblia, o Livro de Deus, código de ética divino, Renovato ressalta que ela não apenas contém a palavra de Deus, mas é a palavra de Deus. Defende, então, a inspiração, verbal e plenária; a inerrância e a infalibilidade da Bíblia.

2009 – O pastor Elienai Cabral, em seu estudo sobre a vida de Josué, apresenta-o como um canal de bênçãos para seu povo, a partir das qualidades de seu caráter, tais como obediência, fidelidade e integridade. O autor destaca que Josué conseguiu incutir em Israel um sentimento coletivo de fé e esperança, que tornou possível, por exemplo, a travessia milagrosa do rio Jordão e a conquista de Jericó. “Os racionalistas, por não conhecerem a Deus, têm dificuldades em

¹³⁶ Como exemplos, o autor menciona os ensinamentos da Nova Era, o ocultismo, espiritismo e mensagens subliminares associadas à bruxaria e ao satanismo, presentes na programação do cinema e da televisão. GABY, 2008, p. 80.

¹³⁷ GABY, 2008, p. 95.

¹³⁸ Argumentos clássicos para demonstrar a existência de Deus têm sido apresentados desde a Era Medieval. São eles: 1- Ontológico. 2- Cosmológico. 3- Teleológico. 4- Moral e 5- Estético. Cf. MENZIES, William W.; HORTON, S. M. *Doutrinas bíblicas: os Fundamentos da nossa Fé*. Rio de Janeiro: CPAD, 2005, p. 36.

¹³⁹ RENOVARO, Elinaldo. *Lições Bíblicas. O Deus do Livro e o Livro de Deus*. Rio de Janeiro: CPAD, out./dez.2008, p. 5.

¹⁴⁰ O autor cita o Projeto de Lei contra a homofobia, que criminalizaria até mesmo a simples manifestação de opinião contrária à prática do homossexualismo. RENOVARO, 2008, p. 53

¹⁴¹ São citados dois ateus “fundamentalistas”: Michel Onfray e Richard Dawkins, este, autor do livro *Deus, um Delírio*. RENOVARO, 2008, p. 54.

acreditar nesses milagres. Eles alegam que o texto é uma alegoria ou lenda, como se Deus dependesse de argumentos de homens para validar sua Palavra”.¹⁴² A seguir, alerta para os reflexos do pecado de um membro, sobre toda a comunidade (como ocorreu durante a conquista de Jericó) e o perigo de se conviver com o engano (exemplificado pelo episódio que envolveu os gibeonitas. Js 9.1-27). Conclui mencionando as cidades de refúgio – como um símbolo e um tipo de Jesus, o perfeito refúgio para o necessitado –, recordando a despedida de Josué e a renovação do concerto com Deus, pela construção de mais um memorial, para que jamais fosse esquecida a lição de que Deus é fiel no cumprimento de suas promessas.

Na seqüência, os problemas da Igreja e suas soluções foram expostos, pelo pastor Antonio Gilberto, a partir da argumentação do apóstolo Paulo, na Primeira Epístola aos Coríntios. Os problemas são conhecidos: partidarismo e divisões; imoralidade; demandas judiciais, falta de amor e comunhão entre os irmãos; idolatria e sincretismo religioso.¹⁴³ De acordo com o autor, as soluções para os problemas da Igreja estão vinculadas à genuína pregação bíblica, centrada unicamente em Cristo e sua morte na cruz, como reflexo da sãedoria divina. Todavia, isso depende sempre das características dos verdadeiros ministros de Cristo: chamados pela vontade de Deus, com responsabilidade, piedade e comprometimento com a palavra de Deus. Ele menciona, ainda, a importância da Santa Ceia – como ordenança de Cristo e memorial¹⁴⁴ da morte do Cordeiro de Deus, em nosso lugar –; defende a atualidade dos dons espirituais; e relembra a ressurreição de Cristo, tema central da pregação da Igreja Primitiva, base de nossa fé e esperança. Conclui, citando a importância da ajuda aos necessitados e a excelência,

¹⁴² CABRAL, Elienai. *Lições Bíblicas*. Livro de Josué. Rio de Janeiro: CPAD, jan./mar.2009, p. 24. Para o autor, o “dia prolongado” (Js 10.12-14) é uma das mais criticadas narrativas bíblicas de milagres, tendo sido interpretada como uma hipérbole poética ou um eclipse. Para ele “os milagres bíblicos não necessitam de provas científicas que os tornem verdadeiros. A inspiração e a autoridade da Escritura são suficientes para crermos em sua realidade”. CABRAL, 2009, p. 66.

¹⁴³ O autor, a respeito das festas religiosas pagãs no Brasil, refere que “muitos antropólogos e sociólogos seculares vêem essas festividades como elemento de integração social e manifestação cultural. Mas isto é apenas um disfarce material, que oculta a tenebrosa realidade espiritual das coisas. O sincretismo religioso presente em muitas dessas festas e comemorações é uma ferramenta maligna para iludir o cristão incauto ou desprovido de visão celestial.” GILBERTO, Antonio. *Lições Bíblicas*. I Coríntios. Rio de Janeiro: CPAD, abr./jun.2009, p. 59.

¹⁴⁴ Que coincide com a posição assumida por Ulrich Zwinglio. “É incrível que uma coisa tão breve (três versículos em Mateus) e simples como “comer este pão” e “beber este cálice” em memória de Jesus possa ter sido objeto de infinitas discussões e controvérsias através dos anos”. GEISLER, Norman. *Teologia Sistemática*. Rio de Janeiro: CPAD, 2010, v.2, p. 643.

características e alcance do amor cristão.¹⁴⁵

No terceiro trimestre, com comentário de autoria de Eliezer Lira, foi estudada a Primeira Epístola de João. O autor refere que João inicia sua epístola tratando da eternidade e da divindade de Jesus Cristo, o Filho de Deus, visando contrapor-se aos defensores de idéias gnósticas. Estes pregavam, sintetiza, que Jesus era apenas mais um dos salvadores do ser humano, e que ele apenas tinha algo de divino em seu ser¹⁴⁶. Assim, ficam assentados os pilares da doutrina cristã: devemos crer no nome de Jesus como Filho de Deus, aceitar que ele veio a este mundo em carne para nos salvar e que esta é a única condição de termos comunhão com ele. O cristão não deve amar o mundo nem o que no mundo há (1 Jo 2.15), sempre recordando que o surgimento de falsos mestres e falsos cristos são um sinal da iminente volta de Cristo. Para concluir, o autor refere que

Jesus não coloca a conduta moral nem a ortodoxia doutrinária como as marcas identificadoras do cristão. Tais elementos são fundamentais, mas não a essência do cristianismo, que é o amor. O amor é o assunto principal da Bíblia e a razão de existir do cristianismo. Portanto, ele deveria balizar todos os cultos, eventos, reuniões e relações da igreja de Cristo. Tudo que é feito na e pela igreja deve ter o amor como alicerce. Se somos discípulos de Cristo, obrigatoriamente refletimos o amor de Deus no cantar, pregar, ensinar, exortar, ofertar, repartir, exercitar misericórdia ou qualquer outra coisa.¹⁴⁷

Na última lição do ano, sob o título *Davi – As vitórias e as derrotas de um homem de Deus*, José Gonçalves estuda a vida do grande rei de Israel. Começa destacando que a vocação de Davi fez parte da vontade de Deus para seu povo. O Senhor, em sua soberania e presciência, escolhe a quem quer para a realização dos seus desígnios. Todavia, isso não significa que Deus não leve em conta a responsabilidade e a liberdade humana na realização de seus propósitos.¹⁴⁸ Refere que a vitória de Davi sobre o gigante Goliath é um divisor de águas na história da nação hebraica. Ele passa de um desconhecido pastor de ovelhas a figura-chave na construção da monarquia de Israel. Observa que esperar o tempo de Deus, buscar sua direção e obedecer é o segredo de quem quer ser vitorioso, a exemplo do que ocorreu com Davi, cujo caráter precisou

¹⁴⁵ GILBERTO, 2009, p. 93.

¹⁴⁶ O *gnosticismo* veio a surgir, de fato, apenas no segundo século da era cristã, mas suas origens remontam aos tempos apostólicos. Como exemplo, pode-se mencionar o *docetismo*, cujos adeptos “negavam a realidade da humanidade de Cristo, dizendo que seu sofrimento e sua morte foram aparentes.” NICHOLS, David R. O Senhor Jesus Cristo. In: HORTON, Stanley M. (Ed.). *Teologia Sistemática: uma perspectiva pentecostal*. Rio de Janeiro: CPAD, 2008, p. 317.

¹⁴⁷ LIRA, Eliezer. *Lições Bíblicas*. I João. Rio de Janeiro: CPAD, jul./set.2009, p. 83.

¹⁴⁸ GONÇALVES, José. *Lições Bíblicas*. Davi. Rio de Janeiro: CPAD, out./dez.2009, p. 7.

ser moldado mediante o exercício da paciência, da confissão e do arrependimento diante do pecado. O autor conclui estudando a respeito da transição do reino de Davi para Salomão¹⁴⁹ e identificando alguns traços do caráter de Davi, que o levaram a ser considerado um homem segundo o coração de Deus: um homem pronto para servir a Deus e à sua geração, com um propósito; um homem pronto para crer, realizando proezas pela fé; um homem pronto a adorar e louvar ao Senhor, deixando-nos um legado de zelo e piedade; um homem pronto a se humilhar, buscando reconciliação com Deus, após momentos de fraqueza.¹⁵⁰

A seguir, é apresentada uma avaliação teológica dos assuntos mais estudados na Escola Dominical, dentre aqueles acima expostos. O intuito desta avaliação é procurar identificar nesses escritos as chaves da leitura bíblica pentecostal, os temas mais importantes e recorrentes e a perspectiva prática que esta hermenêutica encontra na Palavra de Deus.

2.2 Avaliação teológica: chaves de leitura bíblica

Até mesmo uma simples leitura corrente do tópico anterior, em que se fez uma exposição resumida dos temas estudados nas publicações oficiais da *Igreja Assembléia de Deus*, permite verificar que determinados assuntos são recorrentes ao longo de vários anos. Outros, vão deixando de aparecer ou são lembrados apenas de tempos em tempos. Na seqüência, serão avaliados de forma sucinta alguns desses assuntos, ao mesmo tempo em que se buscará trazer à baila possíveis explicações para as presenças e/ou ausências.¹⁵¹

Inspiração da Bíblia Sagrada – Este foi o tema mais estudado ao longo desses 10 anos. O que é compreensível, pois o movimento pentecostal – e a *Igreja Assembléia de Deus* em particular –, sempre acreditou na inspiração da Bíblia,¹⁵² como regra de fé e prática, conservando

¹⁴⁹ José Gonçalves ressalta que “não podemos esquecer que o reino de Israel pertencia ao Senhor, não a Davi. Os líderes de Deus, levantados na atualidade, também precisam estar conscientes deste princípio bíblico: a obra pertence ao Senhor. Ele é o único dono. Não somos proprietários de nada, somos mordomos. Um dia teremos de prestar contas ao nosso Senhor. Não podemos nos esquecer que formar sucessores é, sem dúvida, uma das maiores virtudes dos grandes líderes”. GONÇALVES, 2009, p. 84.

¹⁵⁰ GONÇALVES, 2009, p. 93.

¹⁵¹ Para uma visão global, acerca da frequência dos principais assuntos estudados, cf. Apêndice B.

¹⁵² Uma relação completa das doutrinas bíblicas professadas pela Igreja Assembléia de Deus é publicada, em todas as edições do jornal *Mensageiro da Paz*, nos seguintes termos: “CREMOS: 1- Em um só Deus, eternamente subsistente em três pessoas: o Pai, o Filho e o Espírito Santo. 2- Na inspiração verbal da Bíblia Sagrada, única regra infalível de fé normativa para a vida e o caráter do cristão. 3- Na concepção virginal de Jesus, em sua morte vicária e expiatória,

herança da Reforma Protestante.¹⁵³ A palavra *inspiração* vem de dois vocábulos gregos: *theo*, Deus; e *pneustos*, sopro. Literalmente, significa: “aquilo que é dado pelo sopro de Deus”. Assim, pode-se definir *inspiração* como a “ação sobrenatural do Espírito Santo sobre os escritores sagrados, que os levou a produzir, de maneira inerrante, infalível, única e sobrenatural, a Palavra de Deus – a Bíblia Sagrada.”¹⁵⁴ É digno de nota que a posição conservadora¹⁵⁵ da Assembléia de

em sua ressurreição corporal dentre os mortos e sua ascensão vitoriosa aos céus. 4- Na pecaminosidade do homem que o destituiu da glória de Deus, e que somente o arrependimento e a fé na obra expiatória e redentora de Jesus Cristo é que pode restaurar a Deus. 5- Na necessidade absoluta do novo nascimento pela fé em Cristo e pelo poder atuante do Espírito Santo e da Palavra de Deus, para tornar o homem digno do Reino dos Céus. 6- No perdão dos pecados, na salvação presente e perfeita e na eterna justificação da alma recebidos gratuitamente de Deus pela fé no sacrifício efetuado por Jesus Cristo em nosso favor. 7- No batismo bíblico efetuado por imersão do corpo inteiro no só vez em águas, em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo, conforme determinou o Senhor Jesus Cristo. 8- Na necessidade e na possibilidade que temos de viver vida santa mediante a obra expiatória e redentora de Jesus no Calvário, através do poder regenerador, inspirador e santificador do Espírito Santo, que nos capacita a viver como fiéis testemunhas do poder de Cristo. 9- No batismo bíblico no Espírito Santo que nos é dado por Deus mediante a intercessão de Cristo, com a evidência inicial de falar em outras línguas, conforme a sua vontade. 10- Na atualidade dos dons espirituais distribuídos pelo Espírito Santo à Igreja para sua edificação, conforme sua soberana vontade. 11- Na segunda vinda premilenial de Cristo, em duas fases distintas. Primeira – invisível ao mundo, para arrebatá-la sua Igreja fiel da terra, antes da Grande Tribulação; segunda – visível e corporal, com sua Igreja glorificada, para reinar sobre o mundo durante mil anos. 12 – Que todos os cristãos comparecerão ante o Tribunal de Cristo, para receber a recompensa dos seus feitos em favor da causa de Cristo na terra. 13- No juízo vindouro que recompensará os fiéis e condenará os infiéis. 14- Na vida eterna de gozo e felicidade para os fiéis e de tristeza e tormento para os infiéis”. *Mensageiro da Paz*, Rio de Janeiro, n. 1513, p. 6, jun. 2011.

¹⁵³ Segundo Lutero, o princípio da *sola scriptura* destinava-se a salvaguardar a autoridade da Bíblia, pois “não apenas suas palavras, mas até suas frases são inspiradas; mesmo sendo escritas por homens, não é nem vem de homens, mas de Deus.” GEORGE, Timothy. *Teologia dos Reformadores*. São Paulo: Vida Nova, 1994, p. 83. “Não obstante, e diferentemente da ortodoxia que sucedeu à primeira geração de reformadores, Lutero não elaborou uma teoria acerca da inspiração literal da Bíblia. Caso contrário, como poderia ter criticado, em nome do centro da Escritura, certos textos bíblicos? Para ser exato, encontram-se múltiplas ênfases em seus escritos. Ele podia afirmar que ‘a Sagrada Escritura é o próprio Deus’ (WA, 50, 657, 26), que a sagrada Escritura ‘contém a palavra de Deus’ (WA 10, I, 2, 75, 6ss). Podia também distinguir: ‘Deus e a Escritura de Deus são duas coisas [diferentes], não menos do que são duas coisas o Criador e a criatura de Deus’ (Osel 4, 23 [WA 18, 606, 11]). Assim, o leque vai desde uma identificação entre a Bíblia e a palavra de Deus até a nítida distinção, passando por uma concepção que designa a palavra de Deus como o conteúdo da Bíblia sem que esse conteúdo seja identificado com a forma escrita”. LIENHARD, Marc. *Martim Lutero: tempo, vida e mensagem*. São Leopoldo: Sinodal, 1998, p.282. Para defender a doutrina da predestinação, João Calvino partia do “[...] princípio escriturístico: a teologia deve apresentar o que está registrado na Bíblia. Seu conceito de inspiração bíblica ele descrevia em termos de ditado feito pelo Espírito Santo, transmitido infalivelmente pelos que escreveram as palavras da Escritura. Calvino costumava ser considerado o criador da doutrina ortodoxa da inspiração. Isto não corresponde aos fatos, porque teorias semelhantes já tinham sido propostas na igreja antiga. Na tradição calvinista posterior, a doutrina da inspiração recebeu forma diferente, mais mecânica que na ortodoxia luterana. Se a origem desta doutrina mecânica da inspiração pode ser encontrada já em Calvino ou não, é problema debatido”. HÄGGLUND, Bengt. *História da Teologia*. Porto Alegre: Concórdia, 1999, p. 226.

¹⁵⁴ ANDRADE, Claudionor C. A Inspiração da Bíblia. In: GILBERTO, Antonio (Ed.). *Teologia Sistemática Pentecostal*. Rio de Janeiro: CPAD, 2008, p. 31.

¹⁵⁵ O conservadorismo da maioria do movimento pentecostal contrasta com as posições liberais do chamado *racionalismo teológico*. Assim se expressa Claudionor C. Andrade: “Se antes o liberalismo contentava-se em atacar a Bíblia, ensinando que ela meramente contém a Palavra de Deus, mas não é a Palavra de Deus, hoje os seus

Deus quanto à inspiração da Bíblia vai além, pois o que se defende é a inspiração *verbal e plenária*. Verbal: o Espírito Santo guiou os autores não somente quanto às idéias, mas também na escolha das próprias palavras dos documentos originais (os autógrafos). Plenária: todos os livros da Bíblia, sem exceção, foram igualmente inspirados por Deus. Um corolário imediato dessa compreensão implica em aceitar a *doutrina da inerrância ou infalibilidade*¹⁵⁶ da Escritura, segundo a qual esta é infalível, pois está isenta de erros, suas promessas são rigorosamente observadas; suas profecias cumprem-se de forma detalhada e clara e o Plano de Salvação é executado fielmente.¹⁵⁷

Assim, as questões de fé centralizam-se no fato de que Deus fez-se conhecido aos seres humanos, pois o cristianismo é a religião baseada na revelação que Deus fez de si mesmo. Há aspectos de sua Pessoa e do seu propósito que Ele optou por não tornar conhecidos, pois “ Deus transcende a própria revelação. O que Deus não revelou está além das necessidades e possibilidades da descoberta humana. A revelação tem sua base, mas também os seus limites, na vontade de Deus.”¹⁵⁸

Volta de Jesus – A esperança do retorno (aparição, presença, chegada, tradução da palavra grega *parousia*) de Cristo para buscar (arrebatar) sua Igreja, faz parte da história do

proponentes fizeram-se muito mais incrédulos; nem no Deus da Bíblia acreditam mais. Negando o supremo Ser, afirmam, com a ousadia própria dos insensatos, que o Santo Livro não passa de uma coleção de mitos hebraicos. Haja vista a teoria da desmitologização de Rudolf Bultmann. Para este teólogo alemão, a Bíblia só é crível se dela extirparmos os mitos – milagres, sinais, teofanias e outras revelações sobrenaturais. [...] No Brasil, seminaristas de várias denominações têm se voltado ultimamente, aos teólogos liberais, numa busca insana por afirmação. Alguns o fazem para contestar o credo de suas igrejas, outros para se mostrarem na vanguarda; outros, ainda, por mera e triste imitação. De uma forma, ou de outra, levam eles ao seio de suas comunidades de fé o vírus do modernismo teológico com todas as suas inevitáveis conseqüências: incredulidade; leniência para com o pecado; relativismo moral e ético; relaxo para com a evangelização, etc. Tal atitude é observada, inclusive, entre seminaristas de igrejas que, até então, eram aclamadas por seu ardente zelo pela ortodoxia bíblica.” ANDRADE, 2008b, p. 24.

¹⁵⁶ Infalibilidade e inerrância são termos empregados para se aludir à veracidade das Escrituras. “A inerrância reconhece contradições, ou inconsistências no texto, não como erros propriamente ditos, mas como dificuldades que poderão ser resolvidas ao serem conhecidos todos os seus dados relevantes. A possibilidade de se harmonizar trechos aparentemente contraditórios vem sendo demonstrada freqüentemente pelos estudiosos evangélicos que têm dedicado tempo e paciência, revendo dificuldades textuais à luz das novas descobertas históricas, arqueológicas e lingüísticas. (Devemos, no entanto, evitar harmonizações forçadas ou altamente especulativas). [...] Embora nos esforcemos para influenciar os outros para que aceitem a doutrina da inerrância, seria bom respeitarmos o conselho sábio e amoroso do acatado defensor da doutrina da inerrância, Kenneth Kantzer: ‘ Os evangélicos conservadores, principalmente, devem ser mui cuidadosos e evitar a confrontação direta com o erudito, ou seminarista hesitante, que se sente perturbado por problemas no texto bíblico, ou por algumas das conotações comuns à palavra inerrante.’” HIGGINS, John R. A Palavra inspirada de Deus. In: HORTON, Stanley M. (Ed.). *Teologia Sistemática: uma perspectiva pentecostal*. Rio de Janeiro: CPAD, 2008, p. 109.

¹⁵⁷ Cf. ANDRADE, 2008b, p. 40.

¹⁵⁸ HIGGINS, 2008, p.71.

cristianismo. “Após o arrebatamento, segue-se um período de terrível tribulação, que terminará na revelação, ou manifestação aberta de Cristo proveniente do céu, quando ele estabelecerá seu reino messiânico sobre a terra”.¹⁵⁹ Então, observa-se que o pré-milenismo dispensacionalista¹⁶⁰ é a doutrina escatológica das Assembléias de Deus e da maior parte das igrejas pentecostais, distinguindo dois momentos para a volta¹⁶¹ de Jesus: o arrebatamento (nos ares) para a Igreja (Noiva) e o retorno em glória com a Igreja (Esposa) para implantar o reino milenial.¹⁶²

Sobre esse tema, Claudionor C. Andrade relaciona alguns sinais que apontam para a iminente volta de Cristo, para buscar sua Igreja. Divide-os em sinais relacionados a Israel ou ao mundo, como um todo. Quanto a Israel, menciona o seu renascimento como nação soberana; a retomada de Jerusalém como capital e as evidências que apontam para a futura reconstrução do Templo. Como sinais globais, relaciona os seguintes: a proliferação de falsos mestres e doutores; guerras e conturbações internacionais; recrudescimento da perseguição contra os discípulos de Cristo; aumento dos escândalos na Igreja; multiplicação da iniquidade; fomes, pestes e terremotos e a propagação universal do Evangelho de Cristo.¹⁶³

A volta de Jesus foi também um tema bastante freqüente ao longo da década. Todavia, observa-se relativa mudança de orientação, após a adoção do novo currículo para a Escola Dominical, em 2007. Desde então, o assunto não foi novamente estudado. Reflexo, talvez, dos novos tempos e/ou desafios vividos pela Assembléia de Deus no Brasil. Não deixa de causar surpresa – ao refletir alguma alteração nos rumos da interpretação escatológica da Bíblia –, principalmente ao considerarmos a importância da *parousia*, dentro do movimento pentecostal,

¹⁵⁹ PEARLMAN, Myer. *Conhecendo as doutrinas da Bíblia*. Miami: Vida, 1977, p. 247.

¹⁶⁰ O pré-milenismo é a crença de que Cristo voltará antes do milênio e reinará literalmente sobre o mundo, que sobreviverá à destruição e juízos que serão lançados na Grande Tribulação. Muitos vultos da igreja primitiva eram pré-milenistas (quiliastas, do grego *chilia*, mil), tais como: Clemente de Roma, Justino, o mártir, Tertuliano e Hipólito. O pré-milenismo foi sendo abandonado a partir do século V, sob a influência de Agostinho, o qual defendia o *amilenismo*, segundo o qual a Igreja é o Israel de Deus e não devemos esperar o cumprimento literal do Apocalipse. É o que também se conhece como *milenismo realizado*, interpretação que a Reforma Protestante veio a adotar. Quanto ao dispensacionismo, trata-se de visão escatológica que fez grande sucesso nos EUA, a partir da interpretação de John Nelson Darby e difundida pela Bíblia Anotada de Scofield. Cf. ARAUJO, 2007, p.611.

¹⁶¹ É possível observar que os autores pentecostais utilizam com maior freqüência a expressão “*volta de Cristo*”, ao invés de “*segunda vinda de Cristo*”, apesar de serem sinônimas. Cf. GRUDEN, Wayne. *Teologia Sistemática*. São Paulo: Vida Nova, 1999, p. 932. Talvez seja um resquício do lema pentecostal primário: “Jesus salva, cura, batiza com o Espírito Santo e voltará”.

¹⁶² Cf. ZIBORDI, Ciro Sanches. Escatologia: A Doutrina das Últimas Coisas. In: GILBERTO, Antonio (Ed.). *Teologia Sistemática Pentecostal*. Rio de Janeiro: CPAD, 2008, p. 489.

¹⁶³ Cf. ANDRADE, 2004, p. 20-21.

desde seus primórdios.

Disciplinas da vida cristã – Com seu estilo de ensino devocional e eminentemente prático, as *Lições Bíblicas* constantemente voltaram ao tema das disciplinas e virtudes inerentes à carreira do cristão. Ressalta-se sua eficácia contra o pecado na execução do serviço cristão, a partir do ensinamento do apóstolo Paulo, com a utilização da analogia com o soldado, o atleta e o agricultor (2 Tm 2.3-6; 1 Co 9.25). Jesus é apresentado como exemplo e fundamento de uma vida piedosa e disciplinada, “na tentação, na devoção, na oração, na comunhão com o Espírito Santo e no sofrimento”.¹⁶⁴ Então, a Assembléia de Deus sustenta que as qualidades do caráter cristão – o fruto do Espírito, tais como amor, paz, longanimidade, fidelidade, domínio próprio, etc. (Gl 5.22) –, não são evidências contínuas do batismo com o Espírito Santo, mas podem e devem fazer parte da vida daqueles que viveram a experiência.

Jesus – Na doutrina pentecostal, a divindade e a humanidade de Jesus¹⁶⁵ tem sido tema freqüente, numa abordagem nitidamente cristocêntrica. No que diz respeito à natureza de Cristo, esta é singular, pois ao mesmo tempo em que Jesus Cristo é Deus, no sentido pleno e absoluto do termo, também assumiu a natureza humana, com exceção do pecado, em sua totalidade e perfeição. Jesus era, em sua encarnação, plenamente Deus e completamente humano em todas as áreas de sua vida. No entanto, duas verdades devem ser afirmadas: 1) as duas naturezas nunca se confundem; 2) as duas naturezas não implicam duas personalidades. Elas coexistem com suas diferenças, mantendo suas características peculiares em uma mesma pessoa.¹⁶⁶ “Assim, Jesus é perfeito em divindade e perfeito em humanidade; verdadeiro Deus e verdadeiro homem”.¹⁶⁷

Jesus morreu voluntariamente e vicariamente como o único e suficiente salvador da humanidade, a fim de garantir-nos a salvação. A ressurreição de Jesus é a principal doutrina do Novo Testamento. Nas palavras de Paulo, “E se Cristo não ressuscitou, logo é vã a nossa pregação, e também, é vã a vossa fé” (1 Co.15.14). Conforme afirma Severino Pedro da Silva, a

¹⁶⁴ ANDRADE, 2008a, p. 10.

¹⁶⁵ Claudionor C. Andrade destaca que “esses dois assuntos [natureza divina e humana de Jesus] foram motivo de muitos debates em diversos concílios da igreja cristã, entre os quais o de Éfeso, em 431, e o de Calcedônia, em 451. Foi justamente em razão dessas e de outras controvérsias, que muitos hereges foram exilados, e a ortodoxia cristã manteve essas doutrinas de acordo com as Sagradas Escrituras”. ANDRADE, 2006, p. 18.

¹⁶⁶ Essa “doutrina é freqüentemente chamada de *união hipostática* (por empregar a palavra grega *hupostasis*).” NICHOLS, 2008, p. 329.

¹⁶⁷ ANDRADE, 2006, p. 19.

morte e a ressurreição de Cristo são temas centrais da salvação e da justificação da pessoa humana. Cristo, como dizem as Escrituras, morreu por nossos pecados e ressuscitou para nossa justificação. Esse é o significado de sua morte e ressurreição.

A ressurreição de Cristo foi (e é) a suprema e majestosa História dos Evangelhos e da humanidade. A missão plena do Cordeiro de Deus – através de seu nascimento, vida, morte e ressurreição – foi fazer a vontade divina e solucionar a necessidade humana a partir da salvação. Tudo isso foi possível porque Deus o mundo amou!¹⁶⁸

Batismo com o Espírito Santo – A Igreja Assembléia de Deus cê que o novo nascimento, e o batismo com o Espírito Santo são experiências distintas,¹⁶⁹ este concedido mediante a intercessão de Cristo, com a evidência inicial de falar em outras línguas, conforme a sua vontade (ver nota nº 151). Constitui padrão válido para os dias de hoje, não tendo cessado na era apostólica, “como experiência cristã de todos os tempos. E o padrão é: regeneração pela fé, seguida do recebimento do batismo com o Espírito Santo, também pela fé”.¹⁷⁰

O batismo no Espírito Santo é apenas uma das várias obras do Consolador, tais como a convicção de pecado, a regeneração, a justificação, a santificação. Assim, “os pentecostais acreditam firmemente que o propósito primário do batismo com o Espírito Santo é transmitir poder para o serviço, revestimento de poder para capacitar cada cristão a dar testemunho eficaz das grandes verdades salvíficas do Evangelho”.¹⁷¹ Então, ao restaurar a dimensão experimental da presença dinâmica do Espírito a um segmento relevante da Igreja, “o movimento pentecostal fez algo comparável à recuperação, pela Reforma, da doutrina da justificação pela fé”.¹⁷²

Isto posto, é curioso e sintomático que o batismo e os dons do Espírito Santo¹⁷³, tema

¹⁶⁸ SILVA, Severino P. *Cristologia: A Doutrina de Cristo*. In: GILBERTO, Antonio (Ed.). *Teologia Sistemática Pentecostal*. Rio de Janeiro: CPAD, 2008, p. 162.

¹⁶⁹ Adaptando a idéia de Wesley acerca da “segunda bênção”, subsequente à salvação. A essa experiência, ele chamava também “santificação plena” e “perfeição cristã”. O movimento pentecostal passou a identificá-la com o batismo no Espírito Santo. Cf. SYNAN, 2009, p.16. Antonio Gilberto afirma que “todos os salvos são candidatos ao batismo com o Espírito Santo. Observe, contudo, que a salvação não é o batismo com o Espírito Santo; este deve seguir-se à salvação. Os discípulos do Senhor, juntamente com as mulheres – Maria e outras (At.1.13,14) – já eram salvos antes do dia de Pentecostes”. GILBERTO, Antonio. *Pneumatologia: A Doutrina do Espírito Santo*. In: GILBERTO, Antonio (Ed.). *Teologia Sistemática Pentecostal*. Rio de Janeiro: CPAD, 2008, p. 181.

¹⁷⁰ BERGSTÉN, 2004, p. 14.

¹⁷¹ WYCKOFF, John W. O Batismo no Espírito Santo. In: HORTON, Stanley M. (Ed.). *Teologia Sistemática: uma perspectiva pentecostal*. Rio de Janeiro: CPAD, 2008, p. 457.

¹⁷² WYCKOFF, 2008, p. 462.

¹⁷³ “Em 1 Co 12.8-10, o apóstolo Paulo apresenta uma diversidade de dons que o Espírito Santo concede aos crentes. Nesta passagem, ele não descreve as características desses dons, mas noutros trechos das Escrituras temos ensino sobre os mesmos. (1) *Dom da Palavra da Sabedoria*. Trata-se de uma mensagem vocal sábia, enunciada mediante a

básico do “querigma” pentecostal, estejam relativamente ausentes, ou pelo menos não tenham recebido a ênfase proporcional à sua importância: foram tão estudados quanto a teologia da prosperidade, por exemplo. Ora, se o movimento pentecostal teve início a partir da compreensão acerca da realidade e/ou atualidade do batismo com o Espírito Santo, então essa omissão certamente deixa uma lacuna que desnuda uma grande inflexão na própria trajetória da Assembléia de Deus. Reflete, no mínimo, uma situação de grande esfriamento do fervor característico dos primeiros tempos. Talvez aponte para a efetiva institucionalização da igreja.

Teologia da prosperidade – Também conhecida como *teologia da confissão positiva*, por defender a idéia de que a “fé é uma confissão”, e, portanto, “o que eu confesso, eu possuo”. Tal confissão cria “nova fé”, como uma chave para a saúde, a riqueza e a felicidade. Assim, os adeptos dessa vertente teológica falam de prosperidade como um “direito divino”, pois a expiação do Cordeiro libertou os cristãos da escravidão, sob o diabo, e das maldições da miséria e da enfermidade. Desde então, estão destinados à prosperidade, à saúde, à vitória, à felicidade. Para alcançar tais bênçãos, basta ter fé incondicional e inabalável em Deus, exigir seus direitos em alta voz e em nome de Jesus, e ser obediente e fiel a Ele no pagamento dos dízimos.¹⁷⁴

Defendida pelas igrejas neopentecostais, em sua pregação e prática litúrgica, a teologia da prosperidade surpreende pela freqüência com que tem sido mencionada. A Escola Dominical

operação sobrenatural do Espírito Santo. Tal mensagem aplica a revelação da Palavra de Deus ou a sabedoria do Espírito Santo a uma situação ou problema específico.[...] (2) *Dom da Palavra do Conhecimento*. Trata-se de uma mensagem vocal, inspirada pelo Espírito Santo, revelando conhecimento a respeito de pessoas, de circunstâncias, ou de verdades bíblicas. Frequentemente, este dom tem estreito relacionamento com o de profecia. (3) *Dom da Fé*. Não se trata da fé para salvação, mas de uma fé sobrenatural especial, comunicada pelo Espírito Santo, capacitando o crente a crer em Deus para a realização de coisas extraordinárias e milagrosas.[...] (4) *Dons de Curas*. Esses dons são concedidos à igreja para a restauração da saúde física, por meios divinos e sobrenaturais. O plural (“dons”) indica curas de diferentes enfermidades e sugere que cada ato de cura vem de um dom especial de Deus. [...] (5) *Dom de Operação de Milagres*. Trata-se de atos sobrenaturais de poder, que intervêm nas leis da natureza. Incluem atos divinos em que se manifesta o reino de Deus contra Satanás e os espíritos malignos. (6) *Dom de Profecia*. [...] Trata-se de um dom que capacita o crente a transmitir uma palavra ou revelação diretamente de Deus, sob o impulso do Espírito Santo. Aqui não se trata da entrega de sermão previamente preparado. [...] (7) *Dom de Discernimento de Espíritos*. Trata-se de uma dotação especial dada pelo Espírito, para o portador do dom discernir e julgar corretamente as profecias e distinguir se uma mensagem provém do Espírito Santo ou não. [...] (8) *Dom de Variedade de Línguas*. No tocante às ‘línguas’ (gr. *glossa*, que significa língua) como manifestação sobrenatural do Espírito, notemos os seguintes fatos: essas línguas podem ser humanas e vivas, ou uma língua desconhecida na terra, e.g. ‘línguas dos anjos’ 1 Co 13.1. A língua falada através deste dom não é aprendida, e quase sempre não é entendida, tanto por quem fala, como pelos ouvintes. [...] (9) *Dom de Interpretação de Línguas*. Trata-se da capacidade concedida pelo Espírito Santo, para o portador deste dom compreender e transmitir o significado de uma mensagem dada em línguas.[...]” BÍBLIA DE ESTUDO PENTECOSTAL. Tradução de João Ferreira de Almeida, ed. rev. e corrigida. Comentários de Donald C. Stamps. Rio de Janeiro: CPAD, 2008, p. 1756.

¹⁷⁴ Cf. ARAUJO, 2007, p. 617.

constantemente tem voltado ao tema, com referências nem sempre positivas, considerando-se que a Assembléia de Deus discorda desse enfoque doutrinário. O que não impede que sejam copiados muitos de seus métodos e estratégias.¹⁷⁵ Todavia, é notório que o crescimento das igrejas neopentecostais, principalmente a *Igreja Universal do Reino de Deus*, ameaça a hegemonia assembleiana dentro do movimento pentecostal.

Curas e milagres – Desde suas origens, a mensagem básica do movimento pentecostal consistiu da afirmativa: Jesus salva, cura, batiza com o Espírito Santo e voltará.¹⁷⁶ Entretanto, nesta última década, apenas em 2007 houve um retorno às origens, com a sugestão do tema curas e milagres para estudo na Escola Dominical. Ora, “para o pentecostal, negar a existência de milagres é negar a ação de Deus no mundo conforme descrita na Bíblia. É absolutamente impossível se dizer pentecostal e não acreditar em milagres operados por Deus”.¹⁷⁷

A Bíblia utiliza três palavras básicas para a descrição do que é um milagre: sinal, maravilha e poder. Cada uma destas três palavras delineia um aspecto do milagre. “Um milagre é um evento incomum (maravilha) que transmite e confirma uma mensagem incomum (sinal) por intermédio de uma habilidade incomum (poder). Ou seja, é um ato de Deus (poder) que atrai a atenção do povo de Deus (maravilha) para a Palavra de Deus (por meio de um sinal)”.¹⁷⁸

Desde seus primórdios, o movimento pentecostal priorizou a conversão radical, uma vida santa de separação do mundo após a conversão e o batismo no Espírito Santo, com a evidência inicial do falar em línguas. Depois disso, o crente podia experimentar, na vida normal da igreja, todos os dons do Espírito. A cura divina, por meio da oração, era enfatizada de modo especial, assim como a segunda vinda de Cristo para arrebatá-la Igreja, que poderia ocorrer a qualquer momento.¹⁷⁹

¹⁷⁵ Recentemente, o pastor Silas Malafaia desligou-se da Convenção Geral, ao fundar a *Igreja Assembléia de Deus – Ministério Vitória em Cristo*, com sede no Rio de Janeiro, fortemente vinculada às idéias da teologia da prosperidade.

¹⁷⁶ CONDE, 2008, p. 33.

¹⁷⁷ MAJEWSKI, Rodrigo G. *Assembléia de Deus e Teologia Pública: o discurso pentecostal no espaço público*. Dissertação de mestrado. São Leopoldo: EST, 2010, p. 40.

¹⁷⁸ GEISLER, 2010, v.1, p. 43.

¹⁷⁹ Cf. SYNAM, 2009, p. 32.

Para os pentecostais, a operação de milagres constituiu-se numa das marcas do ministério de Cristo. Esses milagres tinham o propósito específico de testificar acerca da divindade de Jesus; autenticar sua mensagem e seu ministério terreno; fortalecer a fé e a adoração dos discípulos, revelando o poder de Deus e o seu controle sobre todas as coisas. Esequias Soares defende a realidade e atualidade dos milagres, pois “ainda hoje o Senhor Jesus continua operando maravilhas em sua igreja. Mesmo que não sejamos capazes de explicá-los racionalmente, os milagres são indiscutíveis, reais e atuais”.¹⁸⁰

Para Vernon Purdy, os escritores dos evangelhos entendiam que a cura dos enfermos era uma expressão da vitória futura de Deus, a ser consumada quando do retorno de Jesus a esta terra. Cada vez que um enfermo é curado, mediante a oração e a fé em Cristo, proclama-se o testemunho da sua segunda vinda prometida. É um testemunho da fidelidade de Deus. Logo, as curas que experimentamos hoje são simplesmente a primeira prestação da redenção futura do nosso corpo.¹⁸¹

O jornal *Mensageiro da Paz* costumava trazer extensa lista com testemunhos de milagres ocorridos em todo o Brasil. Hoje, não o faz mais, ou a relação de milagres diminuiu bastante. Assim, para um assunto tão importante e relevante dentro da teologia pentecostal, possivelmente, estamos diante de uma mudança hermenêutica, em cuja análise será preciso avançar. Esse é o tema do próximo capítulo.

¹⁸⁰ SOARES, 2008, p. 49. Sobre o conflito, entre a fé na ocorrência de milagres e o ceticismo científico, o autor afirma (p.49): “Segundo os cientistas, para que um fenômeno seja considerado pela Ciência é necessário que seja comprovado, repetido, mensurado, experimentado e publicado para contestação. Nesse caso, os milagres não possuem lastro científico, pois não podem ser explicados pelo método racional. Todavia, isso não nega sua ocorrência, apenas demonstra a incapacidade humana para explicá-los (Jó 26.14)”.

¹⁸¹ Cf. PURDY, Vernon. A Cura Divina. In: HORTON, Stanley M. (Ed.). *Teologia Sistemática: uma perspectiva pentecostal*. Rio de Janeiro: CPAD, 2008, p. 520.

3 HERMENÊUTICA PENTECOSTAL E PERSPECTIVAS CONTEMPORÂNEAS

De acordo com José Martinez, a *hermenêutica* pode ser definida como a “ciência da interpretação”,¹⁸² palavra cuja raiz está relacionada com Hermes, deus da mitologia grega, a quem se atribuía a invenção da linguagem e da escrita. No campo da teologia cristã, a hermenêutica tem por objetivo fixar os princípios e normas aplicáveis à interpretação dos livros da Bíblia.¹⁸³ Segundo Richard Palmer, a origem da palavra hermenêutica sugere o processo de tornar compreensível, principalmente através da linguagem, com três significados básicos: dizer, explicar e traduzir.¹⁸⁴ O primeiro [*dizer*] enfatiza o poder da palavra falada, diante da relativa fraqueza da palavra escrita. No Cristianismo, religião centrada no texto, o poder da palavra oral é determinante: conforme escreve o apóstolo Paulo, “a fé vem pelo ouvir” (Rm 10.17). *Explicar* sugere que o significado tem a ver com o contexto, fornecendo as condições mais favoráveis para a compreensão. Por fim, o próprio cerne da hermenêutica encontra-se na *tradução*, com o desafio de compor o sentido de um texto antigo, conscientizando-nos do choque entre o nosso universo de compreensão e aquele em que a obra atua.

Beatriz M. de Souza cita o depoimento de um pastor norueguês, Thomas B. Barrat, o qual resume a posição doutrinária do pentecostalismo:

Com respeito à salvação por meio da justificação pela fé, somos luteranos. Na forma do batismo pelas águas, somos batistas. Com respeito à santificação, somos metodistas. Em evangelismo atacante, somos como o Exército da Salvação. Porém, com respeito ao batismo com o Espírito Santo, somos pentecostais.¹⁸⁵

Assim, é imprescindível concordar com Gottfried Brakemeier para quem o “problema crucial é a hermenêutica. Como se interpreta a Bíblia devidamente?”¹⁸⁶ Conforme Bernardo Campos, “a hermenêutica pentecostal é o processo de interpretação (compreensão) e atualização

¹⁸² MARTÍNEZ, José M. *Hermenêutica Bíblica*. Barcelona: Libros CLIE, 1984, p. 16.

¹⁸³ MARTÍNEZ, 1984, p. 17.

¹⁸⁴ PALMER, Richard. *Hermenêutica*. Lisboa: Edições 70, 1989, p. 26.

¹⁸⁵ SOUZA, Beatriz M. de. *A Experiência da Salvação: pentecostais em São Paulo*. São Paulo: Livraria Duas Cidades, 1969, p. 54.

¹⁸⁶ BRAKEMEIER, Gottfried. *A autoridade da Bíblia*. São Leopoldo: Sinodal; CEBI, 2003, p. 82.

do princípio pentecostal, tornado imperativo na pentecostalidade”.¹⁸⁷ Mas afinal, quais são as características da hermenêutica pentecostal?

3.1 Características marcantes da hermenêutica pentecostal

A leitura bíblica praticada pela Assembléia de Deus – conforme nos foi permitido perceber, a partir do momento em que transitamos pelos temas estudados na Escola Dominical –, é direcionada por uma hermenêutica pentecostal *conservadora e experimental*. São estes dois tópicos que merecem análise mais detalhada.

Conservadora – A hermenêutica da Assembléia de Deus é conservadora – e, poderíamos acrescentar, fundamentalista dispensacional –, no sentido básico de que não admite posicionamentos relativistas diante das verdades essenciais da fé cristã, sempre considerando as possíveis dificuldades de interpretação.¹⁸⁸ O texto bíblico padrão é: “Jesus Cristo é o mesmo ontem, hoje, e eternamente” (Hb13.8). A igreja herdou seu conservadorismo da reação protestante ao modernismo teológico,¹⁸⁹ nos Estados Unidos e Inglaterra, em fins do século XIX. Essa visão conservadora, de estrita fidelidade ao sentido literal dos ensinamentos bíblicos, reflete-se numa mentalidade prática e anti-intelectualista, com simplificação do enfoque doutrinário da religião cristã, para que seus elementos básicos possam ser compreendidos até pelas pessoas de menos preparo intelectual.¹⁹⁰

O fundamentalismo da hermenêutica pentecostal, de alguma forma reflete o pensamento presente na maior parte dos textos, publicados em doze volumes, entre 1910 e 1915, nos Estados

¹⁸⁷ CAMPOS, 2002, p. 87.

¹⁸⁸ O pastor Jeremias do Couto relaciona sete princípios para interpretação das promessas bíblicas: “1. Procure distinguir as promessas feitas a Israel daquelas feitas à Igreja. 2. Respeite o princípio de que algumas promessas estão condicionadas à obediência. 3. Não aplique para os dias de hoje, promessas escatológicas. 4. Observe o contexto histórico, cultural e gramatical das promessas. 5. Embase as promessas em mais de duas referências bíblicas. 6. Busque exemplos bíblicos que confirmem as promessas gerais. 7. Não atribua a si promessas específicas a pessoas específicas”. COUTO, 2007, p. 5.

¹⁸⁹ Para uma exposição acerca das características do *modernismo teológico*, também conhecido como *liberalismo teológico*, ver MENDONÇA, Antonio G.; VELASQUES FILHO, Prócoro. *Introdução ao Protestantismo no Brasil*. São Paulo: Loyola, 1990, p. 112.

¹⁹⁰ Cf. CAMPOS, Leonildo Silveira. Raízes Históricas, Sociais e Teológicas do Movimento Pentecostal. *Simpósio*, São Paulo: ASTE, n. 48, 2008, p. 47.

Unidos, sob o título de *Os Fundamentos*.¹⁹¹ Sintetizando a teologia conservadora, a partir da opinião de vários autores, prôrizando a pureza doutrinária, com o “desejo de combater as incursões do liberalismo, esses volumes foram enviados gratuitamente a ministros do evangelho, missionários, supervisores da escola dominical [...]”.¹⁹²

A Assembléia de Deus entende que a hermenêutica bíblica pentecostal não pode prescindir de uma abordagem dispensacional. O dispensacionalismo foi difundido principalmente através de uma obra clássica do fundamentalismo, a *Bíblia de Scofield*, publicada originalmente nos Estados Unidos, em 1909. Sustenta a existência de sete dispensações,¹⁹³ isto é, sete sistemas diferentes e sucessivos da relação de Deus com a humanidade, constituindo-se em “períodos de tempo nos quais o homem é testado na sua obediência a alguma revelação específica da vontade de Deus”.¹⁹⁴

Para Bernardo Campos, a teologia pentecostal distingue-se pela capacidade de criação de um corpo doutrinal pragmático e funcional, sem importar a fonte, dependendo antes das considerações do contexto social em que se desenvolve. Ou seja, é “uma teologia mosaica e

¹⁹¹ Segundo Paulo A. S. Nogueira, essa obra “foi financiada por magnatas da indústria petrolífera da Califórnia”, indicando uma opção ideológica e política do fundamentalismo, ao divulgar o *american way of life* e defender o sistema capitalista. O autor ainda relaciona uma série de críticas à interpretação bíblica fundamentalista. Cf. NOGUEIRA, Paulo A. S. *Leitura Bíblica Fundamentalista no Brasil. Caminhando*, São Bernardo do Campo: UESP, v.7, n.2, 2002, p. 31-49. Foge ao escopo deste trabalho entrar no mérito da discussão – que por si só comportaria uma outra dissertação –, ainda que, *data venia*, a argumentação por ele utilizada apresenta-se, em vários momentos, superficial e limitada, incorrendo no mesmo erro que procura atribuir aos fundamentalistas. Conforme bem acentua Ari Pedro Oro, “autores há que relacionam a presença sempre maior das seitas na América Latina ao aporte econômico norte-americano, associado à política de direita, que utiliza-as com finalidades ideológicas. Ao contrário disso, outros autores, embora reconheçam o caráter multinacional da maioria das denominações protestantes instaladas na América Latina, atribuem o seu êxito atual menos ao apoio financeiro externo e mais à sua adaptação às culturas nacionais e regionais”. ORO, Ari P. *A miragem dos fundamentalismos sectários na América Latina*. In: DE BONI, Luis A. (Org.). *Fundamentalismo*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1995, p. 47.

¹⁹² TORREY, Reuben A. (Ed.). *Os Fundamentos*. São Paulo: Hagnos, 2005, p. 11.

¹⁹³ A primeira dispensação foi a do homem em estado de *inocência*. Estendeu-se da criação à expulsão de Adão e Eva do Éden. A segunda dispensação é a do homem em estado de *consciência*. Corresponde ao período limitado pela expulsão do paraíso e pelo dilúvio. A terceira dispensação é a do *governo humano* sobre o mundo. Estende-se do dilúvio à confusão de línguas ocorrida em Babel. A dispensação seguinte é a do homem sob a *promessa* de Deus. Corresponde ao tempo entre o dilúvio e a escravidão do povo hebreu no Egito. Na quinta dispensação o homem está sob o governo da *lei*. Ela se estende do Sinai, onde a lei foi outorgada, à crucificação de Jesus. A dispensação seguinte corresponde ao tempo do homem sob a *graça*. É a época em que vivemos. Vai da morte de Jesus ao seu retorno futuro. A sétima e última dispensação refere-se ao *reino* milenial, o tempo em que a humanidade estará sob o governo pessoal de Cristo, anunciado na história pelo reinado de Davi em Israel. Cf. MENDONÇA; VELASQUES FILHO, 1990, p. 124.

¹⁹⁴ BÍBLIA DE SCOFIELD. Tradução de João Ferreira de Almeida. Ed. rev. e atualizada. Referências e anotações de C.I. Scofield. Barueri: SBB, 1983, p. 3.

pragmática, que inclui uma visão cósmica, uma teologia da história, uma teologia política e uma teologia da humanidade”.¹⁹⁵

Experimental – O movimento pentecostal desde seus primórdios, trabalha predominantemente com o dado da “experiência”, uma hermenêutica experimental. O relato bíblico do batismo com o Espírito Santo, no dia de Pentecostes, não é apenas um evento histórico. Ele pode ser repetido empiricamente na vida de cada indivíduo. Destaca-se o valor teológico da literatura narrativa (Atos e os últimos versículos de Marcos 16) para fundamentar a doutrina do falar noutras línguas como “evidência inicial” do batismo no Espírito Santo, seguindo o padrão hermenêutico restauracionista.¹⁹⁶ “A Bíblia é literalizada e experiencial: o texto diz, então acontece. E acontece hoje”.¹⁹⁷

Segundo John W. Wyckoff, alguns autores sustentam que a pragmática pentecostal, que baseia doutrinas e experiências em precedentes históricos bíblicos, é contrária à “hermenêutica científica”. Todavia, a exegese científica só acompanha o intérprete até certo ponto. Depois, chega-se à altura em que certo grau de pragmatismo é necessário ao processo, numa relação complementar. Logo, a prática de abstrair dos textos bíblicos “experiência normativa para a vida contínua da Igreja não pode ser rejeitada sem maior consideração, apenas por incluir um elemento de hermenêutica pragmática, também encontrado no princípio paulino de interpretar a narrativa histórica”.¹⁹⁸

Para Jürgen Moltmann, “certas experiências são capazes de criar comunhão entre as pessoas. [...] Já as experiências comuns moldam uma comunidade experiente. Um importante

¹⁹⁵ CAMPOS, 2002, p.50. Sobre a teologia pentecostal, o autor acrescenta, ainda, as seguintes características: a) Eclesiologia que sustenta a primazia da festa religiosa de Pentecostes, doutrina central que dá rosto ao pentecostalismo, como fenômeno religioso. b) Escatologia futurista da espera imóvel do reino dos céus, instaurado somente por obra de Deus em Cristo, com nenhuma participação humana para sua realização. A espera pela *parousia* (ou segunda vinda de Cristo) cerceia a possibilidade de criar um novo modelo de sociedade. O Milênio, que é o continente simbólico para uma nova sociedade, virá somente por graça de Deus, sem a participação humana, dentro de uma escatologia dispensacionista. c) Visão mítica da criação que interpreta a origem do universo em termos literais, nos seis dias da criação, segundo o relato bíblico. d) Antropologia fundamentalmente dualista ou docética (oposição radical entre carne e espírito), favorecendo uma ética de negação do mundo e uma feroz oposição entre o sagrado e o profano. e) Pneumatologia sutilmente alógica, que dificulta o exercício de uma hermenêutica científica do texto bíblico e produz uma determinação superior da experiência estática individual, em relação a uma experiência comunitária. Cf. CAMPOS, 2002, p. 58.

¹⁹⁶ Cf. McGEE, Gary B. Panorama Histórico. In: HORTON, Stanley M. (Ed.). *Teologia Sistemática: uma perspectiva pentecostal*. Rio de Janeiro: CPAD, 2008, p. 19.

¹⁹⁷ ALENCAR, 2000, p. 76.

¹⁹⁸ WYCKOFF, 2008, p. 443.

modo de comunicação das experiências comuns é a narração. A comunhão experimentada pode ser entendida substancialmente como comunhão de narração”.¹⁹⁹ Esta, sempre constituiu fato comum no movimento pentecostal, principalmente na Assembléia de Deus de alguns anos atrás, com os cultos de testemunho, onde era franqueada a oportunidade para que as pessoas compartilhassem sua experiência de conversão; de recebimento do Espírito Santo; de eventual enfermidade e cura, através da oração e intercessão da comunidade dos irmãos.

Outra assertiva bíblica que orienta o desenvolvimento da hermenêutica pentecostal é a de que o Espírito Santo, que inspirou a escrita da Bíblia, também orienta a mente e o coração do cristão hoje (Jo 16.13). A obra do Espírito Santo ao ajudar o leitor a entender a Bíblia não deve ser temida como se fosse levá-lo a interpretações estranhas e desconhecidas. A Assembléia de Deus, como a maioria dos pentecostais tende ao sistema arminiano²⁰⁰ de teologia, tendo em vista a crença de que Deus facultou ao ser humano a possibilidade de, livremente, aceitar ou rejeitar a mensagem do evangelho de Jesus. Portanto,

cremos que a teologia é melhor considerada quando a Bíblia é reconhecida como a autoridade suprema. Não podemos nos esquecer, ainda, que é o Espírito Santo que nos ilumina no entendimento da Palavra de Deus revelada. As afirmações encontradas nos credos e nas declarações doutrinárias da Igreja são ajudas valiosas na interpretação e aplicação da Bíblia. A *experiência individual* [grifo nosso], especialmente se inspirada e dirigida pelo Espírito Santo, bem como a razão humana, também ajudam o crente a entender a revelação divina. Nem por isso a Bíblia deixa de ser a única regra infalível e suficiente de fé e prática. Nela Deus fala e continua falando.²⁰¹

3.2 Perspectivas contemporâneas da hermenêutica pentecostal

A interpretação bíblica da Assembléia de Deus – num primeiro momento *conservadora*

¹⁹⁹ MOLTMANN, Jürgen. *O Espírito da Vida*. Petrópolis: Vozes, 1998, p. 36.

²⁰⁰ Dentro do protestantismo há vários sistemas teológicos. Dois têm se destacado desde a Reforma: o calvinismo e o arminianismo. O *calvinismo* deve seu nome ao teólogo e reformador francês João Calvino, cuja doutrina central afirma que Deus é soberano de toda a sua criação. Tem cinco teses centrais: (1) A total depravação da raça humana, como resultado do pecado. (2) A eleição incondicional: Deus soberano, na eternidade passada, elegeu (escolheu) alguns membros da raça humana para serem salvos, com base em sua graça e compaixão. (3) A expiação limitada: Deus enviou seu Filho para prover a expiação somente para aqueles que Ele elegera. (4) A graça irresistível. (5) A perseverança dos santos. O *arminianismo*, a partir das idéias do teólogo holandês Jacob Arminius, discorda do calvinismo, argumentando que (1) tendem a fazer de Deus o autor do pecado, por ter Ele escolhido, na eternidade passada, quem seria ou não salvo, e (2) negam o livre-arbítrio do ser humano, por declararem que ninguém pode resistir à graça de Deus. Cf. RAILEY Jr., James H.; AKER, Benny C. Fundamentos Teológicos. In: HORTON, Stanley M. (Ed.). *Teologia Sistemática: uma perspectiva pentecostal*. Rio de Janeiro: CPAD, 2008, p. 54 e 55.

²⁰¹ RAILEY Jr.; AKER, 2008, p. 50.

e *experimental* –, necessita, à luz dos desafios reais deste início de novo milênio, de uma nova abordagem que lhe forneça novos argumentos. Sugerimos, assim, a inclusão de outras duas perspectivas, a *diaconal* e a *profética*, com as possíveis conseqüências e variantes sobre as quais passamos a discorrer.

Diaconal – O termo diaconal (derivado da palavra grega *diakonia*) liga-se à idéia de serviço, suprimento de necessidades materiais, ministério. No Novo Testamento, “*diakonia* é usado como termo técnico para designar o servir na Igreja”.²⁰² Assim, diaconia indica a disponibilidade em servir a comunidade, “para preparar o povo de Deus para o serviço [*diakonia*] cristão, a fim de construir o corpo de Cristo”(Ef 4.12). O melhor exemplo a ser citado é o de Jesus, que “não veio para ser servido, mas para servir e dar a sua vida em resgate por muitos” (Mc 10.45). Para o apóstolo Paulo, a comunhão com os necessitados faz parte da pregação do evangelho integral de Jesus, alcançando espírito, a alma e também o corpo do ser humano (Rm 12.7,13; Ef 4.28).

O movimento pentecostal resgatou a noção de atualidade e realidade da ação do Espírito Santo na vida cristã. Nas palavras de Jesus, “recebereis poder e sereis minhas testemunhas” (At 1.8), encontra-se implícita a idéia de que o batismo no Espírito Santo não visa em primeiro lugar o desenvolvimento da santidade no indivíduo – embora isso possa e deva ser intensificado, como conseqüência –, mas visa dotá-lo para o serviço cristão. Nos dias do Antigo Testamento, sacerdotes, líderes militares, reis, profetas, eram ungidos para o desempenho de um serviço especial. Já no contexto do Novo Testamento, os cristãos recebem a unção do Espírito Santo, como capacitação especial para realizar a obra de Deus.²⁰³ São todos sacerdotes nessa nova comunidade, o sacerdócio universal dos crentes, de que falava Lutero. Em adição ao poder para servir, através do qual o indivíduo se torna um canal de testemunho para o mundo, o batismo no Espírito Santo constitui-se na porta de entrada para vários ministérios (dons) espirituais.²⁰⁴ “Essa

²⁰² NORDSTOKKE, Kjell. Diaconia. In: SCHNEIDER-HARPPRECHT, Christoph (Org.) *Teologia Prática no contexto da América Latina*, 2ª ed. São Leopoldo: Sinodal; ASTE, 2005, p.273. “[...] Os escritos neotestamentários registram o conceito de diaconia que o próprio Jesus conheceu: um trabalho que, quando não exigido de escravos e escravos, era atribuído às mulheres.” GAEDE NETO, Rodolfo. *A diaconia de Jesus*. São Leopoldo: Sinodal, CEBI; São Paulo: Paulus, 2001, p. 77.

²⁰³ Cf. LIM, David. Os Dons Espirituais. In: HORTON, Stanley M. (Ed.). *Teologia Sistemática: uma perspectiva pentecostal*. Rio de Janeiro: CPAD, 2008, p. 476.

²⁰⁴ “*Ministérios*. 1 Co 12.5 (gr. *diakoniai*, derivado de *diakonia*, ‘serviço’). Isso mostra que há diferentes tipos de serviço e que certos dons envolvem o recebimento da capacidade e poder de ajudar e assistir o próximo. Paulo indica

relação leva a uma vida de *serviço* [grifo meu], onde os dons do Espírito provêm poder e sabedoria para a divulgação do Evangelho e do crescimento da Igreja”.²⁰⁵

A propósito, não há como deixar de recordar o exemplo de John Wesley, um dos precursores do movimento pentecostal e sua preocupação com os necessitados. Wesley insistia, com todos os que estivessem sob sua liderança, que visitar os pobres era um meio essencial da graça e um modo de obediência indispensável ao mandamento de Cristo. Ele procurou uma maneira de ajudar os pobres e formas de eles se ajudarem mutuamente. Organizou clínicas cooperativas e uniões de crédito, para permitir ao pobre escapar da degradação e indignidade da pobreza.²⁰⁶ A decisão de dirigir o olhar às pessoas excluídas e empobrecidas de sua época teve como firme fundamento o Evangelho, dentro de seu próprio contexto.

Nestes termos, Paul Tillich, já em 1948, afirmava que “uma das pobreza do protestantismo vem da incapacidade de jamais ter descrito suficientemente o lugar do amor no cristianismo. Essa fraqueza vem da gênese e da história do protestantismo”.²⁰⁷ Segundo ele, essa foi uma consequência da luta de Lutero contra a doutrina católica da fé. Em consequência, a fé e não o amor ocupou o centro do pensamento protestante. Assim, o protestantismo precisa de uma nova interpretação do amor²⁰⁸ que mostre claramente que este não é apenas emoção, mas a própria essência da vida, a reunião dinâmica dos separados, o princípio básico de qualquer ética social protestante.

Por isso, como bem acentua David M. de Oliveira, a diaconia – serviço cristão e expressão ativa do amor e da graça de Deus –, está baseada no evangelho de Cristo e é mais que

que o aspecto ministerial dos dons fala do ministério do Senhor Jesus como ‘servo’. Assim, a operação dos dons é definida em termos da presença e da ação de Cristo em nosso meio.” BÍBLIA DE ESTUDO PENTECOSTAL, 2008, p. 1754.

²⁰⁵ MENZIES; HORTON, 2006, p. 106.

²⁰⁶ Cf. JENNINGS Jr, Theodore W. *Wesley e o mundo atual*. São Bernardo do Campo: Editeo, 2007, p. 41.

²⁰⁷ TILLICH, Paul. *A Era Protestante*. São Paulo: Ciências da Religião, 1992, p. 26.

²⁰⁸ Ênio Muller afirma, após analisar a contribuição de vários autores, que o motivo do amor/solidariedade “ [...] sempre foi reconhecido como motivo por excelência do Cristianismo. Reconhecê-lo como base fundamental da Teologia da Libertação significa reconhecê-la como teologia profundamente cristã de pleno direito”. MÜLLER, Ênio. Um balanço da Teologia da Libertação como *intellectus amoris*. In: SUSIN, Luiz C. (Org.) *Sarça Ardente*. Teologia na América Latina: prospectivas. São Paulo: Paulinas, 2000, p. 46. A propósito, os teólogos da Assembléia de Deus em momento algum mencionam a Teologia da Libertação, a qual sem dúvida tem reais contribuições a oferecer, para a elaboração de uma estratégia que permita lembrar e atender aos pobres, com diligência (Gl 2.10).

serviço social e ação política. Seu papel na transformação do mundo é fundamental, pois permite à comunidade cristã praticar o evangelho que prega, ao “[...] encarar a história pelo ângulo da ação. Essa ação passa a ser uma chave hermenêutica: a ação de Deus e a ação das suas testemunhas/discípulos”.²⁰⁹ Entretanto, a diaconia não deve ser simplesmente um instrumento de evangelização. Ela é serviço.²¹⁰ A preocupação é servir o outro, não conquistar, dominar ou buscar mero crescimento estatístico para a denominação. Trata-se de uma importante mudança de paradigma, considerando-se que a Reforma protestante, e também o movimento pentecostal, sempre ressaltaram o livre acesso a Deus, sem intermediários, numa experiência pessoal de salvação.

Essa ênfase na dimensão pessoal, embora constitutiva da vida da fé, acabou levando a um individualismo exacerbado, que dificulta a assimilação da dimensão comunitária do evangelho por parte desses grupos. Mesmos os textos bíblicos que fazem referência ao tema e ao modelo diaconal de Jesus não são contemplados na sua totalidade, porque, não raras vezes, são reinterpretados à luz desse individualismo latente.²¹¹

Então, dentro da dinâmica pentecostal, a ligação do batismo no Espírito Santo com a prática da diaconia poderá confluir para a espiritualidade libertadora, de que nos fala Roberto E. Zwetsch, como referencial da prática da fé, pela “[...] superação de velhos preconceitos, a mudança de mentalidade e, por vezes, a cumplicidade com o destino do *outro* [grifo do autor] diferente de nós. São conseqüências da fé enquanto liberdade para servir, como expôs Lutero no seu livro *Da liberdade cristã*”.²¹²

Como perspectiva contemporânea para a hermenêutica pentecostal da Assembléia de Deus, a *diaconia* – nos termos em que até aqui foi exposta –, certamente terá um importante papel a desempenhar. De fato, apresenta-se como uma possibilidade real de renovação na *práxis* da igreja, evitando que ela, Assembléia de Deus, perca de vez a essência do princípio pentecostal, como proposta de transformação do mundo. Hoje, o movimento pentecostal vive seu *cativoiro*

²⁰⁹ OLIVEIRA, David M. de. *Missão, cultura e transformação: desafios para a prática missionária comunicativa*. São Leopoldo: Sinodal; Quito: CLAI, 2011, p. 15.

²¹⁰ Rodolfo Gaede Neto apresenta a diaconia a partir de três dimensões: 1) *prática*, baseada na compreensão de que nossa missão como igreja não se restringe apenas ao espiritual, pois caracteriza-se pela “concreticidade, materialidade, corporalidade da ação da Igreja em favor das pessoas necessitadas.” 2) *profética*, pois socorrer o ferido “implica denúncia contra a injustiça social, produtora de pobreza.” 3) *comunitária*, pois “parte daquilo que a comunidade vive e celebra”. Cf. GAEDE NETO, 2001, p. 16-29.

²¹¹ OLIVEIRA, 2011, p. 121.

²¹² ZWETSCH, 2005, p. 241.

babilônico, se nos for permitido parafrasear Lutero. Assim como a igreja do século XVI havia aprisionado o sacramento, numa prática doutrinária equivocada e interesseira,²¹³ também o movimento pentecostal, e em especial a Igreja Assembléia de Deus, vive seu cativo, ao aprisionar o dom (carisma) do Espírito Santo, numa concepção doutrinário-litúrgica.²¹⁴ Isto se verifica, em princípio, de duas formas através de uma crescente institucionalização e burocratização da prática do evangelho, ou, então, pela mercantilização e desvirtuamento da mensagem cristã, refém da teologia da prosperidade, abraçada pelas igrejas neopentecostais.

Para a Assembléia de Deus restam basicamente três opções. A primeira seria aderir por completo ao neopentecostalismo, abandonando sua tradição litúrgica e hermenêutica, herdada dos primórdios do movimento pentecostal. A segunda opção consistiria em fechar-se em si mesma, o que provavelmente desencadearia sucessivos cismas, com a constituição de múltiplos ministérios, mais ou menos autônomos, a partir de lideranças carismáticas regionais. Uma terceira via parece-nos mais adequada, e condizente com o mover do Espírito Santo, "que sopra onde quer". Passa, necessariamente, pela *diaconia*, como serviço cristão eficaz,²¹⁵ seguindo o exemplo de Jesus e da igreja primitiva.

Na prática, isso significa abrir as portas da igreja para a comunidade. A Assembléia de Deus tem congregações espalhadas por todo o território brasileiro, normalmente junto a regiões de absoluta carência de meios, de recursos ou de assistência governamental. Dispõe, portanto, de

²¹³ Cf. LUTERO, Martinho. *Do Cativo Babilônico da Igreja*. São Paulo: Martim Claret, 2006, p. 25.

²¹⁴ James L. Adams, ao comentar o conceito de era protestante, segundo Paul Tillich, apresenta os seguintes questionamentos: "Conseguirá o protestantismo escapar de seu cativo babilônico [crise da era protestante] e liderar uma nova reforma? Conseguirá se libertar da desintegração da sociedade de massa do atual capitalismo? [...] Ou será a nova era moldada em oposição ao protestantismo organizado? Será ainda, em certo sentido, uma era protestante? Ou será ela eventualmente chamada de era protestante por causa do surgimento de um novo tipo de cristianismo responsável pelo novo espírito e pela nova forma da sociedade? [...] O título do livro [A era protestante] sugere não só que a era protestante se aproxime do fim, mas que o fim dessa era não será o fim do protestantismo. Na verdade, uma nova realidade estaria mais de acordo com a natureza do protestantismo." ADAMS, James L. O conceito de era protestante segundo Paul Tillich. In: TILLICH, Paul. *A Era Protestante*. São Paulo: Ciências da Religião, 1992, p. 298.

²¹⁵ Gisela Beulke relaciona onze passos para uma metodologia diaconal: 1) *Conhecer* as pessoas e suas necessidades. 2) Fazer um levantamento dos *serviços* que já existem na comunidade. 3) Trabalhar de forma *articulada* com os serviços que já existem. 4) Praticar o *diálogo* e a reflexão conjunta, de forma igualitária. 5) *transformar* através da conscientização. 6) *Partilhar* saberes. 7) *Reconhecer os problemas* e os desafios a eles associados. 8) Identificar os *temas geradores* que desafiam a busca de soluções. 9) Identificar as *situações-limite* que exigem postura decisória, levando as pessoas a agirem. 10) Reconhecer possíveis caminhos que possibilitem *inserções* críticas *intencionais* na realidade, gerando transformação. 11) Avaliar o processo, revendo objetivos e corrigindo falhas. BEULKE, Gisela (Org.). *Diaconia: um chamado para servir*. São Leopoldo: Sinodal, 1997, p.15-18. A obra inclui, também, o relato de experiências de práticas diaconais, desenvolvidas em cidades de várias regiões do país.

uma extensa rede, cuja capilaridade pode ser colocada a serviço do evangelho integral, de busca e auxílio ao necessitado. Ou seja, a genuína diferenciação, em relação às concepções dos adeptos da teologia da prosperidade, somente se fará no pleno socorro aos feridos pela vida, a exemplo do que fez o Bom Samaritano (Lc 10.30-37). Quase todas as congregações dispõem de salas de aula, cozinha e bcais para refeições. Constituem uma estrutura absolutamente ociosa, pois são utilizadas apenas em dias de culto, normalmente aos sábados, aos domingos ou em uma ou duas noites, durante a semana. No restante do tempo estão fechadas. A cena é corriqueira para quem já viajou um pouco pelo interior do Brasil: é sempre possível visualizar um templo da Assembléia de Deus, normalmente num estilo arquitetônico peculiar. Porém, na imensa maioria das situações há uma característica comum que os une, de norte a sul do país: estão invariavelmente fechados. A Assembléia de Deus é, a exemplo do Brasil, “um gigante adormecido”.

Uma proposta que nos parece viável, já num primeiro momento, seria a de abrir as portas dos templos, durante as tardes, por duas horas, para receber as crianças do bairro, numa atividade de reforço escolar e gradativo ensino bíblico, encerrada com um lanche.²¹⁶ O planejamento e a execução das atividades seriam atribuídos a membros da própria congregação, com a adequada formação acadêmica, em trabalho remunerado ou voluntário. Existem pessoas habilitadas em absolutas condições de assumir essa função. A igreja certamente tem condições de arcar com as despesas, a partir de suas arrecadações normais, ou através da mobilização dos membros para contribuições voluntárias. Estaríamos revivendo a experiência diaconal associada à criação da Escola Dominical por Roberto Raikes, em 1780, ou o cuidado com os necessitados expresso por Wesley, dentro da própria identidade cristã.

Pois, como bem recorda Kjell Nordstokke, a diaconia da igreja primitiva caracterizava-se por dois movimentos: a *visitação* e a *hospitalidade*. A *visitação* é a disponibilidade de ir ao encontro da pessoa necessitada ou excluída; e a *hospitalidade* implica em receber essa mesma

²¹⁶ Nos Estados Unidos, já existe um programa de cunho social chamado *Kids Hope USA*, “no qual uma igreja ‘adota’ uma escola elementar local, e os membros da congregação realizam um acompanhamento individual. Cada voluntário se encontra com o seu estudante na escola, e depois envia ao professor um relatório de progresso após cada sessão. O objetivo acadêmico é fazer com que os alunos adquiram habilidades básicas em leitura e computação, mas o objetivo pessoal é o de manter um relacionamento duradouro, consistente e de confiança entre um voluntário cristão e um garoto necessitado – o único tipo de relacionamento que provou dar a esses garotos a esperança de que eles precisavam.” COLSON, Charles; PEARCEY, Nancy. *O cristão na cultura de hoje*. Rio de Janeiro: CPAD, 2006, p. 106.

pessoa e incluí-la no ambiente próprio da congregação.²¹⁷ Ainda hoje, esses são os pilares fundamentais da prática diacoml, considerando que não exige grande soma de recursos financeiros; não depende da construção de instalações ou verbas do exterior; e todos podem participar. “Não existe nenhuma comunidade tão pobre que não possa realizar algo nessa área. [...] É mais do que manter laços de amizade ou atender certas necessidades burocráticas da comunidade”.²¹⁸ Não se volta apenas a pessoas fora da comunidade, pois também entre os “da família da fé” (Gl 6.10) há pessoas que passam dificuldades.

Certamente, é possível imaginar outras tantas propostas igualmente viáveis, com grande efeito multiplicador, tais como a instalação de uma creche solidária, atuação preventiva no combate ao uso de drogas, atividades com idosos, etc. A opção inicial pelas crianças e pela educação se justifica, dada a sua importância axiomática, diante da situação de desigualdade e carência da infância brasileira. Por outro lado, teríamos uma “mudança de paradigma” (sem querer abusar do recorrente chavão) ao permitir que a Assembleia de Deus relacione-se melhor com a sociedade na qual está inserida, abandonando seu isolacionismo, já tradicional.²¹⁹ Ao mesmo tempo, a comunidade estaria sendo exposta à *espiritualidade da diaconia*.

A lei mosaica determinava que, a cada sete anos, Israel deveria deixar a terra sem qualquer cultivo, “para que se alimentem os pobres de teu povo” (Ex 23.11). Assim, a terra repousaria a cada sete anos, em honra do Senhor. Para Jürgen Moltmann,

se o sábado semanal e os anos sabáticos representam a *espiritualidade de Israel*, então a terra em repouso e celebrando seu sábado em honra de Deus deve ser vista como *espiritualidade da terra*: A terra volta a respirar, se reencontra consigo mesma, é respeitada em sua dignidade de criatura de Deus, não sendo mais considerada apenas pela utilidade que possa ter para o homem.²²⁰

²¹⁷ Não há como ignorar o importante papel que pode(ria) ou deve(ria) ser desempenhado pelas igrejas cristãs, como verdadeiras agências de inclusão do indivíduo. Ainda que, muitas vezes, a filiação a uma igreja possa servir de instrumento de perpetuação das divisões sociais, considerando-se os argumentos de Bauman, ao analisar o mal-estar da pós-modernidade. BAUMAN, Zygmunt. *O mal-estar da pós-modernidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998, p. 214.

²¹⁸ NORDSTOKKE, 2005, p. 280.

²¹⁹ A esse respeito, David M. de Oliveira afirma que: “Identificada pelo seguimento de Jesus, a igreja relaciona-se privilegiadamente com a sociedade da qual faz parte. Foi ao mundo que a igreja foi enviada em missão. A visibilidade institucional da igreja exige que o relacionamento com a sociedade não se limite ao âmbito pessoal da fé, mas compreenda a igreja também como estrutura visível e organizada, o que supõe o reconhecimento da sua dimensão universal. Na sua missão, a igreja intervém nessa mutação que depois se exprime nas leis que a regem, nos valores que se promovem, na definição de modelos de desenvolvimento, na análise valorativa do nosso presente histórico”. OLIVEIRA, 2010, p. 103.

²²⁰ MOLTSMANN, 1998, p. 99.

Nestes termos, quando pararmos em nossa desenfreada correria diária, estabelecendo um repouso sabático periódico, estaremos vivenciando, como igreja de Cristo, uma espiritualidade especial, a *espiritualidade da diaconia*, valendo-nos da terminologia de Moltmann. Assim, o sábado semanal e o ano sabático são a base bíblica para a uma nova perspectiva, de cuidado e apreço com as necessidades de nossos semelhantes, em consonância com o genuíno evangelho de Cristo.

Observe-se que há grande potencial interpretativo, para o pentecostalismo, sob a ótica da *espiritualidade da diaconia*, na medida em que ele detém (ou deveria deter) grande “reserva religiosa”.²²¹ Todavia, parece-nos urgente não esquecer a ênfase no elemento ativista transformador do cristianismo: a perspectiva *profética* – a “obrigação religiosa” de que nos fala Paul Tillich –, sobre a qual passamos a tecer algumas considerações.

Profética – Na Bíblia, a primeira pessoa a ser chamada de profeta foi Abraão (Gn 20.7), mas a “profecia do Antigo Testamento recebeu sua forma normativa na vida e na pessoa de Moisés, que passou a constituir padrão de comparação para todos os profetas futuros”.²²² Profetas como Samuel, Elias, Isaías, Jeremias, Oséias, Amós, Miquéias, cada um a seu tempo, forneceram modelos clássicos para o papel profético, através da crítica que faziam à sociedade; da dedicação e do exemplo pessoal, expressando um novo sentido e esperança de salvação para a nação de Israel, advindos da mensagem messiânica.²²³

Normalmente, o modo através do qual a mensagem profética era comunicada dependia das circunstâncias, consistindo de visões, sonhos ou revelações diretas. Já de acordo com a experiência profética do Novo Testamento, no dia de Pentecostes, o apóstolo Pedro referiu-se ao batismo no Espírito Santo como a experiência unificadora e mantenedora dessa atividade no seio

²²¹ Conforme Paul Tillich, há duas linhas capazes de simbolizar o significado da existência humana: a vertical e a horizontal. A primeira indica o significado eterno, o elemento místico, o que poderíamos chamar de “reserva religiosa”; a segunda, a realização temporal desse significado, o elemento ativista, o que se poderia chamar de “obrigação religiosa”. Todas as religiões carregam as duas linhas necessariamente, embora algumas dêem mais ênfase numa do que na outra. “Para pronunciar a palavra transcendente, julgadora e transformadora ao nosso povo, ela deve considerar as duas direções, a vertical e a horizontal, em interdependência mútua. [...] As pessoas precisam entender de novo que não se pode fazer muita coisa sem muito receber. A religião é, em primeiro lugar, a mão aberta para receber dons e, depois, a mesma mão aberta para distribuir esses dons. Sem essa procedência da reserva religiosa, levando conosco algo eterno, de nada valerá o que fizermos para transformar o temporal, na perspectiva da obrigação religiosa.” TILLICH, 1992, p. 204 e 206.

²²² SHEDD, Russel P. (Ed.). *O Novo Dicionário da Bíblia*. São Paulo: Vida Nova, 1979, p. 1318.

²²³ Cf. OSBORNE, Grant R. *A espiral hermenêutica*. São Paulo: Vida Nova, 2009, p. 331.

do cristianismo: “os vossos filhos e as vossas filhas profetizarão, os vossos jovens terão visões, e os vossos velhos sonharão sonhos” (At 2.17).

A mensagem da proclamação do evangelho a toda criatura, conforme ordem e exemplo de Jesus, demanda um sentido de transformação material e social, como consequência imprescindível do novo nascimento: a regeneração espiritual (“limpa o interior do copo e do prato, para que o exterior também fique limpo”). Assim, não é razoável esquecer a componente *profética* da pregação cristã, como instrumento de denúncia das mazelas sociais e de realização da justiça e da paz na sociedade. Basta lembrar que o próprio Jesus associou seu ministério à promessa messiânica de fazer “triumfar o juízo” (Mt 12.20), preocupação que também moldou a atuação da igreja cristã, em seus primórdios. Através de Cristo, todos somos embaixadores, ou profetas, “como se Deus por nós rogasse” (2 Co 5.20).

Na opinião de Rodrigo G. Majewski, a crença de que o revestimento de poder espiritual tem como finalidade preparar o cristão para o serviço não deve ter uma interpretação restritiva, direcionada apenas à comunidade dos irmãos de fé. Deve voltar-se para a sociedade como um todo, auxiliando no desenvolvimento de uma consciência cidadã que vá além do mero individualismo, aproximando as pessoas, efetivando a atuação profética da igreja ao denunciar os desmandos²²⁴ e omissões de governos, nações e sistemas. “De igual modo, o avivamento é necessário em uma igreja que se mostra indiferente não só espiritual, mas também socialmente. Em um avivamento genuíno, a dimensão prática da fé (e conseqüentemente social) não pode ser ignorada”.²²⁵

Theodore W. Jennings Jr., ao analisar as perspectivas para o cristianismo contemporâneo, afirma que a igreja tem estado interessada em buscar respeitabilidade dentro da classe média, ou até mesmo das classes dominantes do país. Então, muitas pessoas que se localizam ao lado das aspirações de pessoas excluídas percebem a igreja como obstáculo para realizar a justiça e a misericórdia no mundo. A opção preferencial pela classe média tem norteado

²²⁴ Neste sentido, Walter Hollenweger cita o exemplo do teólogo alemão Dietrich Bonhoeffer, o qual, durante o tempo em que os nazistas governaram a Alemanha, colocou-se ao lado dos judeus, enquanto as revistas pentecostais demonstravam seu entusiasmo pelo Führer, e muitos evangelistas conservadores abraçaram o partido de Hitler. Como se sabe, Bonhoeffer veio a morrer na forca, preso que estava num campo de prisioneiros contrários ao regime nazista. O fato aconteceu em abril de 1945, pouco antes do final da II Guerra. Bonhoeffer tornou-se um dos mais conhecidos mártires cristãos do século 20. Cf. HOLLENWEGER, 1976, p. 407.

²²⁵ MAJEWSKI, 2010, p. 68.

as tradições institucionais, o discurso dos seminários, o modo de interpretar a Escritura, a forma de nomear pastores e selecionar lugares para abrir novas congregações. “A igreja é facilmente seduzida pelo ‘canto da sereia’ do sucesso e prosperidade mundana, pela falsa esperança de ganhar respeitabilidade e segurança dentro dos sistemas do mundo”.²²⁶ Sem dúvida, trata-se de um diagnóstico preciso e que enseja sérias reflexões.

Sob essa ótica, também Ricardo Mariano se mostra bastante cético em relação ao futuro e influência do pentecostalismo nos destinos de nosso país, prevendo flexibilização, ajustamento, assimilação e aculturação, através do arrefecimento da ênfase apocalíptica, retração do sectarismo e do ascetismo. Segundo ele, a conversão pentecostal não representa hoje – e nem implicaria, na hipótese de uma ampla futura conversão da população –, necessariamente uma mudança cultural profunda neste país de colonização e tradição católicas. “Isto, devido à ruptura que o pentecostalismo brasileiro tem efetuado com a fuga ascética do mundo e com o sectarismo, típico de religiões minoritárias e virtuosas em meio hostil”.²²⁷ É oportuno recordar a profecia de Jesus: “o amor de quase todos esfriará” (Mt 24.12).

Como princípio hermenêutico para a interpretação bíblica, Grant R. Osborne propõe que o cristão moderno *procure situações análogas*, na igreja de hoje para que consiga ouvir novamente a palavra profética.²²⁸

Uma vez que a profecia do Antigo Testamento foi apresentada a uma cultura que já saiu de cena, muitos supõem que ela já não fala aos nossos dias. Nada poderia estar mais longe da verdade. [...] Em 2 Cr.7.14 lê-se: “Se o meu povo, que se chama pelo meu nome, se humilhar, orar e buscar a minha presença, e se desviar dos seus maus caminhos, então ouvirei dos céus, perdoarei os seus pecados e sararei a sua terra.” A expressão “que se chama pelo meu nome” certamente incluiria os cristãos gentios e a promessa se aplicaria à igreja de hoje. De fato, uma leitura cuidadosa das características da profecia mostra a aplicabilidade desses temas ao nosso próprio tempo. A necessidade de habitar dentro da nova aliança de Deus, as advertências de julgamento e as promessas de salvação falam ao cristão moderno com a mesma voz

²²⁶ JENNINGS Jr, 2007, p. 109.

²²⁷ MARIANO, Ricardo. *Neopentecostais: sociologia do novo pentecostalismo no Brasil*. São Paulo: Loyola, 1999, p. 233.

²²⁸ Além do princípio citado, o autor menciona os seguintes: 1) Determine uma passagem específica, aprendendo a ‘pensar os oráculos’ seqüenciais a partir de sua linguagem, equilibrando o contexto histórico e o profético. 2) Determine a presença do significado literal ou simbólico. Recorde que “há um debate contínuo entre os partidários de uma abordagem literal para a profecia e aqueles que adotam uma posição simbólica, concentrando-se de algum modo nas escolas de interpretação dispensacionalista e amilenista.” 3) Descreva com cuidado as ênfases cristológicas, sem negar os possíveis significados históricos da profecia. 4) Não imponha um sistema teológico ao texto – que é um componente válido no arcabouço hermenêutico –, mas uma abordagem equilibrada permitirá “ao próprio texto questionar *a priori* e nos guiar para uma correta compreensão”. Cf. OSBORNE, 2009, p. 348.

retumbante que soou para os israelitas. A condenação da injustiça social e da imoralidade é tão necessária hoje como naquela época.²²⁹

Assim, “o Evangelho nos exige uma espiritualidade pessoal e pública”.²³⁰ A Bíblia ordena que devemos amar a Deus e ao próximo, ambos da mesma maneira.²³¹ Dennis McNutt afirma que nossa compreensão desses dois mandamentos é influenciada por sermos teologicamente conservadores ou liberais. Segundo ele, os conservadores – evangélicos fundamentalistas, pentecostais e carismáticos – parecem levar o primeiro mandamento mais a sério, estudando doutrina e teologia para descobrir a vontade de Deus para suas vidas e desenvolver seus dons espirituais. Todavia, tendem a prestar menos atenção aos ensinamentos bíblicos expressos, por exemplo, no Salmo 146, onde o Senhor declara que está ao lado dos oprimidos, famintos, prisioneiros, cegos, órfãos e viúvas, etc. Os teólogos liberais, entretanto, estariam mais inclinados a ouvir o chamado da Bíblia para a justiça social, não se preocupando muito com a devoção pessoal. Ora, “uma vida cristã plena tem de reconhecer que tanto nosso relacionamento com Deus quanto nosso relacionamento com os outros, pessoal e politicamente, são partes essenciais da vida cristã”.²³²

Sobre a atuação do cristão diante da política e dos governos, Claudionor C. Andrade afirma que a Igreja não deve envolver-se com um ativismo político (que defenda medidas extremas para mudar a ordem estabelecida), nem com um conformismo escatológico, inerte e alienado, aguardando o final dos tempos.²³³ A Igreja deve assumir sua *missão profética*,

²²⁹ OSBORNE, 2009, p. 350.

²³⁰ McNUTT, Dennis. Política para cristãos (e outros pecadores). In: PALMER, Michael D. (Ed.). *Panorama do pensamento cristão*. Rio de Janeiro: CPAD, 2001, p. 432.

²³¹ Hermann Brandt salienta que ambos os mandamentos são distintos. Assim, amar ao próximo não significa amar a Deus, pois, “em última análise, o homem seria novamente divinizado, e não apenas o próximo para o qual se dirige o amor, mas também principalmente o homem que pratica o amor. Em ambos os casos lesa-se o senhorio de Deus. [...] Isto então leva a uma atitude de superioridade em relação ao próximo. A situação deste, seus temores, suas necessidades, etc., realmente não são levadas a sério. Isto é uma consequência do fato do amor ao próximo ser encarado meramente como um meio do amor a Deus. Este amor não leva a sério o próximo e, em verdade, nem é amor porque ele ama o outro não por amor a ele, mas por amor a Deus”. BRANDT, Hermann. *O Espírito Santo*. São Leopoldo: Sinodal, 1985, p. 85.

²³² McNUTT, 2001, p. 431.

²³³ Segundo Cecília L. Mariz, “[...] o engajamento nas igrejas pentecostais é, assim, uma experiência de escolha e de ruptura com a tradição dominante e com a sua forma de ver o mundo e de viver. Essa experiência está assim relacionada com uma visão não fatalista da vida, ao reconhecer a capacidade do indivíduo de escolher ser e/ou agir de forma diferente do que sempre foi feito”. MARIZ, Cecília L. Pentecostalismo e a luta contra a pobreza no Brasil. In: GUTIERREZ, Benjamin; CAMPOS, Leonildo S. (Ed.). *Na Força do Espírito*. Cidade do México: AIPRAL; São Paulo: Pendão Real, 1996, p. 178.

conscientizando o mundo acerca do poder do evangelho e da justiça de Deus, através da pregação da Palavra de Deus. Segundo ele, “Deus instituiu os governos para garantir a ordem e a justiça social, por isso deve o crente submeter-se a eles. Todavia, se tais governos deixarem de exercer sua devida função, e passarem a agir no sentido contrário à Palavra de Deus, o cristão deverá obedecer a Deus e não mais aos homens”²³⁴, como afirmou Pedro diante das autoridades judaicas (At 4.19).

A afirmativa de Jesus – quanto ao fato de que seus discípulos deveriam ser o sal da terra e a luz do mundo (Mt 5.13) –, parece não deixar dúvidas quanto à realidade e à responsabilidade da vida cristã: afinal, o sal não deve tornar-se insípido e nem a luz deixar de iluminar. Essas são as características diaconais (sal que salga) e proféticas (luz que ilumina) da pregação e do testemunho da Igreja, para aqui e agora, e não apenas num futuro escatológico, que também não deve ser esquecido.

“A Reforma deve continuar”. Com essas palavras Friedrich Schleiermacher, há mais de um século, rebelou-se contra o protestantismo e a mentalidade dominante da época, para anunciar um novo tipo de protestantismo. Acreditava que o protestantismo e sua cultura precisavam de uma nova reforma protestante.²³⁵

Poderia o movimento pentecostal habilitar-se a responder a essas inquietações? Parece-nos que sim,²³⁶ desde que sua hermenêutica, atitude e prática doutrinária sejam reavaliadas, sob a ótica do serviço, da preocupação com o próximo, e da denúncia profética das injustiças sociais, sempre recordando as palavras de Jesus: “Eu vos dei o exemplo, para que façais o que eu fiz” (Jo13.15).

²³⁴ ANDRADE, 2008, p. 80.

²³⁵ ADAMS, 1992, p. 285.

²³⁶ De acordo com Juan Sepúlveda, “a irrupção de novas formas de cristianismo que enfatizam o ‘novo nascimento’, sejam elas estritamente pentecostais ou não, podem ser interpretadas não só como um movimento de restauração de um padrão primitivo (neotestamentário e pré-constantiniano) de experiência cristã, mas também como uma forma de protesto frente a um cristianismo no qual os ‘necessitados’ foram empurrados para a margem”. SEPÚLVEDA, Juan. “Nascidos de Novo”: Batismo e Espírito – Perspectiva Pentecostal. *Concilium*, Petrópolis: Vozes, n. 265, 1996, p. 128.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente dissertação pretendeu avaliar teologicamente os temas bíblicos estudados na Escola Dominical da *Igreja Assembléia de Deus*, no período entre 2000 e 2009. Foram utilizadas, como fontes de consulta primária, exemplares da revista trimestral *Lições Bíblicas*, a qual contém o material de apoio para o ensino ministrado a cada domingo, em todas as congregações da denominação.

No primeiro capítulo, fez-se uma contextualização histórica do Movimento Pentecostal, iniciado nos Estados Unidos em 1901, e de sua expansão em território brasileiro, onde sua principal representante é a Assembléia de Deus. A seguir, foram apresentadas algumas especificidades da teologia pentecostal, através do pensamento de autores que destacaram, por exemplo, o *princípio pentecostal* – como rejeição a qualquer mediação cultural para a atuação do Espírito Santo –; o caráter oral e experimental do pentecostalismo; a pentecostalidade; o surgimento e ascensão do neopentecostalismo e sua teologia da prosperidade.

A partir da exposição e análise do conteúdo desenvolvido pelas revistas da Escola Dominical, o segundo capítulo trata da leitura pentecostal da Bíblia. Foram avaliados teologicamente os temas mais relevantes, tais como: *Inspiração da Bíblia Sagrada* – Tópico mais estudado ao longo da última década, o que não surpreende, se lembrarmos que a Reforma Protestante, o movimento pentecostal, e também a *Igreja Assembléia de Deus* sempre acreditaram na inspiração verbal e plenária da Bíblia, como regra de fé e prática. *Volta de Jesus* – Este também foi um tema bastante frequente até 2007, quando se verifica relativa mudança de orientação, após a adoção do novo currículo para a Escola Dominical. Desde então, o assunto não foi novamente estudado, o que possivelmente reflete uma alteração nos rumos da interpretação escatológica da Bíblia, desenvolvida pela Assembléia de Deus. *Disciplinas da vida cristã* – Assunto recorrente, de caráter devocional e eminentemente prático, analisado sob a perspectiva do exemplo e ensino de Jesus e do apóstolo Paulo. *Jesus* – A doutrina pentecostal adota uma abordagem cristocêntrica, ressaltando a divindade e a humanidade de Jesus, nele coexistindo as duas naturezas, que não se confundem, mantendo suas características peculiares em uma mesma pessoa. *Batismo com o Espírito Santo* – Chama a atenção o fato de que este tema, básico na pregação pentecostal, não tenha recebido ênfase proporcional à sua importância: foi tão estudado quanto a teologia da prosperidade, por exemplo. Talvez expresse significativa alteração na

trajetória da Assembléia de Deus, como representante do movimento pentecostal, com relativo esfriamento do fervor característico dos primeiros tempos e a conseqüente institucionalização do carisma.²³⁷ *Teologia da prosperidade* – Defendida pelas igrejas neopentecostais, em sua pregação e prática litúrgica, o tema surpreende pela freqüência com que foi mencionado – com referências nem sempre positivas, considerando-se que a Assembléia de Deus discorda desse enfoque doutrinário –, possivelmente porque sente a ameaça da concorrência, ao perder membros para aquelas igrejas. *Curas e milagres* – Na última década, apenas em 2007 o assunto voltou a ser estudado na Escola Dominical, o que desperta a atenção, considerando-se que a pregação básica do pentecostalismo sempre foi: “Jesus salva, cura, batiza com o Espírito Santo e voltará”.

O terceiro capítulo conclui, a partir dos principais temas avaliados, que a leitura bíblica praticada pela Assembléia de Deus, é gerida por uma hermenêutica pentecostal *conservadora* – com traços fundamentalistas, orientados pelo dispensacionalismo –, e *experimental*, destacando o valor teológico da narrativa do dia de Pentecostes, como experiência paradigmática para o batismo no Espírito Santo. A seguir, apresentou-se a sugestão de uma nova perspectiva para a interpretação bíblica pentecostal, através da adoção de duas outras ênfases: a *diaconal* – como disponibilidade para servir à Igreja e à comunidade – e a *profética*, no sentido de denúncia das mazelas sociais e busca da justiça. Em termos práticos, isso implicaria em abrir as portas da igreja para o atendimento aos necessitados, com real possibilidade de renovação da dinâmica pentecostal e a progressiva superação da institucionalização e da burocratização do carisma, através da *espiritualidade da diaconia*. Assim, o que se sugere é a revisão da prática doutrinária e hermenêutica da Assembléia de Deus, sob o prisma do serviço e da preocupação com o próximo (dimensão *profética*).

Como se pode verificar, pela exposição dos parágrafos precedentes, a pesquisa realizada foi bem sucedida, pois logrou alcançar seu objetivo: determinar a leitura pentecostal da Bíblia, na *Igreja Assembléia de Deus*, a partir dos tópicos estudados na Escola Dominical, na última década.

²³⁷ Na opinião de Max Weber, as religiões movem-se em padrões cíclicos. Na primeira parte de um ciclo, um líder carismático desempenha um papel proeminente, transmitindo uma visão nova e poderosa. A seguir, os discípulos entram na fase caracterizada pelo formalismo, quando são consolidados (e formalizados) os *insights* do líder. Os seguidores empenham-se em manter o poder e a vitalidade das mensagens, como recebidas do fundador. Com o passar do tempo, a novidade dá lugar à rotina, a espontaneidade dá lugar à institucionalização, seguindo horário fixo. Os discípulos separam-se em facções: os que aderem às rotinas da instituição, e os que tentam recapturar a vitalidade da mensagem original do fundador. A tensão entre essas duas facções pode durar muito tempo, mas eventualmente uma divisão acontece e o ciclo recomeça, quando uma nova figura carismática surge, com nova visão. Cf. WEBER, Max *apud* PALMER, Michael D. (Ed.) *Panorama do Pensamento Cristão*. Rio de Janeiro: CPAD, 2001, p. 53.

Para tanto, foram identificados os assuntos proeminentes no currículo, o enfoque hermenêutico utilizado na abordagem dos temas, e analisados os motivos que fazem com que temas, freqüentes no passado, hoje estejam ausentes e vice-versa.

As escolhas metodológicas e sua operacionalização se revelaram adequadas para os objetivos da pesquisa. Todavia, é digno de nota que o tema comporta desdobramentos para pesquisas futuras, principalmente no que diz respeito a questões específicas da hermenêutica pentecostal. Ou seja, é possível – e desejável –, um aprofundamento da pesquisa visando identificar as alterações na matriz teológica dos assuntos estudados, sob o pano de fundo de um maior distanciamento e/ou isenção histórica. Assim, se poderia estabelecer um recorte comparativo com diferença maior, por exemplo, de trinta anos, entre 1960 – 1969 e 2000 – 2009, com a conseqüente ampliação do campo de estudo da teologia pentecostal.

Neste ponto, vale recordar as palavras de Karl Barth, para quem

“Jesus Cristo, nosso Senhor”: este é o evangelho e o sentido da história; neste nome encontram-se e separam-se dois mundos; interceptam-se dois planos. Um conhecido e outro desconhecido. O plano conhecido é o plano da carne, dos homens, do tempo e da matéria, o nosso mundo que foi, originalmente, criado por Deus, mas perdeu a sua unidade com ele e, havendo decaído, necessita de redenção. Este plano conhecido é cortado por outro, desconhecido dos homens, que é o mundo do Pai, o mundo da criação original e da redenção final. [...] Jesus, como Cristo, é o plano desconhecido que corta o nosso, perpendicularmente, vindo do alto.²³⁸

Para a hermenêutica pentecostal, essa ingerência do plano divino no plano humano é interpretada a partir de uma visão linear e contínua da história, em que o presente e o futuro estão intimamente relacionados,²³⁹ segundo um propósito pré-definido, onde nada ocorre por acaso. Ou seja, o reino de Deus efetivase no *presente* através da atuação da Igreja, proclamando o

²³⁸ BARTH, Karl. *Carta aos Romanos*. São Paulo: Novo Século, 2003, p. 29 e 30.

²³⁹ “A chave hermenêutica de muita coisa no Novo Testamento, e especialmente o ministério e o ensino de Jesus, acha-se nesse tipo de ‘tensão’ [entre o *presente* e o *futuro*, entre o *já* e o *ainda não*]. Precisamente porque o reino, o tempo e o reinado de Deus, foi inaugurado com a própria vinda de Jesus, somos chamados para a vida no reino, que significa a vida sob Seu senhorio, livremente aceitos e perdoados, mas agora dedicados à ética da nova era, e a vê-la concretizada em nossas próprias vidas e em nosso próprio mundo nesta era presente. Conseqüentemente, quando oramos: ‘Venha o teu reino’, oramos primeiramente em prol da consumação. Mas porque o reino que ansiamos por ver consumado já começou, a mesma oração está cheia de implicações para o presente”. FEE, Gordon D.; STUART, Douglas. *Entendes o que lês?* : Um guia para entender a Bíblia com o auxílio da exegese e da hermenêutica. São Paulo: Vida Nova, 1984, p. 119. A propósito, Joachim Jeremias afirma – ao analisar o sentido da oração modelo ensinada por Jesus –, que “se pretendêssemos recapitular numa expressão os mistérios inesgotáveis que encerram as poucas frases do *pai-nosso*, a mais apropriada seria uma que tem ocupado notavelmente a investigação neotestamentária dos últimos decênios: *escatologia em realização*. Esta expressão se refere ao tempo salvífico atualizando-o, ao dom antecipado do cumprimento, à irrupção do *hoje* da divindade em nossas vidas [grifos do autor]”. JEREMIAS, Joachim. *Estudos no Novo Testamento*. São Paulo: Academia Cristã, 2006, p. 76.

evangelho como embaixadora de Cristo, trabalhando “enquanto é dia” (Jo 9.4). A dimensão *futura* do reino de Deus é o alvo da “bem-aventurada esperança” (Tt 2.13), como “âncora da alma, segura e firme, e que penetra até o interior do véu” (Hb 6.19), pois “nossa pátria está nos céus” (Fp 3.20). Então, a crença na atualidade da promessa do Pentecostes permite recordar que “o dom do Espírito Santo é um selo e uma ‘primeira prestação’ daquilo que receberemos em maior plenitude na nossa herança futura como filhos de Deus (Ef 1.13,14)”.²⁴⁰

Não por força nem por violência, mas pelo meu Espírito, diz o Senhor dos Exércitos (Zc 4.6).

²⁴⁰ HORTON, 2008, p. 616.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ADAMS, James L. O conceito de era protestante segundo Paul Tillich. In: TILLICH, Paul. *A Era Protestante*. São Paulo: Ciências da Religião, 1992.
- ALENCAR, Gedeon F. de. *Todo poder aos pastores, todo trabalho ao povo, e todo louvor a Deus. Assembléia de Deus: origem, implantação e militância*. Dissertação de mestrado. São Bernardo do Campo: UMESP, 2000.
- _____. La Instrumentalización del Poder Divino: Analogía entre la Ética Neopentecostal y la Candomblecista. In: CHIQUETE, Daniel; ORELLANA, Luiz.(Eds.) *Voces del Pentecostalismo Latinoamericano*, v.1. Concepción: RELEP, Red Latinoamericana de Estudios Pentecostales, 2003, p. 165-172.
- _____. Matriz Pentecostal Brasileira: Assembléia de Deus. *Simpósio*, São Paulo: ASTE, n.48, p. 11-35, 2008.
- ANDRADE, Claudionor C. *Lições Bíblicas*. Quando a idolatria ameaça a Igreja de Cristo. Rio de Janeiro: CPAD, out./dez.2000.
- _____. *Lições Bíblicas*. Batalhando pela genuína fé cristã Rio de Janeiro: CPAD, jan./mar.2002.
- _____. *Lições Bíblicas*. O sofrimento dos justos e o seu propósito. Rio de Janeiro: CPAD, jan./mar.2003.
- _____. *Lições Bíblicas*. A doutrina das últimas coisas. Rio de Janeiro: CPAD, out./dez.2004.
- _____. *Lições Bíblicas*. As verdades centrais da fé cristã. Rio de Janeiro: CPAD, out./dez.2006.
- _____. *Lições Bíblicas*. As disciplinas da vida cristã. Rio de Janeiro: CPAD, abr./jun.2008a.
- _____. A inspiração da Bíblia. In: GILBERTO, Antonio (Ed.). *Teologia Sistemática Pentecostal*. Rio de Janeiro: CPAD, 2008b, p. 7-52.
- ANTONIAZZI, Alberto et al. *Nem anjos nem demônios: Interpretações sociológicas do pentecostalismo*. Petrópolis: Vozes, 1994.
- ARAÚJO, Isael de. *Dicionário do Movimento Pentecostal*. Rio de Janeiro: CPAD, 2007.
- BARTH, Karl. *Carta aos Romanos*. São Paulo: Novo Século, 2003.
- BAUMAN, Zygmunt. *O mal-estar da pós-modernidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.
- BERG, Daniel. *Enviado por Deus: memórias de Daniel Berg*. Rio de Janeiro: CPAD, 1982.

BERGSTÉN, Eurico. *Lições Bíblicas. A pessoa e a obra do Espírito Santo*. Rio de Janeiro: CPAD, jan./mar.2004.

BEULKE, Gisela (Org.). *Diaconia: um chamado para servir*. São Leopoldo: Sinodal, 1997.

BÍBLIA DE ESTUDO PENTECOSTAL. Tradução de João Ferreira de Almeida, ed. rev. e corrigida. Comentários de Donald C. Stamps. Rio de Janeiro: CPAD, 2008.

BÍBLIA DE SCOFIELD. Tradução de João Ferreira de Almeida, ed. rev. e atualizada. Referências e anotações de C.I. Scofield. Barueri: SBB, 1983.

BOBSIN, Oneide. *Correntes religiosas e globalização*. São Leopoldo: CEBI, 2002; Curitiba: PPL, 2002; São Leopoldo: IEPG-EST, 2002.

BRAKEMEIER, Gottfried. *A autoridade da Bíblia*. São Leopoldo: Sinodal; CEBI, 2003.

BRANDT, Hermann. *O Espírito Santo*. São Leopoldo: Sinodal, 1985.

CABRAL, Elienai. *Lições Bíblicas. Doutrinas Bíblicas*. Rio de Janeiro: CPAD, jan./mar.2001.

_____. *Lições Bíblicas. Abraão*. Rio de Janeiro: CPAD, out./dez.2002.

_____. *Lições Bíblicas. Mordomia Cristã*. Rio de Janeiro: CPAD, out./dez.2003.

_____. *Lições Bíblicas. Parábolas de Jesus*. Rio de Janeiro: CPAD, abr./jun.2005.

_____. *Lições Bíblicas. A Igreja e a sua Missão*. Rio de Janeiro: CPAD, jan./mar.2007.

_____. *Lições Bíblicas. Livro de Josué*. Rio de Janeiro: CPAD, jan./mar.2009.

CAMPOS, Bernardo. *Da reforma protestante à pentecostalidade da igreja*. São Leopoldo: Sinodal; Quito: CLAI, 2002.

CAMPOS, Leonildo Silveira. Raízes Históricas, Sociais e Teológicas do Movimento Pentecostal. *Simpósio*, São Paulo: ASTE, n. 48, p. 36-72, 2008.

CENSO IBGE (2000). Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/população/censo2000/população/religião_censo2000.pdf>. Acesso em: 30 nov. 2010.

CESAR, Waldo; SHAULL, Richard. *Pentecostalismo e futuro das igrejas cristãs*. Petrópolis: Vozes; São Leopoldo: Sinodal, 1999.

CHIQUETE, Daniel. El Espacio Litúrgico en el Pentecostalismo Mexicano: Acercamiento Teológico a la Arquitectura Pentecostal. In: CHIQUETE, Daniel; ORELLANA, Luis. (Eds.) *Voces del Pentecostalismo Latinoamericano*, v.1. Concepción: RELEP, Red Latinoamericana de Estudios Pentecostales, 2003, p.198-212.

_____. Por los caminos de Espíritu: Esbozo de pneumatologia pentecostal desde la Carta a los Gálatas. In: CHIQUETE, Daniel; ORELLANA, Luis (Ed.) *Voces del Pentecostalismo Latinoamericano*, v.2. Concepción: RELEP, Red Latinoamericana de Estudios Pentecostales, 2009, p. 119-138.

COLSON, Charles; PEARCEY, Nancy. *O cristão na cultura de hoje*. Rio de Janeiro: CPAD, 2006.

CONDE, Emilio. *História das Assembléias de Deus no Brasil*. Rio de Janeiro: CPAD, 2008.

CORTEN, André. *Os Pobres e o Espírito Santo: Pentecostalismo no Brasil*. Petrópolis: Vozes, 1996.

COUTO, Geremias do. *Lições Bíblicas*. Sermão do Monte. Rio de Janeiro: CPAD, abr./jun.2001.

_____. *Lições Bíblicas*. E agora, como viveremos? Rio de Janeiro: CPAD, out./dez.2005.

_____. *Lições Bíblicas*. As promessas de Deus para a sua vida. Rio de Janeiro: CPAD, out./dez.2007.

DICIONÁRIO BRASILEIRO DA LÍNGUA PORTUGUESA. São Paulo: Encyclopaedia Britannica do Brasil, 1990.

FEE, Gordon D.; STUART, Douglas. *Entendes o que lêes?* Um guia para entender a Bíblia com o auxílio da exegese e da hermenêutica. São Paulo: Vida Nova, 1984.

FOLHA DE S. PAULO, São Paulo, p.20, 15 ago. 2011.

FRESTON, Paul et al. *Nem Anjos Nem Demônios: Interpretações Sociológicas do Pentecostalismo*. Petrópolis: Vozes, 1994.

GABY, Wagner dos Santos. *Lições Bíblicas*. As doenças do nosso século. Rio de Janeiro: CPAD, jul./set.2008.

GAEDE NETO, Rodolfo. *A diaconia de Jesus*. São Leopoldo: Sinodal; CEBI; São Paulo: Paulus, 2001.

GALINDO, Florêncio. *O fenômeno das seitas fundamentalistas*. Petrópolis: Vozes, 1995.

GEISLER, Norman. *Teologia Sistemática*, 2 v. Rio de Janeiro: CPAD, 2010.

GEORGE, Timothy. *Teologia dos Reformadores*. São Paulo: Vida Nova, 1994.

GILBERTO, Antonio. *Manual da Escola Dominical*. 15ª ed. Rio de Janeiro: CPAD, 1996.

_____. *Lições Bíblicas*. Estudo sobre Avivamento. Rio de Janeiro: CPAD, jan./mar.2000.

- _____. *Lições Bíblicas*. O Fruto do Espírito. Rio de Janeiro: CPAD, jan./mar.2005.
- _____. *Lições Bíblicas*. As Doutrinas Bíblicas Pentecostais. Rio de Janeiro: CPAD, jul./set.2006.
- _____. (Ed.) *Teologia Sistemática Pentecostal*. Rio de Janeiro: CPAD, 2008.
- _____. Pneumatologia: A Doutrina do Espírito Santo. In: GILBERTO, Antonio (Ed.). *Teologia Sistemática Pentecostal*. Rio de Janeiro: CPAD, 2008, p.173-244.
- _____. *Lições Bíblicas*. I Coríntios. Rio de Janeiro: CPAD, abr./jun.2009.
- GONÇALVES, José. *Lições Bíblicas*. Davi. Rio de Janeiro: CPAD, out./dez.2009.
- GUTIERREZ, Benjamin; CAMPOS, Leonildo S. (Eds.). *Na Força do Espírito*. Cidade do México: AIPRAL, São Paulo: Pendão Real, 1996.
- GRUDEN, Wayne. *Teologia Sistemática*. São Paulo: Vida Nova, 1999.
- HÄGGLUND, Bengt. *História da Teologia*. Porto Alegre: Concórdia, 1999.
- HIGGINS, John R. A Palavra inspirada de Deus. In: HORTON, Stanley M. (Ed.). *Teologia Sistemática: uma perspectiva pentecostal*. Rio de Janeiro: CPAD, 2008, p. 65-123.
- HOLLENWEGER, Walter. *El Pentecostalismo*. Buenos Aires: La Aurora, 1976.
- HORTON, Stanley M. (ed.). *Teologia Sistemática: uma perspectiva pentecostal*. Rio de Janeiro: CPAD, 2008.
- JENNINGS Jr, Theodore W. *Wesley e o mundo atual*. São Bernardo do Campo: Editeo, 2007.
- JEREMIAS, Joachim. *Estudos no Novo Testamento*. São Paulo: Academia Cristã, 2006.
- LIÇÕES BÍBLICAS. Rio de Janeiro: CPAD, trimestral, jan.2000/dez.2009.
- LIENHARD, Marc. *Martim Lutero: tempo, vida e mensagem*. São Leopoldo: Sinodal, 1998.
- LIM, David. Os Dons Espirituais. In: HORTON, Stanley M. (Ed.). *Teologia Sistemática: uma perspectiva pentecostal*. Rio de Janeiro: CPAD, 2008, p. 466-500.
- LIRA, Eliezer. *Lições Bíblicas*. A esperança do cristão em tempos de angústia. Rio de Janeiro: CPAD, out./dez.2001.
- _____. *Lições Bíblicas*. Família Cristã. Rio de Janeiro: CPAD, abr./jun.2004.
- _____. *Lições Bíblicas*. Salvação e Justificação. Rio de Janeiro: CPAD, jan./mar.2006.
- _____. *Lições Bíblicas*. A busca do caráter cristão. Rio de Janeiro: CPAD, jul./set.2007.

_____. *Lições Bíblicas. I João*. Rio de Janeiro: CPAD, jul./set.2009.

LUTERO, Martinho. Catecismo Maior e Menor. In: *Obras Seleccionadas*, v.7. São Leopoldo: Sinodal; Porto Alegre: Concórdia, 2000, p. 313-470.

_____. *Educação e Reforma*. São Leopoldo: Sinodal; Porto Alegre: Concórdia, 2000.

_____. *Do Cativo Babilônico da Igreja*. São Paulo: Martim Claret, 2006.

MAJEWSKI, Rodrigo G. *Assembléia de Deus e Teologia Pública: o discurso pentecostal no espaço público*. Dissertação de mestrado. São Leopoldo: EST, 2010.

MARIANO, Ricardo. *Neopentecostais: sociologia do novo pentecostalismo no Brasil*. São Paulo: Loyola, 1999.

MARIZ, Cecília L. Pentecostalismo e a luta contra a pobreza no Brasil. In: GUTIERREZ, Benjamin; CAMPOS, Leonildo S.(Eds.). *Na Força do Espírito*. Cidade do México: AIPRAL, São Paulo: Pendão Real, 1996, p. 169-189.

MARTÍNEZ, José M. *Hermenêutica Bíblica*. Barcelona: Libros CLIE, 1984.

McGEE, Gary B. Panorama Histórico. In: HORTON, Stanley M. (Ed.). *Teologia Sistemática: uma perspectiva pentecostal*. Rio de Janeiro: CPAD, 2008, p.11-41.

McGRATH, Alister E. *Teologia Sistemática, História e Filosófica*. São Paulo: Shedd Publicações, 2005.

McNUTT, Dennis. Política para cristãos (e outros pecadores). In: PALMER, Michael D. (Ed.). *Panorama do pensamento cristão*. Rio de Janeiro: CPAD, 2001, p. 428-442.

MENDONÇA, Antonio G.; VELASQUES FILHO, Prócoro. *Introdução ao Protestantismo no Brasil*. São Paulo: Loyola, 1990.

MENDONÇA, Antonio G. *Protestantes, Pentecostais e Ecumênicos*. São Bernardo do Campo: UESP, 1997.

MENSAGEIRO DA PAZ, Rio de Janeiro, n. 1506, nov. 2010.

_____. Rio de Janeiro, n. 1512, mai. 2011.

_____. Rio de Janeiro, n. 1513, jun. 2011.

MENZIES, William W.; HORTON, Stanley M. *Doutrinas bíblicas: os fundamentos da nossa fé*. Rio de Janeiro: CPAD, 2006.

MOLTMANN, Jürgen. *O Espírito da Vida*. Petrópolis: Vozes, 1998.

- MÜLLER, Ênio. Um balanço da Teologia da Libertação como *intellectus amoris*. In: SUSIN, Luiz C. (Org.) *Sarça Ardente*. Teologia na América Latina: perspectivas. São Paulo: Paulinas, 2000, p. 41-47.
- NANJARÍ, Cecília C. Liturgia Pentecostal: Características y Desafios del Culto Pentecostal Chileno. In: CHIQUETE, Daniel; ORELLANA, Luis. (Eds.) *Voces del Pentecostalismo Latinoamericano*, v.1. Concepción: RELEP, Red Latinoamericana de Estudios Pentecostales, 2003, p. 175-195.
- NICHOLS, David R. O Senhor Jesus Cristo. In: HORTON, Stanley M. (Ed.). *Teologia Sistemática: uma perspectiva pentecostal*. Rio de Janeiro: CPAD, 2008, p. 301-334.
- NOGUEIRA, Paulo A. S. Leitura Bíblica Fundamentalista no Brasil. *Caminhando*, São Bernardo do Campo, v.7, n.2, p. 31-49, 2002.
- NORDSTOKKE, Kjell. Diaconia. In: SCHNEIDER-HARPPRECHT, Christoph (Org.) *Teologia Prática no contexto da América Latina*, 2ª ed. São Leopoldo: Sinodal; ASTE, 2005, p. 268-290.
- OLIVEIRA, David Mesquiati de. *Missão, cultura e transformação: desafios para a prática missionária comunicativa*. São Leopoldo: Sinodal; Quito: CLAI, 2011.
- ORO, Ari P. A miragem dos fundamentalismos sectários na América Latina. In: DE BONI, Luis A. (Org.). *Fundamentalismo*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1995, p. 37-50.
- OSBORNE, Grant R. *A espiral hermenêutica*. São Paulo: Vida Nova, 2009.
- PALMER, Michael D. (Ed.) *Panorama do Pensamento Cristão*. Rio de Janeiro: CPAD, 2001.
- PALMER, Richard. *Hermenêutica*. Lisboa: Edições 70, 1989.
- PEARLMAN, Myer. *Conhecendo as doutrinas da Bíblia*. Miami: Vida, 1977.
- PROENÇA, Shirley M.S. Escola Dominical. In: *Dicionário Brasileiro de Teologia*. São Paulo: ASTE, 2008, p. 364.
- PURDY, Vernon. A Cura Divina. In: HORTON, Stanley M. (Ed.). *Teologia Sistemática: uma perspectiva pentecostal*. Rio de Janeiro: CPAD, 2008, p. 501-534.
- RAILEY Jr., James H.; AKER, Benny C. Fundamentos Teológicos. In: HORTON, Stanley M. (Ed.). *Teologia Sistemática: uma perspectiva pentecostal*. Rio de Janeiro: CPAD, 2008, p.43-63.
- RENOVATO, Elinaldo. *Lições Bíblicas*. Os ensinamentos de Jesus para o homem atual. Rio de Janeiro: CPAD, abr./jun.2000.
- _____. *Lições Bíblicas*. Hebreus. Rio de Janeiro: CPAD, jul./set.2001.

_____. *Lições Bíblicas*. Ética Cristã. Rio de Janeiro: CPAD, jul./set.2002.

_____. *Lições Bíblicas*. Aprendendo diariamente com Cristo. Rio de Janeiro: CPAD, jul./set. 2003.

_____. *Lições Bíblicas*. Colossenses. Rio de Janeiro: CPAD, jul./set.2004.

_____. *Lições Bíblicas*. Vida santa até a volta de Cristo. Rio de Janeiro: CPAD, jul./set.2005.

_____. *Lições Bíblicas*. Tempos trabalhosos. Rio de Janeiro: CPAD, abr./jun.2007.

_____. *Lições Bíblicas*. O Deus do Livro e o Livro de Deus. Rio de Janeiro: CPAD, out./dez. 2008.

SEPÚLVEDA, Juan. “Nascidos de Novo”: Batismo e Espírito – Perspectiva Pentecostal. *Concilium*, Petrópolis: Vozes, n. 265, p. 122-128, 1996.

_____. El ‘Principio Pentecostal’. Reflexiones a Partir de los Orígenes del Pentecostalismo en Chile. In: CHIQUETE, Daniel; ORELLANA, Luis (Eds.). *Voces del Pentecostalismo Latinoamericano*, v.1. Concepción: RELEP, Red Latinoamericana de Estudios Pentecostales, 2003, p. 9-15.

SHEDD, Russel P. (Ed.). *O Novo Dicionário da Bíblia*, 3 v. São Paulo: Vida Nova, 1979.

SILVA, Severino P. Cristologia: A Doutrina de Cristo. In: GILBERTO, Antonio (Ed.). *Teologia Sistemática Pentecostal*. Rio de Janeiro: CPAD, 2008, p.117-169.

SOARES, Esequias. *Lições Bíblicas*. Evangelismo e missões. Rio de Janeiro: CPAD, jul./set. 2000.

_____. *Lições Bíblicas*. Oséias. Rio de Janeiro: CPAD, abr./jun.2002.

_____. *Lições Bíblicas*. Visão panorâmica do Antigo Testamento. Rio de Janeiro: CPAD, abr./jun.2003.

_____. *Lições Bíblicas*. Heresias e modismos. Rio de Janeiro: CPAD, abr./jun.2006.

_____. *Lições Bíblicas*. Jesus Cristo – verdadeiro homem, verdadeiro Deus. Rio de Janeiro: CPAD, jan./mar.2008.

SOUZA, Beatriz M. de. *A Experiência da Salvação: pentecostais em São Paulo*. São Paulo: Duas Cidades, 1969.

SYNAN, Vinson. *O Século do Espírito Santo*. São Paulo: Vida, 2009.

TESSMANN, Mário F. Pietismo. In: *Dicionário Brasileiro de Teologia*. São Paulo: ASTE, 2008, p. 787.

TILLICH, Paul. *A Era Protestante*. São Paulo: Ciências da Religião, 1992.

TORREY, Reuben A. (Ed.). *Os Fundamentos*. São Paulo: Hagnos, 2005.

VINGREN, Ivar. *Gunnar Vingren: O Diário do pioneiro*. Rio de Janeiro: CPAD, 1973.

WYCKOFF, John W. O Batismo no Espírito Santo. In: HORTON, Stanley M. (Ed.). *Teologia Sistemática: uma perspectiva pentecostal*. Rio de Janeiro: CPAD, 2008, p. 431-463.

ZABATIERO, Júlio P. T. Novos rumos na pesquisa bíblica. *Estudos Teológicos*. São Leopoldo: Sinodal, v. 46, n.1, p. 22-33, 2006.

ZIBORDI, Ciro Sanches. Escatologia: A Doutrina das Últimas Coisas. In: GILBERTO, Antonio (Ed.). *Teologia Sistemática Pentecostal*. Rio de Janeiro: CPAD, 2008, p.485-560.

ZWETSCH, Roberto. Sobre la experiencia del Espíritu y las debilidades humanas. In: CHIQUETE, Daniel; ORELLANA, Luis (Eds.). *Voces del Pentecostalismo Latinoamericano*, v. 2. Concepción: RELEP, Red Latinoamericana de Estudios Pentecostales, 2003, p. 97-117.

_____. Missão – testemunho do evangelho no horizonte do reino de Deus. In: SCHNEIDER-HARPPRECHT, Christoph (Org.) *Teologia Prática no contexto da América Latina*, 2ª ed. São Leopoldo: Sinodal; ASTE, 2005, p. 196-220.

_____. Evangelho, missão e culturas – o desafio do século XXI In: SCHNEIDER-HARPPRECHT, Christoph (Org.) *Teologia Prática no contexto da América Latina*, 2ª ed. São Leopoldo: Sinodal; ASTE, 2005, p. 221-244.

APÊNDICES

APÊNDICE A – TEMAS ESTUDADOS NA ESCOLA DOMINICAL IGREJA ASSEMBLÉIA DE DEUS (2000-2009)

ANO	TRIMESTRES			
	1º	2º	3º	4º
2000	Avivamento pentecostal	Ensinos de Jesus para o homem atual	Evangelismo e missões	Idolatria
2001	Doutrinas bíblicas	Sermão do Monte	Epístola aos Hebreus	Epístolas de Pedro
2002	Genuína fé cristã	Oséias	Ética cristã	Abraão
2003	O sofrimento dos justos	Antigo Testamento	Vida cristã	Mordomia cristã
2004	Pessoa e obra do Espírito Santo	Família cristã	Epístola aos Colossenses	Escatologia
2005	O fruto do Espírito	Parábolas de Jesus	A vida até a volta de Cristo	Resposta cristã para tempos de crise moral
2006	Salvação e Justificação	Heresias e modismos	Doutrinas bíblicas pentecostais	As verdades centrais da fé cristã
2007	A Igreja e sua missão	Desafios deste século	Caráter cristão	As promessas de Deus
2008	Jesus Cristo: divindade e humanidade	Disciplinas da vida cristã	Doenças de nosso século (e curas)	A Bíblia
2009	Josué	1ª. Epístola aos Coríntios	1ª. Epístola de João	Davi

**APÊNDICE B – PRINCIPAIS ASSUNTOS ESTUDADOS – ESCOLA BÍBLICA DOMINICAL
IGREJA ASSEMBLÉIA DE DEUS (2000 – 2009)**

ORDEM	ASSUNTOS*	ANOS									
		2000	2001	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009
1	Inspiração da Bíblia		X	X	X		X	X	X	X	
2	Volta de Jesus	X	X		X	X	X	X	X		
3	Disciplinas da vida cristã**	X			X	X	X		X	X	X
4	Jesus	X	X					X		X	X
5	Batismo com o Espírito Santo		X			X	X	X	X		
6	Teologia da Prosperidade	X			X	X		X	X		
7	Falsas doutrinas			X		X	X	X	X		
8	Pureza sexual	X	X	X		X	X				
9	Ética cristã		X	X			X			X	X
10	Atributos de Deus		X			X		X		X	
11	Curas e milagres								X	X	X
12	Plano de Salvação***	X	X					X			
13	Dízimos e ofertas	X			X					X	
14	Aborto	X		X			X				
15	Anjos	X	X					X			
16	Divórcio e casamento			X		X					
17	Educação de filhos				X	X					

Obs.: * Alguns assuntos foram estudados em mais de um trimestre, em certos anos.

** Inclui assuntos como: Oração, Fé, Obediência, Jejum, Perdão, etc.

*** Inclui assuntos como: Regeneração, Santificação, Justificação pela Fé, Pecado, etc.